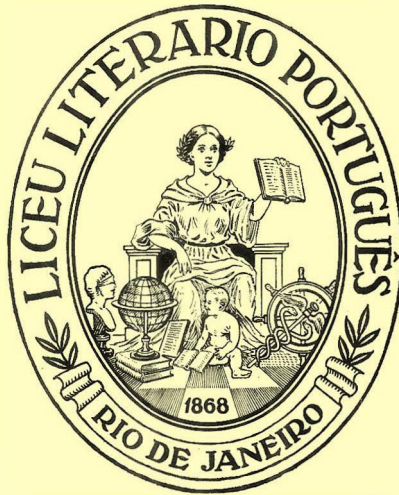


CONFLUÊNCIA

REVISTA
DO
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Per multipulum ad unum



N.º 8 - 2.º semestre de 1994 - Rio de Janeiro

CONFLUÊNCIA

Per multiplum ad unum

*"As armas e padrões portugueses
postos em África, e em Ásia, e em
tantas mil ilhas fora da repartiçam
das três partes da terra, materiaes
sam, e pode-as o tempo gastar: però
nã gastará doutrina, costumes,
linguagem, que os portugueses
nestas terras leixarem."*

(JOÃO DE BARROS, *Diálogo em Louvor
da Nossa Linguagem*)



N.º 8 - 2.º semestre de 1994 - Rio de Janeiro

CONFLUÊNCIA

REVISTA
DO
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS
Presidente: Edison Chini

CENTRO DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS
Diretor: Antonio Gomes da Costa

DIRETORIA DO I.L.P.
Edison Chini (Presidente)
Sílvio Elia (Vice-Presidente)
Gladstone Chaves de Melo
Maximiano de Carvalho e Silva
Evanildo Bechara
Antônio Basílio Rodrigues

CONFLUÊNCIA
Diretor: Evanildo Bechara
Comissão de Redação:
Sílvio Elia
Gladstone Chaves de Melo
Maximiano de Carvalho e Silva
Antônio Basílio Rodrigues

Produção Gráfica
Editora Lucerna Ltda

Pede-se permuta
Pídese canje
On demande l'échange
Si chiede lo scambio
We ask for exchange
Man bitte um Austausch

Endereço para correspondência:
Liceu Literário Português
Rua Senador Dantas, 118
CEP 20031-201 - Rio de Janeiro - RJ
Brasil

A matéria da colaboração assinada é da responsabilidade dos autores.

Este número de *CONFLUÊNCIA* contou com o apoio especial da Secretaria de Estado da Cultura de Portugal, da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e da Tap – Air Portugal

SUMÁRIO

	Pág.
Editorial (ANTÔNIO GOMES DA COSTA)	5
Homenagem a Lindley Cintra	7
Bibliografia de Lindley Cintra	9
 ARTIGOS	
O Léxico do Português: Perspectivação Geral (MÁRIO VILELA)	17
A Propósito de um Dicionário de Frequência ANTÔNIO GERALDO DA CUNHA)	31
Em Busca da Palavra Exata: Graciliano Ramos, Perfeccionista (ADRIANO DA GAMA KURY)	57
Da Unipessoalização/Impessoalização à Pessoalização Verbal (e vice-versa) (VALTER KEHDI)	69
Expansão do Sufixo -inho (VITORIO BERGO)	75
Em Demanda da Gênese: uma Metodologia de Trabalho (SÔNIA MARIA VAN DIJCK LIMA)	85
 NOTAS E COMENTÁRIOS	 93
REGISTRO BIBLIOGRÁFICO	95
 RESENHAS CRÍTICAS	
BESEELAAR, José van den. <i>As Palavras Têm a Sua História</i> (EVANILDO BECHARA)	97
 NOTICIÁRIO	 99
COLABORADORES DESTE NÚMERO	107

EDITORIAL

PÁTRIA DA LÍNGUA

Tomando as palavras do "Ultimatum futurista" de Almada Negreiros, poderíamos dizer que é preciso criar a Pátria da Língua Portuguesa do século XXI.

Nessa direção, um passo importante está a ser dado em Lisboa, no final de novembro, quando os Chefes de Estado e de Governo assinarem o documento que institucionaliza a Comunidade dos 7 países lusófonos. E, seguindo ainda o texto do escritor rebelde a todos os códigos, reafirme-se, pela "terceira vez" ou "finalmente", que, para criar essa pátria do século XXI, não são necessárias fórmulas nem teorias; existe apenas uma imposição urgente: sermos da nossa época.

É isso mesmo.

Se os europeus conseguiram construir um "espaço comum" a despeito das diferenças do idioma e das rivalidades e guerras que os dividiram durante séculos; se já funcionam a NAFTA, acima do Rio Grande, e o MERCOSUL, na América Latina; e se ganha corpo, na orla do Pacífico, a idéia de um bloco de nações que, apesar das imensas disparidades, começam a descobrir linhas de interesse e de convergências, pergunta-se: por que não devemos operacionalizar tudo aquilo que nos une naturalmente, desde a Língua que falamos aos sentimentos de fraternidade, à convivência histórica e à partilha de valores?

Os outros poderiam ter, nalguns casos, a continuidade geográfica, ou fortes razões políticas, ou oportunidades econômicas para justificar a configuração de uma Comunidade; nós – e o pronome abrange o Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe – possuímos motivos muito mais extensos e muito mais profundos para organizar e dar conteúdo a um projeto político cuja dimensão ultrapassa os arranjos das chancelarias e os negócios comerciais, para atingir em cheio o próprio destino de nossos povos.

Mas não podemos ficar nos proclamas. Afinal de contas, os sentimentos não são recentes, nem as afinidades surgiram agora. Conforme nos ensina o Prof. Celso Lafer, se as idéias e percepções influenciam uma decisão no sistema internacional, o comando dessa decisão está intimamente ligado à prática e aos interesses concretos. No mundo da lusofonia há muitos anos que se fala em comunidade; na equiparação de direitos e deveres; em Tratados de Amizade e Consulta; em Acordos Comerciais, Científicos e Tecnológicos; em zonas francas; em complementariedade industrial; em reconhecimento de cursos e diplomas; em dispensa de passaportes e em dupla nacionalidade; em acertos ortográficos e em planos de cooperação múltipla.

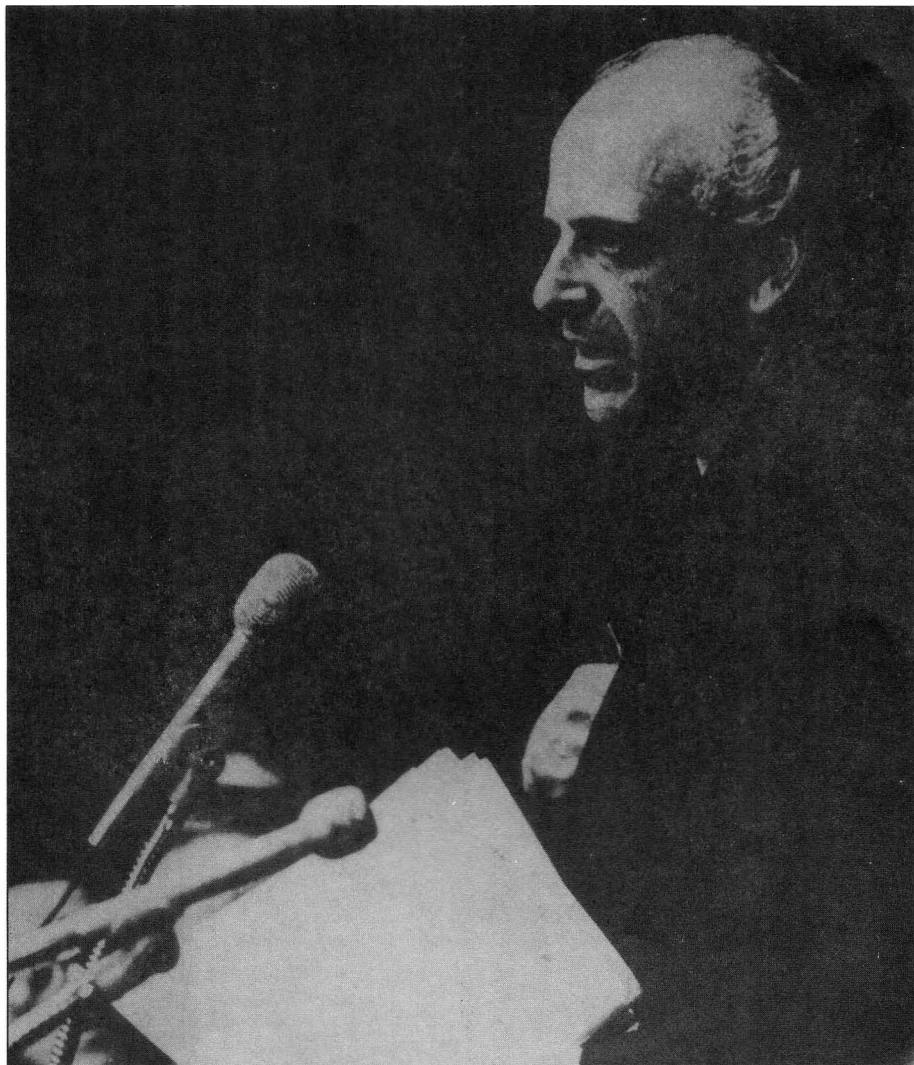
Em todas as áreas saímos na frente dos outros países, tendo por lastro aquilo que eles não tinham e que se sobrepõe às meras conveniências políticas ou aos ganhos econômicos: o idioma e as relações especiais que soubemos urdir ao correr dos séculos. Por esta ou por aquela causa – e uma delas foi o plano desigual em que se encontravam os países africanos, que só a partir dos anos 70 conseguem romper os vínculos coloniais – o projeto da Comunidade, como um todo, nunca conseguiu relevância internacional. O que não significa que tenham sido inúteis, ou ineficazes, em nível dos dois países, muitos dos instrumentos criados. Seria injusto afirmá-lo, passando por cima dos avanços e das conquistas obtidas. Daí, entretanto, até reconhecer que no plano externo e perante terceiros países, essa Comunidade teve o peso e a influência à altura do que ela vale e representa vai uma grande distância.

Por isso, ao ser retomado o projeto – e desta vez com o Brasil empenhado em seu desenvolvimento e os países africanos livres da tutela colonial – é com alegria que vemos ao nosso alcance a Pátria da Língua Portuguesa do século XXI.

Vamos construí-la com grandeza, agora ou nunca.

A. Gomes da Costa

NÚMERO EM HOMENAGEM A LINDLEY CINTRA



LUÍS F. LINDLEY CINTRA
(1925 – 1991)

LINDLEY CINTRA

Com o desaparecimento de Luís Filipe Lindley Cintra perdem a Filologia e a Lingüística Portuguesa um dos seus melhores representantes, e os amigos e discípulos, um permanente encontro de erudição e calor humano.

Nascido em Lisboa aos 5 de março de 1925, chegou cedo aos estudos superiores, donde saiu Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa em 1946. Os dotes de inteligência e inclinação para estudos avançados logo cedo despertaram a atenção de seus professores, que o conduziram ao cargo de Assistente em 1951. Em 1953 doutorou-se e em 1960 chegava a Professor Extraordinário e, dois anos depois, a Professor Catedrático.

Desde 1950 começou a colaborar no Centro de Estudos Filológicos do Instituto de Alta Cultura, onde exerceu importantes atividades, entre as quais a de diretor responsável das publicações, especialmente do *Boletim de Filologia*, a partir de 1954. Data deste ano sua atuação à frente da organização do *Glossário Medieval*. Colaborou no *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*, de que saiu apenas o 1º volume, na *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, com dois volumes publicados e um Suplemento e no *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, sob a direção do saudoso Jacinto do Prado Coelho.

Desenvolveu profícua atividade em congressos nacionais e internacionais, e desempenhou as funções de secretário organizador do IX Congresso Internacional de Lingüística Românica (Lisboa, 1959), cujas *Atas* dão bem a magnitude da relevância desse encontro.

Lindley Cintra foi membro da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Portuguesa da História, da Real Academia de la Historia de España, da Real Academia de Buenas Letras (Barcelona) e da Hispanic Society of America.

Discípulo dileto de mestres nacionais e estrangeiros, cabe lembrar, entre estes últimos, a figura de um Menéndez Pidal, de um Harri Meier e de um Joseph Piel.

Aos que o conheceram de perto, esta auréola acadêmica não foi maior do que a sua figura humana, em que a urbanidade e fidalguia de trato a todos cativavam.

Dedicava ao Brasil e aos brasileiros especial simpatia; a amizade fraterna que o unia a Celso Cunha estendia sua sombra benfazeja a quantos batiam à porta de sua hospitalidade.

Ao falecer, aos 18 de agosto de 1991, sua ausência física deixou de luto todos os quadrantes da lusofonia em que a língua, a literatura e a cultura em língua portuguesa são cultivadas.

O Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português presta ao Mestre e ao Amigo sua comovida homenagem.

A Direção

BIBLIOGRAFIA

- 1) *O Ritmo na Poesia de António Nobre*. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras de Lisboa, 1946, 116 págs. (Inédito).
- 2) "A linguagem figurada nas *Canções* de Camões", in: *Revista de Portugal* (Lisboa), série A, *Língua Portuguesa*, X, nº 48, 1946, págs. 95-112.
- 3) "Sobre o *Sumário de Crónicas até ao ano de 1368* da Biblioteca Real de Madrid", in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), IX, 1948, págs. 299-320.
- 4) Recensão crítica a: Oscar Bloch e W. von Wartburg, *Dictionnaire Etymologique de la Langue Française*, in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), IX, 1948, págs. 375-377.
- 5) "O *Liber Regum* e outras fontes do *Livro das Linhagens* do Conde D. Pedro, in: *Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à Memória de Francisco Adolfo Coelho*, II (*Boletim de Filologia*, XI), Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1950, págs. 224-251.
- 6) "Uma tradução galego-portuguesa desconhecida do *Liber Regum*", in: *Bulletin Hispanique* (Bordeaux), LII, 1950, págs. 27-40.
- 7) *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Edição crítica do texto português. Vol. I. Introdução. Lisboa (Academia Portuguesa da História), 1951, DCIV págs. Reprodução facsimilada: Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.
- 8) "A lenda do Abade D. João de Montemor conhecida em Portugal, no século XV?", in: *Revista da Faculdade de Letras* (Lisboa), XVII, 2ª série, nº 1, 1951, págs. 109-111.
- 9) Recensão crítica a: A. Magalhães Basto, *A tese de Damião de Góis em favor de Fernão Lopes. A posição da "Crónica de Cinco Reis" em face dessa tese*, in: *Revista da Faculdade de Letras* (Lisboa), XVII, 2ª série, nº 1, 1951, págs. 252-263.
- 10) "Sobre uma tradução portuguesa da *General Estoria* de Afonso X", in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), XII, 1951, págs. 184-191 (Sep. Lisboa 1951, 8 págs.).
- 11) Recensão crítica a: *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, tomo I, in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), XII, 1951, págs. 194-199.
- 12) Recensão crítica a: Harri Meier, "Span. -port. *cama*, rum. *pat Bett*", in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), XII, 1951, págs. 376-378.
- 13) Recensão crítica a: *Os estudos de lingüística românica na Europa e na América desde 1939 a 1948*, (organizado por Manuel de Paiva Boléo), in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), XIII, 1952, págs. 182-183.
- 14) "O *Liber Regum*, fonte comum do *Poema de Fernão Gonçalves* e do *Laberinto de Juan de Mena*", in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), XIII, 1952, págs. 289-315.
- 15) Recensão crítica a: Angelo Monteverdi, *Manuale di avviamento agli studi romanzi. Le lingue romanze*, in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), XIV, 1953, págs. 168-172.
- 16) *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Edição crítica do texto português. Vol. II. Texto. Lisboa (Academia Portuguesa da História), 1954, 488 págs. Reprodução facsimilada: Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

- 17) "Enquêtes au Portugal pour l'Atlas Linguistique de la Péninsule Ibérique", in: *Orbis* (Louvain), III, 1954, págs. 417-418. Reeditado em *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983, págs. 17-20.
- 18) "D. Pedro, conde de Barcelos, Gomes Lourenço de Beja e a autoria da *Crónica Geral de Espanha de 1344*", in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), XVI, 1956, págs. 137-139 (Sep. Lisboa 1956, 3 págs.).
- 19) "Bibliografia de Wilhelm Giese" in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), XVI, 1956, págs. 91-124 (Sep. Lisboa 1956, 34 págs.).
- 20) "Sobre a formação e evolução da lenda de Ourique (até à Crónica de 1419)", in: *Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. Hernâni Cidade (Revista da Faculdade de Letras, IIIª série, 1)*. Lisboa, 1957, págs. 168-215.
- 21) "Prefácio" a: Sebastião da Gama, *Serra Mãe (Poemas)*, 2ª ed., Lisboa, Ática, 1957.
- 22) "Toponymie léonaise au Portugal: la région de Riba-Coa", in: Vème Congrès International de Toponymie et d'Anthroponymie (Salamanca, 12-15 avril 1955). *Actes et Mémoires*, I. Salamanca, 1958, págs. 245-257.
- 23) "Alguns casos de diferenciação lexical entre o português e o castelhano literários dos séculos XIV-XV", in: VIII Congresso Internazionale di Studi Romanzi (Firenze, 3-8 aprile 1956). *Atti*, II. Comunicazioni. Parte Prima. Firenze, 1958, págs. 127-140.
- 24) "Alguns estudos de fonética com base no *Atlas Linguístico da Península Ibérica*", in: Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro (S. Salvador da Baía, 5 a 12 de Setembro de 1956). *Anais*. Rio de Janeiro 1958, págs. 186-195. Reeditado sob o título "Os inquéritos realizados em Portugal para o *Atlas Linguístico da Península Ibérica* e seu interesse para a dialectologia brasileira", *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983, págs. 21-34.
- 25) *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos Foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII*. Lisboa, 1959 (Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 9). CXIX + 595 págs. Reprodução facsimilada: Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- 26) Artigos: "Álvares (Fr. João)", "Caça (Tratados de)", "Crónica Breve do Arquivo Nacional", "Crónica da Conquistado Algarve", "Crónica de Portugal de 1419", "Crónica do Condestabre", "Crónica do Mouro Rasis", "Crónica Geral de Espanha de 1344", "Crónica Troiana", "Crónicas Breves de Santa Cruz", "Historiografia medieval", "D. João I", "Livro da Montaria", "Livros das Linhagens", "Lopes (Fernão)", "Portugaliae Monumenta Historica", "Zurara (Gomes Eanes de)", in: *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*. Direcção de Jacinto do Prado Coelho. Porto, Livraria Figueirinhas, 1960.
- 27) "D. Duarte", in *Os Grandes Portugueses*, (obra planeada e dirigida por Hernâni Cidade). Vol. I. Lisboa, Editorial Arcádia, 1960, págs. 139-154.
- 28) (Com Manuel de Paiva Boléo e José G. Herculano de Carvalho) "Projecto de um atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza", in: III Colóquio Internacional de

Estudos Luso-Brasileiros (Lisboa, 1957). *Actas*, II. Lisboa, 1960, págs. 413-417 (Sep. Lisboa 1960, 5 págs.).

29) *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Edição crítica do texto português. Vol. III. Texto. Lisboa (Academia Portuguesa da História), 1961, XXV + 454 págs. Reprodução facsimilada: Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

30) "Une frontière lexicale et phonétique dans le domaine linguistique portugais", in: IX Congresso Internacional de Linguística Românica (Lisboa, 31 de Março-4 de Abril de 1959). *Actas*, III (*Boletim de Filologia*, XX, (1961), 1962). Lisboa, 1962, págs. 31-39 (Sep. Lisboa 1962, 9 págs.). Reeditado em *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983, págs. 95-105.

31) (Com M. Sanchis Guarnier, L. Rodríguez Castellano e A. Otero) "El Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (ALPI). Trabajos, problemas y métodos", in: IX Congresso Internacional de Linguística Românica (Lisboa, 31 de Março-4 de Abril de 1959). *Actas*, III (*Boletim de Filologia*, XX, (1961), 1962). Lisboa, 1962, págs. 113-120 (Sep. Lisboa 1962, 7 págs.).

32) "Rapport du Secrétaire du Congrès, Dr. Luís F. Lindley Cintra", in: IX Congresso Internacional de Linguística Românica (Lisboa, 31 de Março-4 de Abril de 1959). *Actas*, III (*Boletim de Filologia*, XX, (1961), 1962). Lisboa, 1962, págs. 215-221 (Sep. Lisboa 1962, 7 págs.).

33) "Chronique du Congrès", in: *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, III (*Boletim de Filologia*, XX (1961), 1962). Lisboa, 1962, págs. 257-265 (Sep. Lisboa 1962, 9 págs.).

34) "Áreas lexicais no território português", comunicação apresentada ao Primeiro Congresso de Dialectologia e Etnografia (Porto Alegre, 1958), in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), XX, (1961), 1962, págs. 273-307 (Sep. Lisboa 1962, 35 págs.). Reeditado em *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora, págs. 55-94.

35) "Sobre o interesse humano do estudo dos dialectos e falares regionais", in: *Távola Redonda*, 19, 1962. Reeditado em *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983, págs. 9-15.

36) "Les anciens textes portugais non littéraires. Classement et bibliographie", in: Colloque sur les anciens textes non littéraires – Apport des anciens textes romans non littéraires à la connaissance de la langue du Moyen Âge (Strasbourg, fév. 1961). *Revue de Linguistique Romane* (Strasbourg), LXXVII, 1963, págs. 40-58.

37) "Observations sur l'orthographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIIIe siècle", in: Colloque sur les anciens textes non littéraires – Apport des anciens textes romans non littéraires à la connaissance de la langue du Moyen Âge (Strasbourg, fév. 1961). *Revue de Linguistique Romane* (Strasbourg), LXXVII, 1963, págs. 59-77.

38) "Colaboración hispano-portuguesa en la investigación lingüística", in: *Presente y futuro de la lengua española*. (Actas de la Asamblea de Filología del I Congreso de Instituciones Hispánicas). Vol. I. Madrid, Ediciones Cultura Hispánica, 1964, págs. 443-448.

- 39) "Nótula sobre os manuscritos das obras de Fernão Lopes", in: *Colóquio – Revista de Artes e Letras* (Lisboa), 29, 1964, págs. 49-50.
- 40) *Crónica Geral de Espanha de 1344: A lenda do Rei Rodrigo*. Introdução, notas e glossário. Lisboa, Verbo, 1964, 93 págs.
- 41) "Prefácio" a: Joana Lopes Alves, *A Linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, 1965, págs. VII-IX.
- 42) "Sebastião da Gama: um depoimento", in: *O Tempo e o Modo* (Lisboa), 27, 1965, págs. 463-478.
- 43) "Actualidade de Gil Vicente" (debate gravado), in: *O Tempo e o Modo* (Lisboa), 23, 1965, págs. 1147-1181.
- 44) "Origens do sistema de formas de tratamento do português actual", in: *Brotéria* (Lisboa), LXXXIV, nº 1, 1967, págs. 49-70. Reeditado com modificações em *Sobre "Formas de Tratamento" na Língua Portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte, 1972, págs. 7-42.
- 45) "A obra filológica do Prof. David Lopes", in: *Revista da Faculdade de Letras* (Lisboa), III série, 11, 1967, págs. 75-82.
- 46) "Introdução" a: *Índices da Revista Lusitana*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1967, págs. VII-X.
- 47) "Notas à margem do "Romanceiro" de Almeida Garrett", in: *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira* (Lisboa), VIII, nº 1, 1967, págs. 105-135 (Sep. Lisboa 1968, 30 págs.).
- 48) "Rodrigues Lapa", in: *Seara Nova* (Lisboa), 1460, Junho de 1967, págs. 162-163. Reeditado in *Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa*, vol. I (*Boletim de Filologia*, XXVIII). Lisboa, 1983, págs. VII-XV (Sep. Lisboa 1984, 9 págs.).
- 49) "A propósito do centenário de António Nobre – o decassílabo, o alexandrino e o verso livre no *Só*: ensaio sobre versificação e ritmo", in: *Brotéria* (Lisboa), LXXXVI, nº 2, 1968, págs. 168-192.
- 50) "Nota prévia" a: *Crónica Del Rei Dom Joham I de boa memoria e dos Reis de Portugal o décimo*. Parte Segunda escrita por Fernão Lopes e agora copiada fielmente dos melhores manuscritos por William J. Entwistle. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da moeda, 1968, págs. VII-XI.
- 51) "Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico", in: Primeiro Simpósio de Filologia Românica (Rio de Janeiro 1958). *Anais*. Rio de Janeiro 1970, págs. 115-134. Reeditado em *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983, págs. 35-54.
- 52) "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses", in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), XXII, (1964–1971), 1971, págs. 81-116 + 2 mapas extrat.) (Sep. Lisboa, 1971, 38 págs. + 2 mapas extrat.). Reeditado em *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983, págs. 117-163.

- 53) "Observations sur le plus ancien texte portugais non littéraire: la *Notícia de Torto* (Lecture critique, date et lieu de rédaction)", in: XII Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas (Bucareste, 1968). *Actele*, II. Bucareste, 1971, págs. 161-174.
- 54) "Nota prévia" a: *João de Barros, Gramática da Língua Portuguesa (Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha)*. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971, págs. V-VII.
- 55) "Tu e Vós, como formas de tratamento de Deus, em orações e na poesia em língua portuguesa", in: *Revista da Faculdade de Letras* (Lisboa), IIIª série, 13, págs. 145-176. Reeditado em *Sobre "Formas de Tratamento" na Língua Portuguesa*. Lisboa, Livros Horizontes, 1972, págs. 75-122.
- 56) *Sobre as "Formas de Tratamento" na Língua Portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte, 1972, 139 págs., 2ª edição, 1986.
- 57) "Introdução" a: *Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana* (Cód. 4803). Reprodução facsimilada. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos – Instituto de Alta Cultura, 1973, págs. VII-XVIII.
- 58) "Prefácio" a: A. R. Gonçalves Viana, *Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973, págs. 7-10.
- 59) "Prefácio" a: *Crónica Del Rei Dom Joham I de boa memoria e dos Reis de Portugal o décimo*. Parte Primeira escrita por Fernão Lopes. Reprodução facsimilada... preparada por Anselmo Braancamp Freire. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (1972), 1973, págs. (7)-(17).
- 60) "Sobre o Códice Alcobacense 290 (antº 316) da Biblioteca Nacional de Lisboa (Autógrafo de Duarte Galvão?)", in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), XXIII, 1974, págs. 255-275 (Sep. Lisboa 1974, 24 págs.).
- 61) "Prefácio" a: *Questionário Linguístico*, 3 vols.. Publicações do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza, 2. Lisboa, Instituto de Linguística, 1974, 3 págs.
- 62) (Com Maria da Graça Temudo Barata) "Introdução" a: *Bibliografia Dialectal Galego-Portuguesa*. Publicações do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza 3. Lisboa, CLUL, 1976, págs. IX-XII.
- 63) "Langue parlée et traditions écrites au moyen-âge (Péninsule Ibérique)", in: XIV Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza (Napoli, 15 a 20 aprile, 1974). *Atti*, I. Napoli, 1978, págs. 463-477.
- 64) "Etat présent au Portugal des études sur la littérature portugaise", in: *Convegno Letterature Straniere Neolatine e Ricerca Scientifica* (Firenze, 18-10 maggio 1978). Sep. Roma 1980, págs. 231-251.
- 65) "Griséu: um moçarabismo algarvio", in: *Homenagem a Manuel de Paiva Boléo (Biblos, LVII)*, Coimbra, 1981, págs. 65-71.
- 66) "Palavras prévias" a: *Revista Lusitana* (Lisboa), Nova série, I, 1981, págs. V-VI.

- 67) "Apresentação" do: *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (Colocci-Brancuti), cód. 10991, I. Reprodução facsimilada. Lisboa, Biblioteca Nacional-Casa da Moeda, 1982, 3 págs.
- 68) "Présence et problématique actuelle de la langue portugaise dans le monde", in: *Arquivos do Centro Cultural Português* (Lisboa-Paris), 19, 1983, págs. 207-223.
- 69) *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983, 216 págs.
- 70) "Para a história da linguística na Faculdade de Letras de Lisboa" (entrevista), in: *Revista da Faculdade de Letras* (Lisboa), nº especial comemorativo do 50º aniversário, 1983, págs. 9-15.
- 71) "Situação actual da língua portuguesa no mundo", in: *Palavras* (Lisboa), 4/5/6, 1983, págs. 7-17.
- 72) "Carta a Jacinto do Prado Coelho", in: *Afecto às letras. Homenagem da literatura portuguesa contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, págs. 356-364.
- 73) (Com Celso Cunha) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa. Edições João Sá da Costa, 1984, XV + 734 págs.
- 74) (Com Celso Cunha) *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1985, IX + 486 págs.
- 75) "Hernâni Cidade, mestre de humanidade e de humanismo", in: *Colóquio – Letras* (Lisboa), 83, 1985, págs. 71-74.
- 76) "Nota prévia", "Discurso de encerramento" e participação na Mesa redonda, in: Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo (Lisboa, 1983). *Actas*, vol. I. Lisboa, ICALP, 1985, págs. 5-7, 61-66, 526-527.
- 77) "As origens do novo acordo", in: *ICALP-Revista* (Lisboa), 5, 1986, págs. 49-52.
- 78) Entrevista a: *Penélope. Fazer e Desfazer História* (Lisboa), 3, 1989, págs. 64-89.
- 79) *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Edição crítica do texto português. Vol. IV. Texto e Nota final, Lisboa (Academia Portuguesa da História e Imprensa Nacional-Casa da Moeda). 1990, XXIX + 553 págs.
- 80) "Sobre o mais antigo texto não-literário português: A Notícia de Torto (leitura crítica, data, lugar de redacção e comentário linguístico)", in: *Boletim de Filologia* (Lisboa), XXXI (1986-87), 1990, págs. 21-77.
- 81) Entrevista a: *Opuscula Instituti Ibero-Americani Universitatis Helsingiensis* (Helsínquia), II, 1990, págs. 5-16.
- 82) "Evocation (de Ruy Belo)", in: *Arquivos do Centro Cultural Português* (Lisboa-Paris), 1990, págs. 57-61 (Sep. Lisboa-Paris, 1990, 5 págs.).
- 83) "Os dialectos da Ilha de Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses". Comunicação apresentada ao Congresso de Cultura Madeirense (Funchal, 23-29 de Dezembro de 1990). (Inédito).

84) "Dois textos não-literários transmontanos do século XIII (leitura crítica e comentário linguístico)". (Inédito).

(Bibliografia elaborada pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
Conservou-se a ortografia bem como as normas de citação.)

O LÉXICO DO PORTUGUÊS: PERSPECTIVAÇÃO GERAL

Mário Vilela
Universidade do Porto

0. O *léxico* é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralingüística interiorizada no saber de uma dada comunidade lingüística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade lingüística comunicam entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se sempre da codificação de um saber partilhado (= shared knowledge).

Distinguímos *vocabulário* de *léxico*: o vocabulário é uma subdivisão do léxico, como, por exemplo, o léxico de um autor, o léxico de um texto, o léxico de uma escola, de uma área do saber, etc.

Ao distinguir-se vocabulário e léxico, não se trata tanto de uma diferenciação entre "parte" e "todo", pois:

- o léxico é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade lingüística;
- o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório.

Há ainda uma outra perspectiva, a de "coleção de unidades", em que o *vocabulário* se opõe a *dicionário* e *glossário*; o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua, o vocabulário é a recolha de um setor determinado duma língua e o glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época.

Ocorrem ainda outras designações como *vocábulo*, *termo*, *lexema* e *palavra*, ou *lexicologia* e *lexicografia*. Neste conjunto, vocábulo (ou "forma de palavra") é a palavra que ocorre na frase, o termo é a palavra própria duma disciplina e a palavra ou o lexema é a palavra que aparece como entrada do dicionário. A lexicologia é o estudo científico do léxico e a lexicografia é a técnica de elaboração de dicionários.

Estas distinções não são tão simples como as definições propostas podem deixar transparecer. Assim, será muito difícil definir os limites da lexicologia relativamente a outras disciplinas, como estilística, lingüística de texto, pragmática, sociolingüística, etc. Por outro lado, deixamos a flutuar noções como "palavra semântica", "família de palavras", etc.

0.1 Não vou passar ao levantamento dos problemas concretos do léxico sem antes deixar de pé algumas perguntas, às quais vou tentar responder, tais como:

- qual é a verdadeira extensão do léxico?
- quantas palavras e quantos morfemas estão contidos no léxico?
- o léxico é algo móvel e fluido, ou é algo fixo e fixado?
- quais são os processos de formação e renovação do léxico?
- quais os limites do léxico e quais as disciplinas que têm fronteira com o léxico?

1. Léxico e gramática

Uma das disciplinas linguísticas que mais confina com o léxico é a da gramática. A delimitação tradicional entre estas duas disciplinas é que o *léxico* constitui um sistema aberto, mais ou menos imprevisível e quase infinito e a *gramática* forma um sistema fechado: as estruturas fonológicas, morfológicas (morfemas, artigos, conjunções, preposições, pronomes, sufixos, desinências nominais verbais), estruturas sintáticas (como modelo de construção) fazem parte de um conjunto finito.

Mas os limites léxico-gramática, mesmo a nível de inventariação de unidades, são desde logo postos em causa por fenômenos que designamos por lexicalização de elementos gramaticais e gramaticalização de elementos lexicais: o que acontece sobretudo no plano diacrônico. Há *lexicalização* de elementos gramaticais em (**estar**) de permeio, **atempadamente** (= a tempo e horas), **inconclusivo** (= isto não é conclusivo), **malapata**, **boamente**, e a verbalização de nomes (normalmente, nomes deverbais) por meio de verbos de valor genérico, designados em linguística como verbos "suporte", como, por exemplo, **fazer** (fazer uso de = usar, fazer alarde de = alardear, fazer perguntas = perguntar, etc.), **ter** (ter em consideração = considerar, ter em mente, etc.), **pôr** (pôr a questão=questionar, pôr entraves a= entrar, etc.). Há *gramaticalização* de elementos lexicais, como, por exemplo, em **mediante** ('que medeia', antigo particípio de *mediar*: *mediante o amigo*, *o amigo mediante*), **exceto** (particípio do verbo latino *exipere*), **durante** ('que dura'), **mente** (*duramente*), e, como vimos, a deslexicalização ou gramaticalização de verbos plenos como **ter**, **ser**, **fazer**, **pôr**, **dar** (*dar para a rua*, *dar no vinte*), etc.

Por outro lado, há muitos fatos linguísticos que se encontram entre as duas disciplinas, como, por exemplo, onde tratar e colocar casos do gênero de: **modo** e **moda**, **folho** e **folha**, **lenho** e **lenha**, **covo** e **cova**, **limo** e **lima**, o **rádio** ('elemento') e a **rádio** ('aparelho'), o **capital** (o 'metal sonante que nos dá o pão de cada dia) e a **capital** (que tanto 'capital' custa ao país), o **fruto** e a **fruta**, o **gesto** e a **gesta**, o **dito** e a **dita**, o **osso** e a **ossa** (*Serra d'Ossa*), ou ainda **boi** e **vaca**, **rei** e **rainha**, **pai** e **mãe**, etc.

Outras disciplinas como a estilística e linguística de texto – a importância dos chamados "nomes genéricos" (ou anafóricos) na construção do texto –, a sociolinguística, a dialectologia, a pragmática, etc., intrometem-se na área da lexicologia e laboram com o léxico.

2. Variedades do léxico

Como é evidente, o léxico de uma língua, sem ser uma manta de retalhos, não é um todo homogêneo, constitui o que costumamos designar por diassistema; as palavras de todos os dias convivem com as palavras dos especialistas, as palavras da língua falada (ou estilo coloquial) com as palavras da língua escrita (ou estilo refletido), as palavras "velhas", ainda de uso corrente, coabitam com arcaísmos e neologismos, etc.

Vejamos, por exemplo, os *arcaísmos* em que podem coexistir atualmente arcaísmos gráficos (*Queiroz, Villela*), fonéticas (*oiro, toiro*: na arena, o pegador apenas usará "toiro" para citar o "touro"), morfológicos (*soides, estaides, estejaides*), sintáticos (*isto é um ver se te avias, isto é a fim do mundo*), lexicais (*escaleira, ceia, parlatório e parlamento*), etc.

Há também o chamado "jargão" das variedades funcionais-contextuais: línguas setoriais de especialidade, como a linguagem do desporto, da publicidade, da informática, dos «media», etc. Há variedades geográficas e variedades sociais.

2.1 Intercâmbio entre a língua comum e as demais variedades

Não há um limite fixo e claro entre as variedades de língua dentro de uma mesma língua. Se existem especializações, como em **mudar, trocar e cambiar**, em que há uma delimitação de áreas: **mudar** situa-se mais no "mundo físico" (*mudar de roupa, mudar de campo, mudar de banco*, onde depositamos o dinheiro), **trocar** é o termo mais genérico (no português do Brasil, diz-se *trocar de roupa*) e **cambiar** é "trocar" no domínio bancário/monetário; mas estas especializações e diferenciações podem não ser, contudo, um fenómeno generalizado: a palavra **campo** distribui-se por *campo magnético, campo de força, campo visual, campo gravitacional, campo de futebol, campo de jogos*, etc., **navegar** usa-se na faina marítima, na aviação, em informática, ou **base, centro**, têm aplicação em várias áreas e domínios e os exemplos poderiam multiplicar-se.

Atentemos nas chamadas "línguas técnicas" para analisarmos algumas das linhas de força que marcam e conformam a constituição do léxico. Há especialidades com pontos de partida mais ou menos bem definidos. Assim, a "física nuclear", a "informática", etc., tomam como ponto de partida as designações do inglês, a medicina o modelo greco-latino, etc. Mas se há processos que podemos designar como tradicionais, tais como:

- o modelo greco-latino, em que intervêm apenas elementos gregos como em **anemodinamómetro** (=anemo: 'vento' + dynamo: 'força' + metro: 'medida'), ou elementos gregos e latinos, com em **espectroscópio, altímetro e aeronave**,
- os modelos (mais ou menos) híbridos, em que intervêm o grego e uma língua moderna, como em **burocracia, filmoteca e mediateca**.

Mas a constituição do léxico não se liga apenas a palavras mais ou menos integrais (palavras ou afixóides), pois existem processos que envolvem especiali-

zação de afixos, como **-ite** (especializado para designar 'inflamação aguda': *artrite, dermatite, nevrite*), **-ose** (para designar 'infecção crônica': *artrose, dermatose, cirrose*), **-oma** (para designar 'tumor': *carcinoma, fibroma, glaucoma*).

A adoção deste ou daquele processo na constituição de unidades do léxico obedece a condicionamentos econômicos, culturais e históricos.

Se tomarmos como paradigma o léxico das chamadas "línguas técnicas", podemos concluir que também aqui há o fenômeno geral de "economia dos sinais": a recuperação de palavras já antigas e que "navegam" de uma especialidade para outra, como acontece com *astronauta, navegar, navegação, navegador, piloto, pilotar, nave espacial, equipagem, cruzeiro, cabina, jornal de bordo, base aérea, base naval, base aerospacial, sonda espacial, abordar, bordagem*. Estes termos percorrem a marinha, a aviação, a informática, etc., e, evidentemente, a língua comum.

2. 2 Exemplificação com o domínio das variedades sociais

As variedades sociais compreendem fatores como a "idade", o "sexo", a "proveniência", a "classe social", o "nível de instrução", etc. Tomemos, a título de exemplo, o fator "idade", e mais propriamente na faixa da população mais criativa, a "geração mais jovem" da nossa comunidade lingüística. Encontramos uma longa lista de termos e expressões dada como representativa dessa linguagem:

- **afiambrar-se** a pessoa/coisa: estar a afiambrar-se à colega: 'tirar partido de',
- **alinhar**: 'concordar com'
- **altamente**: 'muito', 'espetacular',
- **atinar** com algo: 'gostar de': atinei com o filme,
- **axandarar**: 'acalmar forçadamente': ou axandras ou apanhas!,
- **bacano**: '(pessoa ou coisa) e m quem/que se pode confiar',
- **dar bandeira**: 'dar nas vistas involuntariamente',
- **apanhar banhada**: 'fazer mau negócio', 'cair no logro',
- **bazar/vazar**: 'fugir apressadamente',
- **beca** ('bocado'),
- **beto/betinho**: 'bem comportadinho', 'de boas famílias'
- **bezana**: 'bebedeira',
- **boa e boazona**,
- **(mandar) boca**: 'comentar em voz alta',
- **bué e buereré**: 'muito' e 'muitíssimo'
- **butes**: '– Vamos!'
- **cagativo**: 'irrelevante',
- **caldeirada**: 'confusão', 'pancadaria generalizada',
- **campeão**: 'pessoa convencida',
- **careta**: 'retrógado, conservador',
- **carola**: 'pessoa esperta',
- **cena**: 'situação',
- **chagar**: 'chatear',
- **charro**: 'droga fumada',
- **chaval**: /chavalo/chavalito: 'rapaz',

- **chibo**: ‘polícia’, ‘delator’,
- **chunga/chungaria/chungoso**: ‘de aspecto reles’, ‘sujo’,
- **cola**: ‘importuno’,
- **cortar-se**: ‘desistir’,
- **cota**: ‘velho’, ‘pai’,
- **crâneo**: ‘carola’,
- **curtir**: ‘desfrutar algo’, ‘ter uma relação amorosa passageira’,
- **desatino/desatinar**: ‘falta de colaboração/não colaborar’,
- **desbunda/desbundar**: [fazer] grande festa (fora das normas sociais),
- **espetáculo/espetacular**,
- **esquema**: ‘quadro pouco claro’,
- **farsola**: ‘piroso’, ‘mau’ (cena farsola),
- **febra**: ‘mulher (sexualmente) atraente’,
- **(ter) fezada (em)**: ‘convicção firme’,
- **fixe**,
- **flipar**: ‘ficar fora de controle’, ‘cair para o lado’,
- **foleiro**,
- **fonix/fenix** = ‘foda-se’, ou expressão de espanto,
- **(dar de) frosque(s)**: ‘fugir’,
- **fumos**: ‘charro’,
- **galar**: olhar para alguém com apetite’,
- **gandi**: vândalo’, ‘marginal’,
- **ganzado**: ‘drogado’,
- **garina/garino**: ‘rapariga’, ‘rapaz’,
- **(estar a) grizar-se**: ‘ter um comportamento anormal’, ‘implicar’,
- **(ir no) grupo**: ‘ser enganado’,
- **(dar o) grupo/engrupir**: ‘enganar’, ‘roubar’,
- **jam-session**: ‘desbunda’
- **man**: ‘meu’, ‘macho latino’,
- **marrar**: ‘estudar’, ou ‘implicar’,
- **máximo**: ‘muito bom’ (ser o máximo),
- **melga**: ‘chato’ ‘cola’,
- **menino**: ‘inocente’, ‘medroso’,
- **meu**: ‘camarada’, ‘companheiro’,
- **mocada**: ‘cena de pancadaria’,
- **morder**: ‘afiabrar’, ‘perceber’ (morder o esquema= ‘apanhar a marosca’),
- **mula**: ‘prostituta’,
- **naice**: ‘bom’,
- **népia**: ‘nada’,
- **néribi**: ‘népia’,
- **nestes**: ‘népia’,
- **nestum**: ‘népia’,
- **nóia**: ‘(diminutivo de) paranóia’,
- **nóiante**: ‘que causa problemas/confusão’,
- **(estar na) onda**: ‘estar em sintonia’,
- **(ir na) onda**: ‘deixar-se levar’,

- **orientar**: ‘arranjar’, ‘conseguir’ (– orienta-me aí uns trocos!),’,
- **otário**: ‘desprevenido’, ‘inocente’,’,
- **papel**: ‘dinheiro’,’,
- **pão**: ‘homem atraente’ [br.: gatão],’,
- **papalvo**: ‘otário’,
- **paranóia**: ‘algo complicado’,
- **(estar/ser) passado**: ‘maluco’, ‘extravagante’,
- **passar-se**: ‘estar passado’, ‘entrar para a qualidade de ..’),
- **(dar corda aos) patins**: ‘fugir’,
- **(ir de) patins**: ‘ser despedido’,
- **pintas**: ‘man’, ‘macho latino’,
- **(ser) podre (de + adj.)**: ‘muito’, ‘muitíssimo’,
- **puto**: ‘miúdo’
- **(não entender) puto (de + nome)**: ‘nada’ (não entendi puto da situação),
- **queca**: ‘cópula’,
- **queque**: ‘beto’, ‘betinho’,
- **(marca) roskoff**: ‘rasca’,
- **refundido**: ‘escondido’, ‘desconhecido’, ‘ilegal’,
- **seca**: ‘muito tempo de espera’, ‘chato’ (ele é uma seca),
- **tanga**: ‘mentira’, ‘logro”,
- **topar**: ‘ver’, ‘conhecer’,
- **tosco**: ‘imbecil’, ‘incapaz’,
- **tripar**: ‘entrar em delírio’,
- **vaípe**: ‘impulso’,
- **xotas**: ‘pólicas’,
- **xonar**: ‘dormir’,
- **zarpar**: ‘fugir’, ‘ir-se embora’,¹

Há aqui praticamente uma "amostra" de como funciona a constituição de uma "gíria" (ou linguagem específica de um grupo social ou etário): a criação metafórica (**afiambar-se a pessoa/coisa, caldeirada, bazar/vazar, galar, apanhar banhada**, etc.), metonímica (**mocada, alinhar com pessoa, nestes e nestum**, etc.), sinédoque (**atinar com coisa, dar bandeira, butes, queca, papel**, etc.), importação de palavras (**bué, buereré, chunga, chungoso, chungaria**: línguas africanas), recuperação de palavras e expressões antigas (**roskoff, carola, careta, marrar, melga, papalvo, otário**, etc.) e criação de palavras novas (**engrupir, altamente, pão, fonix**, etc.). E na criação de palavras novas há motivações muito díspares: **engrupir** (‘deixar-se levar pelo grupo’, ‘ser levado’), **pão (o tipo é um pão** ‘algo que se pode/deve comer’), **fônix/fênix** (proximidade de. "foder", "focke" e "pênis").

¹ Com algumas alterações, a seguinte lista foi tirada de Jorge Dias, in: *O Público*, 94.05.22.

2.3 Variedades sociais e "registos"

Não podemos confundir as "variedades sociais" de língua com os chamados "registos", que abrangem classificações como "áulico", "culto", "formal" ou "oficial", "médio", "coloquial", "informal", "popular" e "familiar". Chamamos "registos" às variedades do código que dependem da situação e que se realizam sem acrescentar qualquer coisa ao código, mas representam apenas escolhas entre as diversas possibilidades oferecidas pelo próprio código. Os registos consistem normalmente na escolha de uma possibilidade de realização entre as diversas possibilidades de pronúncia, de sintaxe e do próprio léxico. Por exemplo, para designarmos "golpe com a palma da mão", temos diferentes registos: *bofetada* vs. *lambada* vs. *bofetão* vs. *estalada* vs. *tabefe* vs. *bufete* vs. *bife* vs. *senapismo* (e, possivelmente, há mais exemplares).

É costume incluir "língua falada" e "língua escrita" entre os "registos". Estas desenvolvem-se em situações e contextos diversos, e com pressupostos e características diversos. A *língua falada* produz-se num lugar e num tempo determinados e, por isso, imersa numa dada situação: as palavras acomodam-se à entoação, aos gestos, aos jogos fisionômicos; há possibilidade de auto-correção, e modificação imediata do discurso, de adaptação ao interlocutor. Na *língua escrita* não há gestos, nem mímica, nem entoação e estes elementos terão que ser substituídos pela pontuação, pela grafia e, essencialmente, pelas palavras.

Nos "registos" desempenha uma função importante o que designamos por "papéis" assumidos pelos participantes nos atos comunicativos. Podemos definir *grosso modo* "papéis" como o conjunto dos direitos e deveres recíprocos que são reconhecidos implicitamente por todos os componentes de uma dada comunidade lingüística e atribuídos a uma determinada função social. Estes "papéis" estão sempre presentes em todos os atos comunicativos e são exemplificáveis pelas relações "pai-filho", "marido-mulher", "amigo-amigo", "desconhecido-desconhecido", "patrão-empregado", "médico-paciente", etc. Os pronomes pessoais e as formas de tratamento em geral espelham esses "papéis" através de relações paritárias (**tu, você, pá, meu, colega**, etc.) e não paritárias (**tu-senhor, tu-você-v^a excia**, etc.). O léxico tem a ver com o problema dos "registos".

2.4 Neologismos

Não podemos confundir "neologismos" com empréstimos e "estrangereirismos". Há convergência entre os três conceitos, mas não necessariamente. O neologismo implica algo de novo que entra na língua e há neologismos de natureza muito diferenciada: temos neologismos que implicam alteração do clasema dos termos com os quais se possam combinar. Assim, o verbo **processar** – palavra do domínio jurídico –, sendo um verbo transitivo, admite como complemento direto um nome designativo de "pessoal/instituição" (*A Câmara processou uma empresa por desvio de fundos públicos*), mas, por influência do inglês (**to process**) e aplicado à informática, equivale a "fazer processamento (de texto)", em que, ou é usado intransitivamente, ou transitivamente sendo o denotado do complemento algo designativo de "texto lingüístico" (*Processar todos sabem, mas programar é que nem todos*).

Há neologismos puramente semânticos, implicando uma mudança total ou um acrescentamento de significado ao de uma forma existente. Por exemplo, em **orquestra**, que significava "escrever as partes dos vários instrumentos ou naipes que compõem a orquestra", e, em **orquestrar uma campanha contra x, orquestrar uma ação política**, adquire um valor ligeiramente diferente, embora próximo do significado primário.

O neologismo pode abranger paradigmas inteiros de formação, como em **-izar, -ização, -izável, -izabilidade**, como *cota* → *cotizar* → *cotização*, *balcanizar*, *balcanização*, *balcanizável*, *balcanizabilidade*, etc., ou ainda consistir em simples processos de condensação num só elemento de um neologismo anterior, que se disponibiliza para a formação de outros neologismos: *totobola* - *totoloto* → *superloto*, *automóvel* → *autopullman* e *auto-expresso*, *televisão* → *tele-escola*, ou ainda, envolver paradigmas mais complicados, como, em **terciário** (do fr. *tertiaire*), que ocorre no domínio da economia e só depois surgem **primário** e **secundário** (*produção primária* = agricultura, pastorícia, pesca, *secundária* = indústria manufatureira, mineral, mineira, energética e obras públicas e *terciária* = serviços) e, em seguida, completou-se o paradigma formativo (*terciarização da sociedade*, *terciarizar*, etc.). O neologismo pode ainda envolver mecanismos ainda mais complexos. Vejamos apenas as colocações – **inflação galopante/taxa ou índice de inflação, espiral de inflação, espiral inflacionista, política anti-inflacionista**. A palavra **inflação** significava inicialmente apenas "aumento de moeda em circulação" e só depois passou a significar "efeito de tal fenômeno" ou mesmo "diminuição do poder de compra". No entanto, o sentido primitivo de "inflação" era o do lt. INFLATIO, -ONIS ("tumefação": medicina), que, por influência do inglês (**inflation, inflationism, inflationary** e ant.: **deflation**) passou a ocupar nocionalmente uma das nossas fontes de preocupação: *a nossa querida inflaçõzinha*.

3. Composição do léxico do português

3. 1. O latim no léxico do português

Ha no léxico do português duas marcas essenciais: o fundo latino e as formações novas, apresentando estas últimas várias formas. O fundo latino, o herdado, o tradicional, o popular, o mais numeroso e mais freqüente, o fundamental, que, em princípio, se submete a todas as mutações previstas nas leis fonéticas e o que apresenta uma sistematicidade mais evidente. Nas formações novas, há que distinguir ainda:

– os empréstimos greco-latinos, quer os que resultaram da relatinização do português, quer os que provieram da componente técnico-científica, nos domínios que assumiram os modelos greco-latinos para a sua constituição;

– os empréstimos das línguas que o português foi encontrando ao longo do seu caminho histórico, quer como resultante do "encontro de culturas e de história", quer como resultante da necessidade de denominar novas realidades.

Para não nos perdermos em considerações históricas vamos fixar-nos no vocabulário atual. No léxico atual, que nos veio do latim, temos de distinguir o léxico

"herdado" do léxico "importado", o que se patenteia na comparação entre **viço** e **vício**, **circo** e **círculo**, **soldo** e **sólido**:

pop.:	viço	circo	soldo
lt.	VITIU(M)	CIRCULU(M)	SOLIDU(M)
latinismo	vício	círculo	sólido

pois, se a origem é, em ambos os casos, o latim, a época em que se verificou a integração é diferente. Houve latinismos, como já dissemos, em várias épocas: na Renascença/Humanismo, nos sécs. XVIII e XIX e com várias mediações (fr., ingl., it., etc.). Eis apenas alguns exemplos desses latinismos:

- ciência, consciência, sapiência, espécie, real, vivificar;
- república, exército, assembléia, etc.
- arbusto, inseto, página, exonerar, etc.
- argúcia, canoro, etc.
- antena, célula, condomínio, sociedade, etc.
- corola, centrípeto, centrífugo, etc.
- colônia ("grupo de estrangeiros que habitavam na cidade"), consitucional, sessão, etc.

3.2. Os empréstimos/estrangeirismos no léxico do português

3.2.1. Se a língua é um elemento aglutinador da sociedade e da comunidade – comunidade lingüística – é também um dos seus produtos mais genuínos. Sociedade e língua estão constantemente a intrometer-se uma com a outra, a "marcarem-se" sem se demarcar. A sociedade reflete-se continuamente na língua que lhe serve de argamassa e vice-versa. Comparemos a língua da época da sociedade rural, com a época atual, a das tecnologias avançadas. A primeira, com os seus elementos sociais próprios, os seus meios de subsistência, reflete-se nas metáforas que proporcionou: *estar de lança em riste*, *meter uma lança em África*, *arma de dois gumes* (vida militar), *trabalho beneditino*, *tocar a reunir* (vida religiosa), *andar de vento em popa*, *pescar em águas turvas* (pesca e vida marítima), *comer o pão que o diabo amassou*, *andar o carro à frente dos bois*, *ter o caldo entornado*, *matar dois coelhos de uma cajadada*, *camisa de onze varas*, *pôr em campo*, *pôr-se em campo* (trabalho do campo), etc. A segunda reflete-se na metáforas de hoje envolvendo sobretudo a ciência e a tecnologia: *computador*, *programa*, *programar*, *arquivo e memória* (*eletrônicos*), *linha de rumo*, *teletexto*, *assistido por computador*, *linha dura*, *núcleo duro*, *casa inteligente*, etc.

E foi sempre assim: a França, Inglaterra e a Europa culta estão presentes em palavras como *Luz* e *Razão*, *fanatismo* e *preconceito*, *progresso* e *livres-pensadores*, *filantropos*, *solidariedade*, *sensibilidade* e *sentimento*, ou no mundo da

política com *patriota e patriotismo, maioria, minoria, oposição, radical, democracia, despotismo*, da economia com *conta-corrente, monopólio, concorrência, exportar e importar*, da alimentação com *costeleta, filete*, da arte e vida quotidiana com *belas artes, golpe de vista, presença de espírito, sangue frio, ativar, controlar, organizar, resolver*, etc.

3.2.2. As formas pelas quais o estrangeirismo ou empréstimo entra na língua são as mais diversas: ou declaradamente, como *flash, lobby, love-stories*, etc., ou disfarçadamente, como em **evidência**, que existe como "a qualidade do que é evidente" (*é inútil negar a evidência dos fatos*) e às cavalitas do inglês, com o sentido de "prova" e "testemunho" (*ele fala contra todas as evidências*), **oportunidade**, que existia como "qualidade do que é oportuno" e por influência do ingl. *opportunity* adquire o valor de "ocasião", "possibilidade", "circunstância favorável", **assumir**, que se usava em combinações do gênero de *assumir um cargo/ uma responsabilidade*, e passa também a envolver o valor do ingl. *to assume* ("pressupor", "supor": *assumo que sou bom*), ou **realizar** que começa também a ter o valor de "compreender" (*eu só realizei que íamos ganhar as eleições...*), ou **investir**, que passou também a circular no mundo da economia (*investir capitais, investir dinheiro, investir na bolsa*), etc.

Depois há empréstimos necessários – há fatos ou objetos novos e necessitamos de palavras novas –, como *café* (turco), *zero* (árabe), *transistor*, etc., ou empréstimos de luxo, como *leader/líder* (*chefe, chefiar*), *flirt* (*breve relação amorosa*), *baby-sitter* (*ama seca*), *boom* (período de grande desenvolvimento), *sexy* (sexualmente perturbante), *show* (espectáculo de variedades), *sponsor* (*financiador*), etc.

Por outro lado, ou o português recebe a forma originária (*leader, leasing, bar, equipe*), ou adapta fônica e graficamente (*engajar, líder, liderar*), ou decalca semanticamente (uma palavra do português adquire um novo significado: *investir*) ou decalca traduzindo (*sky-scraper*= *arranha céus*, *Klassenkampf*= *luta de classes*), etc.).

O caso particular do que designamos por "decalque" merece alguma reflexão: há decalques homonímicos (*aculturação* : *acculturation*, *automação* : *automation*, *cibernética* : *cybernetics*, *contactar* : *contact*, *impacto* : *impact*), decalques que são tradução literal (*autoconsciência* : *self-consciousness*, *arranha-céus* : *sky-scraper*, *cimeira*: *summit*, *fim de semana* : *week end*, *ama seca* : *baby-sitter*, etc.), tradução empobrecedora (*Jeep* : *carrinha*, *sponsor*: *patrocinador*, *sponsorização* : *sponsoring* e *sponsorizar*, *marketing* : *comercialização* e *publicitação*, *timing* : *calendarização*, *bar* : *café*, etc.), ou há decalques que são simples aportuguesamento dos empréstimos (*driblar* e *drible*, *filme* e *filmar*, *desporto*, *detetive*, *lider-liderar* e *liderização*, *tosta*, *bife*, *sande* (*sandwich*), *transistor*, *computador*, *gincana* (= *gymkana*), *contentor* (*container*), *mesa redonda*), etc.

3.2.3. No nosso tempo, as coisas mudaram quase por completo. A passagem de uma economia agrícola para uma economia industrial (urbanização, expansão económica), tecnologia (comunicação de massas) levou ao domínio do consumismo, da tecnologia e publicidade. Tomemos a informática como modelo da léxico do nosso tempo: O prestígio dos USA, o primado do econômico e do científico, a necessidade de comércio e troca, a imposição da standardização de produtos, en-

fim, a globalização (aldeia global) da vida das sociedades, e por outro lado, as palavras curtas e facilmente memorizáveis do inglês levaram à inundação dos anglicismos e americanismos.

Há termos em que há uma tradução impossível, como em *bit* (= *bi*[nary] [digit]: «número binário», como se vê, palavra breve e precisa), *byte* (= grupo de posições binárias), ou há traduções possíveis, mas empobrecedoras, como em **hardware (ferramenta)**, **software (programa)**, há em seguida decalques ou empréstimos semânticos- palavras com valor novo- como *simulador*, *simular*, *navegar*, *ratinho*, *analizador* (= *analyzer*), *micro-processador* (= *micro-processor*), *listar* (= *list*), *processar* (= *to process* vs. *processar alguém* (termo jurídico), etc.

A importância deste domínio provocou mesmo o aparecimento de novas disciplinas e áreas. Assim, temos, além de.

informática:

conjunto das metodologias e tecnologias que se ocupam da representação de objetos, fenômenos e processos, mediante dados (numéricos, alfabéticos, ou símbolos em geral) e de operações com esses dados,

automática:

conjunto de metodologias e de tecnologias que se ocupam de processos de automação,

telemática:

aplicação da informática às telecomunicações,

robótica [buro(crático) + (informá)tica]:

aplicação da automação aos serviços ou a disciplina que tem como objecto as tecnologias de projeção, construção e emprego dos robôs

monética:

aplicação da automação às operações bancárias.

3.2.4 Palavras-chave e sinais do século XX

Poderemos, por meio do que se costuma chamar como **palavras-chave** mostrar os mitos, as crenças e hipnose, os esquemas mentais, os receios e temores do nosso tempo. As palavras que apontam em grande parte para *uma nova ordem de palavras para uma nova ordem mundial*. E essas palavras contemplam a vida das sociedades individualmente consideradas ou a nível planetário. Eis palavras que podem representar a "chave" do nosso tempo:

concertação social,

crise (e os adjetivos situam os domínios respectivos),

assédio sexual,

declaração de falência,

diplomacia preventiva («vale mais prevenir do que remediar»: idéia saída da Administração CLINTON e que consiste em resolver as crises antes de elas explodirem, através de pressões comerciais, etc. = «arte de prevenir»),

direito de ingerência (deriva da possibilidade de "peace enforcement". Quando o Estado desaparece, quando a sociedade civil está num caos, a humanidade (= ONU) intromete-se substituindo-se ao governo. Os direitos humanitários são mais fortes do que a soberania (= CRUZ VERMELHA). Somália?),

globalização (qualquer problema para o ser tem de ser **global**: a economia globalizou-se, o ambiente globalizou-se, a migração globalizou-se, ...),

multilateralismo (palavrão atribuído a Butros Ghali): que consiste em pôr os países a colaborar concertadamente para o bem comum com programas a médio/longo prazo ou cooperação voluntária entre as nações para a paz e o desenvolvimento,

mundo multipolar: palavra criada em Pequim e pretende configurar um mundo já não **bipolar** (a divisão América-Rússia), mas multipolar, caracterizado por centro de interesses regionais,

nova ordem mundial:

envolve os direitos humanos, a democracia, a economia de mercado,

peacekeeping [= manter a paz], **peacemaking** [= fazer a paz], **peace enforcement** [= obrigar à paz], **trusteeship** [=curadoria: ficar num determinado país e governá-lo por incapacidade de os naturais serem capazes de o fazerem: os Estados são todos iguais, mas uns são mais iguais do que outros),

mass-media e níveis de audiência,

experiência e imagem televisivas,

yuppie,

talk-shows,

reality-shows

sketches (teatralização duma situação),

sitcoms (= situação cômica, comédia de situação),

partenaire,

guionista.

etc.

Dentro do mesmo tema- palavras-chave- e línguas cujo prestígio comandam os "internacionalismos", são indubitavelmente os seguintes termos que estão no centro dos nossos textos e, de acordo com as línguas:

Inglês Norte-americano:

best-seller, (blue-) jeans, bluff, boom, bulldozer, (auto)bus, camping, check-up, cocktail, computer, container, dancing, derby, detective, ferry-boat, film, flash, flipper, flirt, folklore, gin, golf, handicap, hangar, happening, hobby, jazz, jeep, jet, killer, leader, manager, leasing, mariner e marina, mass media, miss, motel, play-boy, pull-man, pullover, radar, rally, record, relax, reporter, round, sandwich, sexy, show, sketch, slip, slogan, smog, smoking, sponsor, sprint, stop, suspense, test, toast, tram (way), transistor, western, whisky, etc.

Francesismos recentes:

grupúsculo (maio de 68), pluralismo, qualidade de vida, terceiro mundo e terceiro mundista, crescimento zero, permissivismo (laxismo), recessão e relance (da economia vs. *relance de olhos*), quadro (= cadre: dirigente que desempenha missões de chefia, direção, organização ou controle), terciário e terciarização, reciclagem, cabaz de compras (= *corbeille*: conjunto dos produtos de grande consumo e de serviço com base nos quais vem calculado o índice de custo de vida).

4. Conclusão

4.1. O nosso vocabulário fundamental e básico e as estruturas que a ele subjazem continuam a ter a sua matriz no latim. Mas o uso de palavras inglesas no domínio das finanças não é estranho de a maior parte dos centros financeiros se encontrarem em países anglófonos; no domínio da tecnologia, da ciência, do cinema,, é um país de língua inglesa que domina; no domínio da filosofia, da culinária, da música, são outros os países, como a Alemanha, a França ou a Itália. Podemos mesmo medir a quantidade de palavras que ocorrem nos nossos jornais ou periódicos. No jornal *O Público*, um dos jornais de maior circulação em Portugal, entre 1 de março de 1993 e 1 de março de 1994, as palavras estrangeiras mais frequentes são **top** (796 ocorrências), **holding** (741), **dossier** e **marketing** (618), **overnight** (550), **performancee show** (516), **software** (372), **multimedia** (148), **best-seller** e **leasing** (138), **tournee** (131), **stock** (120), **pivot** (109) e **know-how** (102) e muitas outras que não atingem as 100 ocorrências².

4.2. Será preocupante o número de estrangeirismos que nos inunda o português? A defesa da língua não passará pela defesa da criação de mais objetos, de mais conceitos, de mais idéias fabricadas nos países lusófonos? A defesa da língua deverá passar pela defesa da cultura, da investigação, da inovação, do desenvolvimento, da criação filosófica e artística, pela produção de mais riqueza. O protecionismo não levará muito longe se não tivermos em mente que a língua é sempre suporte de alguma coisa. Quando se importa um objeto, importa-se também a

2 Cfr. "Cavalos de Tróia lingüísticos?", in: *O Público*, 94.03.24.

palavra que o designa. A língua morrerá se os seus falantes apenas morrerem pelo amor absurdo dela própria ou de si próprios. Que «sejam mais as nozes do que as vozes»: deixemos os "velhos do restelo" falar e façamos da língua o veículo do nosso querer e ser. A «falar é que a gente se entende»: não deixemos nunca de falar a nossa língua e de a ensinar. O resto «é conversa».

4.3. Na língua, como no comércio, tudo passa pela competitividade: apenas os produtos atraentes serão competitivos. A nossa literatura não é pobre: pobre será a nossa língua se não a descrevermos e estudarmos devidamente.

A PROPÓSITO DE UM DICIONÁRIO DE FREQUÊNCIA

Antônio Geraldo da Cunha
Casa de Rui Barbosa

1 Nota introdutória

1.1 Em 1983, depois de publicado o nosso *Vocabulário Ortográfico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, demos início à preparação de um dicionário de frequência da prosa de ficção do português contemporâneo do Brasil. Concluído em 1985, entregamos os originais à Editora Nova Fronteira para publicação. Considerando o trabalho muito especializado, a Editora decidiu adiar a publicação, sugerindo-nos que déssemos início à elaboração de um dicionário dos verbos mais freqüentes do português contemporâneo do Brasil, baseado em princípios históricos.

1.2 Os originais datilografados do dicionário de frequência foram então arquivados. Hoje, decorridos nove anos, julgamos que seria útil publicar um artigo em que resumíssemos os principais elementos desse trabalho. Com efeito, os dados fornecidos por esse dicionário, embora resumidos, poderão ser apreciados em seu conjunto e oferecer preciosa contribuição para o melhor conhecimento da frequência de uso dos vocábulos da prosa de ficção do português contemporâneo do Brasil.

2 Conceito elementar de frequência

2.1 A noção de frequência é intuitiva. Todo mundo, até mesmo com o espírito desprevenido, é capaz de observar a maior ou menor incidência com que determinado fenômeno ocorre, e aludir ao fato com frases do tipo: chove *muito* nesta região no mês de janeiro (ou, numa linguagem mais elaborada, chove *com frequência*); *quase* não há crimes nesta cidade; vamos à Europa *só* uma vez por ano, etc. Expressões semelhantes a estas são ouvidas (e lidas) diariamente. Para a ciência, todavia, essas informações são insuficientes, pois não basta informar que tal evento é freqüente, mas é indispensável *medir* essa frequência. Medir é comparar, isto é, confrontar um, dois ou mais valores numéricos com um padrão de referência.

2.2 Assim, por exemplo, ao se afirmar que em determinada região e em determinado mês as chuvas são freqüentes, cumpre verificar se o índice pluviométrico dessa região, nesse mês, é superior à média dos índices pluviométricos das demais regiões nos demais meses. Assim, também, ao se asseverar que não são freqüentes os crimes nesta cidade, é indispensável verificar se o seu índice de criminalidade é inferior à média dos índices de criminalidade das outras cidades.

2.3 No domínio da Linguística, o emprego de métodos estatísticos para a determinação dos mais variados índices de frequência vem sendo incrementado nos últimos anos. Particularmente a partir da segunda metade do século, com o surgimento de computadores cada vez mais sofisticados, todos esses problemas relacionados com a extensão do vocabulário, a sua caracterização, os desvios das normas, etc., têm merecido dos especialistas longos e minuciosos tratados. Novas fórmulas matemáticas vêm sendo estabelecidas para a solução de complexos e intrincados problemas relacionados com o léxico. Não é nosso propósito proceder a um exame, nem mesmo perfunctório, dessa metodologia, nem aludir aos mais recentes métodos propostos pelos especialistas em estatística linguística. Nossa intenção é oferecer aos estudiosos, de maneira tão clara e objetiva quanto possível, uma soma de informações que lhes permita conhecer, através da riqueza do vocabulário da prosa literária contemporânea do Brasil, as características próprias deste ou daquele autor, nesta ou naquela obra. É claro que, de posse dos índices de frequência aqui estabelecidos, os quais já constituem um expressivo padrão de referência, muitas outras pesquisas poderão ser realizadas, com a precisão e o rigor indispensáveis em trabalhos de estatística linguística.

3 Conceito elementar de distribuição

3.1 Paralela e complementarmente ao conceito de frequência e quase tão intuitivo quanto ele, o conceito de distribuição constitui, também, um importante elemento de caracterização dos vocábulos de determinado universo. Com efeito, não basta informar que um certo vocábulo ocorre com elevada frequência, mas é conveniente, para não dizer indispensável, que se verifique como ele se distribui através de cada porção desse universo. No caso específico do nosso Dicionário de Frequência, cuja pesquisa se baseou num conjunto de 125 obras, o cálculo da distribuição foi feito com base nesse padrão de referência, estabelecendo-se, em cada caso, o percentual correspondente. O verbo *ser*, por exemplo, ocorre nas 125 obras pesquisadas; sua distribuição corresponde, pois, a 100%.

3.2 O fato de um vocábulo ocorrer com uma frequência relativamente elevada, mas com uma distribuição percentualmente baixa, indica que a sua difusão na Língua ficou restrita a determinado período histórico e/ou determinada região e/ou determinado autor e/ou determinado tema e/ou determinada obra. Sirva de exemplo o vocábulo *saveiro*, de frequência relativamente elevada (75 ocorrências), mas de baixíssima distribuição (3,3%); o vocábulo ocorre apenas em duas obras, ambas de Jorge Amado.

4 O universo de pesquisa do Dicionário de Frequência

4.1 *Amplitude da pesquisa.* Com base numa seleção de 125 obras em prosa da Literatura Brasileira Contemporânea, procedemos ao levantamento do seu vocabulário, estabelecendo os seguintes critérios estatísticos: 1º) de cada obra selecionamos 25 páginas para pesquisa, distribuídas através de toda a obra, de forma

a obter uma amostragem uniforme e bem expressiva do seu vocabulário; 2º) de cada uma destas páginas recolhemos e fichamos as primeiras 200 palavras, totalizando, assim, 5.000 ocorrências vocabulares por obra e, no conjunto das 125 obras pesquisadas, 625.000 ocorrências vocabulares. Este número – $N= 625.000$ – define o universo da pesquisa.

4.2 *Espectro temporal.* Como se depreende do subtítulo do *Dicionário de Frequência*, o período escolhido para a fixação do universo da pesquisa foi o da prosa literária contemporânea do Brasil. Estabelecemos como datas limites os anos de 1920 (nas vésperas da Semana de Arte Moderna de 1922) e 1984 (nas vésperas da conclusão do *Dicionário de Frequência*).

4.3 *Critérios de seleção das obras.* A escolha das obras-fontes da pesquisa foi baseada em três critérios distintos, combinados entre si: 1º) critério de valor; 2º) critério temporal; 3º) critério regional.

4.3.1 Para evitar a subjetividade que preside a toda escolha pelo critério de valor, consultamos as principais histórias da Literatura Brasileira e alguns ensaios de Crítica Literária contemporâneos, extraíndo deles informações objetivas sobre o mérito deste ou daquele autor, desta ou daquela obra. Nossa seleção inclui, indiscutivelmente, os nomes mais representativos da prosa brasileira de nossos dias, tais como Alcântara Machado, Alberto Rangel, Coelho Neto, Graça Aranha, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Antônio Callado, Autran Dourado, Darcy Ribeiro, João Ubaldo e tantos outros. É claro – e isto é inevitável em qualquer seleção – que um ou outro autor de algum renome foi aqui omitido, enquanto outros de menor projeção foram incluídos. A necessidade de combinar o critério de valor com os outros dois critérios foi, sem dúvida, responsável também por essas omissões involuntárias.

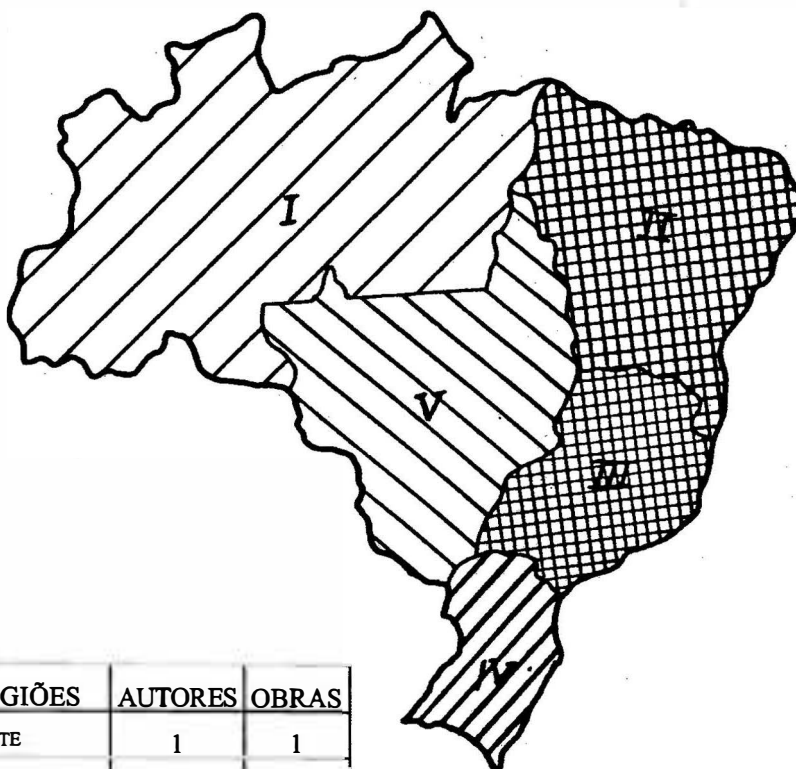
4.3.2 Com o propósito de obter valores estatísticos mais representativos do período estudado (1920 a 1984), procuramos selecionar um número mais ou menos expressivo de obras de cada uma das décadas pesquisadas, dando acentuada prioridade para as últimas, por sua maior contemporaneidade.

4.3.3 Ainda com o objetivo de recolher dados estatísticos tão amplos e variados quanto possível, adotamos o critério de incluir na pesquisa autores de todas as regiões geográficas do Brasil. Cumpre notar que algumas regiões têm um grande número de representantes, enquanto outras são consideravelmente mais pobres.

4.4 Especificidade da pesquisa

4.4.1 Um projeto amplo e abrangente para a elaboração de um grande dicionário de frequência da língua portuguesa deveria compreender: a) sob o aspecto temporal, obras de todo o período que decorre do século XIII, quando do aparecimento dos primeiros textos redigidos integralmente em português, até os dias de hoje; b) sob o ponto de vista regional, obras escritas em Portugal, no Brasil e nas antigas colônias portuguesas; c) sob o aspecto dos gêneros (literários ou não), a

**DISTRIBUIÇÃO DOS AUTORES PELAS
REGIÕES DE SEU NASCIMENTO**



REGIÕES	AUTORES	OBRAS
I- NORTE	1	1
II- NORDESTE	18	32
III- SUDESTE	46	75
IV- SUL	8	9
V- CENTRO-OESTE	3	4
SUBTOTALS	76	121
EUROPEUS	2	4
TOTAIS	78	125

prosa e a poesia literárias, o teatro, as obras especializadas das ciências e das artes, da filosofia e da metafísica, da política e da economia, da ética, da moral e das religiões, das artes marciais, dos esportes, dos diferentes ramos das artes ditas menores (corte, costura, bordado, culinária, marcenaria, serralharia, cutelaria, etc.) – enfim, todo o vasto campo dos conhecimentos humanos. Um dicionário de frequência com tal amplitude deveria estabelecer como base para o levantamento um número de ocorrências vocabulares nunca inferior a 10.000.000 (dez milhões).

4.4.2 Para a elaboração do nosso *Dicionário de Frequência* fomos forçados a restringir consideravelmente o universo da pesquisa, a fim de podermos realizá-lo em um prazo não muito longo e a custos não muito elevados. De outra forma, a obra seria praticamente inviável. Cumpre observar, porém, que a limitação do universo pesquisado – que ficou restrito à prosa de ficção no Brasil de nossos dias (1920–1984) –, foi proporcionalmente compensada pela extensão que atribuímos à pesquisa, recolhendo o vocabulário de 125 obras, com uma significativa amostragem de 625.000 ocorrências vocabulares. Numa segunda etapa, que poderia ser realizada com um bom aproveitamento dos resultados já obtidos nesta primeira, tratar-se-ia das linguagens da poesia e do teatro brasileiro do mesmo período, estabelecendo como base para o levantamento um número próximo de 625.000 ocorrências vocabulares, idêntico ao que foi fixado para a prosa de ficção. E assim, em sucessivas etapas, cada uma das quais seria realizada em prazos bem mais curtos e com custos bem menos elevados, em razão do aproveitamento dos resultados obtidos nas etapas anteriores, completar-se-iam todos os gêneros, de todos os períodos históricos, de todas as regiões de Língua Portuguesa.

4.4.3 Preferimos iniciar a pesquisa pela linguagem da prosa, excluindo assim os demais gêneros, porque os critérios de levantamento para a obtenção de dados estatísticos precisos são, para a prosa, consideravelmente mais simples, mais imediatos e mais objetivos.

4.4.4 Apesar de a nossa pesquisa restringir-se a um só gênero e a um período histórico muito curto (65 anos), os resultados obtidos podem ser aplicados, com algumas reservas, aos vocabulários de outros gêneros, de outros períodos e de outras regiões. No quadro abaixo relacionamos os 25 verbos mais frequentes do nosso *Dicionário de Frequência* e de cada uma das seguintes obras: *Os Lusíadas* (poema português de 1572), *Prosopopéia*, de Bento Teixeira (poema luso-brasileiro publicado em 1601), *Tratado político*, de Rocha Pita (texto em prosa de autor brasileiro, de 1706–1715), *Três poetas brasileiros simbolistas* (fim do século XIX – início do século XX), *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna (texto dramático de autor brasileiro contemporâneo) e a linguagem do *Samba-enredo* (dos anos de 1972–1982). Com exceção da *Prosopopéia*, cujo índice de vocábulos preparamos há alguns anos, mas ainda se conserva inédito, e da tese sobre o *Samba-enredo*, também inédita, de Rachel Teixeira Valença – textos que consultamos nos originais datilografados –, os outros dados para a elaboração do Quadro foram extraídos das obras de A. G. Cunha, Heitor Martins, Cilene Cunha de Souza e Jacques Emorine.

VERBOS							
Nº de Ordem	Dic. Freq.	Os Lusíadas	Prosopopéia	Trat. Pol.	Simbolistas	Auto da Compadecida	Samba-enredo
1	ser	ser	ser	ser	ser	ser	ser
2	ter	ver	ter	fazer	ter	estar	ir
3	estar	ter	ver	ter	ir	ir	vir
4	ir	fazer	fazer	poder	vir	ter	<i>cantar</i>
5	dizer	dar	dar	haver	ver	dizer	ter
6	fazer	estar	dizer	ver	haver	ver	fazer
7	ver	ir	estar	dar	<i>morror</i>	saber	ver
8	saber	vir	vir	deixar	<i>chorar</i>	podre	dar
9	haver	dizer	haver	ir	<i>andar</i>	fazer	chegar
10	poder	poder	querer	passar	passar	querer	<i>sonhar</i>
11	querer	<i>mandar</i>	ir	estar	saber	dar	estar
12	dar	querer	<i>cantar</i>	achar	estar	deixar	<i>levar</i>
13	ficar	haver	ficar	dizer	<i>sonhar</i>	<i>morror</i>	poder
14	vir	<i>tomar</i>	chegar	querer	dizer	vir	querer
15	falar	<i>pôr</i>	poder	<i>entender</i>	<i>dormir</i>	ficar	<i>trazer</i>
16	olhar	deixar	<i>pôr</i>	dever	fazer	<i>chamar</i>	<i>dançar</i>
17	passar	<i>trazer</i>	<i>alcançar</i>	<i>pôr</i>	poder	<i>benzer</i>	deixar
18	pensar	<i>levar</i>	<i>andar</i>	sair	<i>pôr</i>	achar	falar
19	chegar	saber	deixar	<i>tornar</i>	<i>subir</i>	falar	olhar
20	deixar	<i>mostrar</i>	dever	<i>conquistar</i>	<i>cantar</i>	passar	<i>sambar</i>
21	sair	passar	<i>mostrar</i>	<i>conservar</i>	<i>surgir</i>	pensar	<i>surgir</i>
22	sentir	ficar	passar	<i>dividir</i>	sentir	<i>enterrar</i>	<i>brilhar</i>
23	parecer	<i>tornar</i>	<i>tornar</i>	<i>entrar</i>	<i>cair</i>	haver	<i>cair</i>
24	dever	olhar	<i>chamar</i>	<i>ganhar</i>	<i>lembrar</i>	<i>ouvir</i>	<i>lembrar</i>
25	achar	<i>chamar</i>	<i>convir</i>	<i>mostrar</i>	<i>soluçar</i>	<i>entender</i>	<i>viver</i>

NOTA – Registramos em itálico os verbos que se documentam entre os 25 primeiros de cada uma das seis obras postas em confronto com o *Dicionário de Frequência* e que nele não ocorrem entre os 25 primeiros.

4.4.5 Um rápido exame no quadro acima, mostra-nos que, dos 25 verbos mais freqüentes do nosso *Dicionário de Frequência*, 17 (68%) ocorrem entre os 25 mais freqüentes de *Os Lusíadas*; 17 (68%) ocorrem entre os 25 mais freqüentes de *Prosopopéia*; 16 (64%) ocorrem entre os 25 mais freqüentes do *Tratado político*; 13 (52%) ocorrem entre os 25 mais freqüentes dos *Três poetas brasileiros simbolistas*; 19 (76%) ocorrem entre os 25 mais freqüentes do *Auto da Compadecida*, e 14

(56%) ocorrem entre os 25 mais freqüentes do *Samba-enredo*. Estes percentuais são bastante expressivos, levando-se em consideração a diversidade dos textos postos em confronto. Alguns outros dados de interesse poderiam ser aqui arrolados, como, por exemplo, a ausência do verbo *pôr* entre os 25 verbos mais freqüentes do nosso *Dicionário de Frequência*, bem como dos textos mais modernos do *Auto da Compadecida* e da linguagem do *Samba-enredo*, e a sua presença em *Os Lusíadas* (onde ocupa o 15º lugar na ordem de freqüência dos verbos), na *Prosopopéia* (onde é o 16º), no *Tratado político* (onde ocupa a 17ª posição) e nos *Três poetas brasileiros simbolistas* (onde ocupa a 18ª posição). Esta freqüência menor do verbo *pôr* nas obras mais modernas talvez se deva à concorrência dos verbos *botar* e *colocar*, os quais, apesar de já se documentarem desde os séculos XIV e XVI, respectivamente, ainda eram pouco usados nos séculos XVI, XVII e XVIII – nenhum dos dois ocorre em *Os Lusíadas*, nem na *Prosopopéia*, nem no *Tratado político* –, enquanto que, no nosso *Dicionário de Frequência*, ambos ocupam posição de certo relevo.

5 Dados estatísticos

5.1 Os números N , N_c , N_o , $N_{f \geq 10}$ e $N_{f \leq 9}$

O número N , que define o universo da pesquisa, foi referido no sub-parágrafo 4.1 e seu valor foi calculado com base nos seguintes dados:

1 obra x 25 págs. x 200 palavras = 5.000 ocorrências;

125 obras x 5.000 ocorrências = 625.000 ocorrências.

5.1.1 Cumpre esclarecer que, na contagem das 200 palavras de cada página, foram computados, além dos vocábulos do vocabulário comum, os nomes próprios de pessoas (antropônimos) e de lugares (geônimos) e os termos estrangeiros não aportuguesados. Embora computados para o estabelecimento do universo da pesquisa (N), esses vocábulos foram todos eliminados do fichamento. O número N representa, pois, a soma de N_c – número total de ocorrências dos vocábulos do vocabulário comum – com N_o – número total de ocorrências dos nomes próprios e dos termos estrangeiros não aportuguesados:

$$N = N_c + N_o$$

5.1.2 Nosso índice de vocábulos registrados por ordem de freqüência decrescente inclui todos os vocábulos do vocabulário comum de freqüência igual ou superior a 10. O número total de ocorrências ali indicado é:

$$N_{f \geq 10} = 540.100$$

5.1.3 No quadro a seguir indicamos o número total de vocábulos do vocabulário comum de freqüência igual ou inferior a 9 ($V_{g \leq 9}$) e o número total de ocorrências a ele correspondente: $N_{f \leq 9} = 46.329$.

Número de vocábulo	Frequência	Número de ocorrências
8.607	1	8.607
3.282	2	6.564
1.966	3	5.898
1.312	4	5.248
917	5	4.585
705	6	4.230
563	7	3.941
475	8	3.800
384	9	3.456
18.211	–	46.329

5.1.4 Somando-se $N_{f \geq 10}$ com $N_{f \leq 9}$, obtém-se o valor N_c – número total de ocorrências dos vocábulos do vocabulário comum:

$$N_{f \geq 10} + N_{f \leq 9} = N_c;$$

$$540.100 + 46.329 = 586.429 : N_c$$

Subtraindo-se de N – número total de ocorrências do universo pesquisado – o número N_c , obtém-se o número N_o , que representa o número total das ocorrências dos nomes próprios e dos termos estrangeiros não aportuguesados:

$$N - N_c = N_o;$$

$$625.000 - 586.429 = 38.571 : N_o$$

Este número – N_o – corresponde a pouco mais de 6% das 625.000 ocorrências do universo da pesquisa.

5.2 Os números V , V_c , V_o , $V_{f \geq 10}$ e $V_{f \leq 9}$.

Como referimos no subparágrafo 5.1.1, os nomes próprios (antropônimos e geônimos) e os termos estrangeiros não aportuguesados, embora computados no levantamento do vocabulário, não foram fichados; não dispomos, portanto, do valor de V_o – número que definiria o total desses vocábulos – e, em consequência, também não podemos fixar o valor de V , número que definiria o total de vocábulos do universo pesquisado:

$$V = V_c + V_o$$

5.2.1 Como referimos no subparágrafo 5.1.2, nosso índice de vocábulos registrados por ordem de frequência decrescente inclui todos os vocábulos do vocabulário comum de frequência igual ou superior a 10. O número de vocábulos registrados é:

$$V_{f \geq 10} = 4.232$$

5.2.2 No quadro acima indicamos o número total de vocábulos do vocabulário comum de frequência igual ou inferior a 9, a saber:

$$V_{f \leq 9} = 18.211$$

5.2.3 Somando-se $V_{f \geq 10}$ com $V_{f \leq 9} = V_c$;

$$4.232 + 18.211 = 22.443: V_c.$$

5.3 O número F_c . Dividindo-se N_c – número total de ocorrências de vocábulos do vocabulário comum – por V_c – número total de vocábulos diferentes do vocabulário comum –, obtém-se F_c – valor da frequência média dos vocábulos do vocabulário comum:

$$N_c \div V_c = F_c;$$

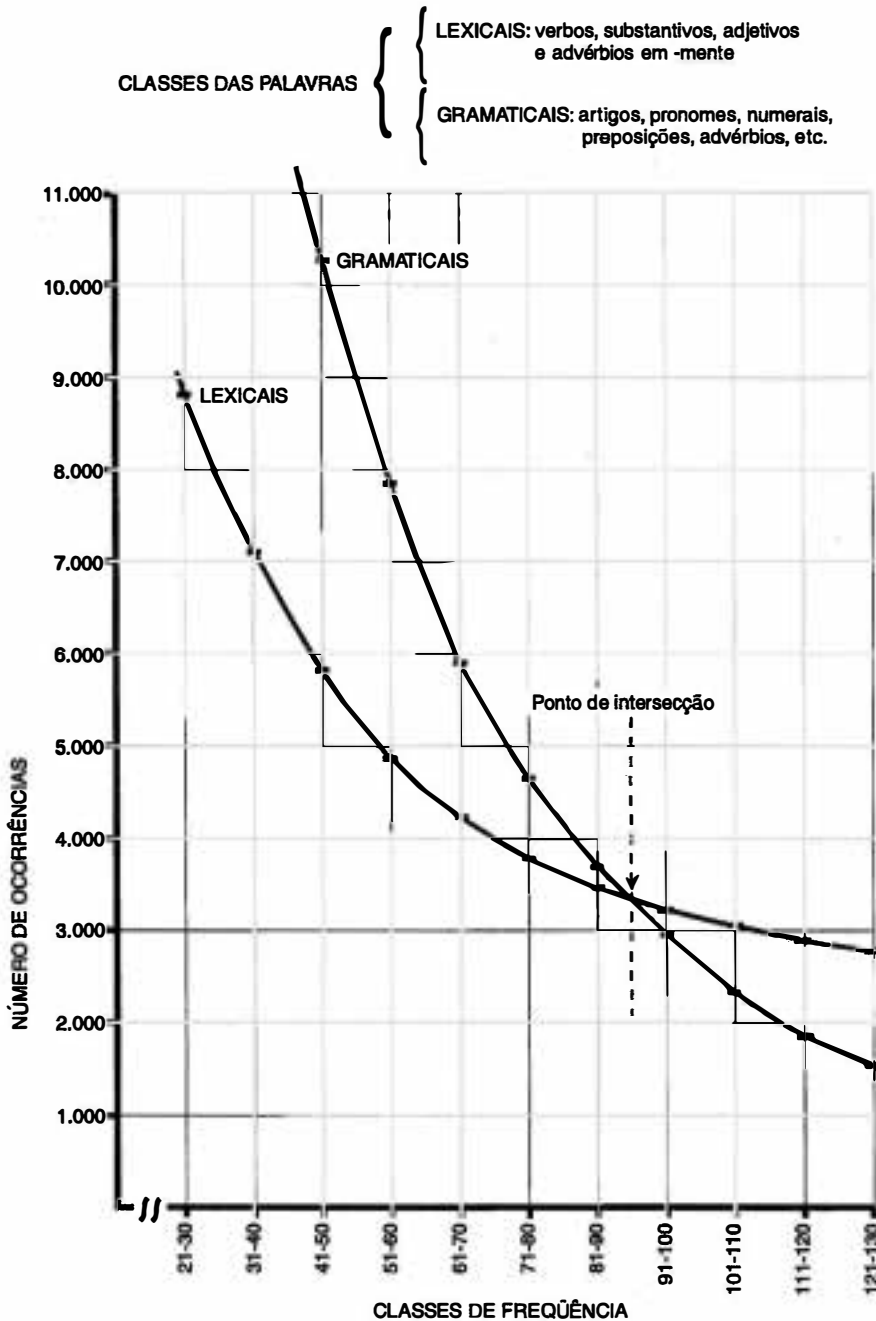
$$586.429 \div 22.443 = 26,129 : F_c.$$

5.3.1 No subparágrafo 4.4.4 apresentamos um quadro dos verbos de maior frequência do nosso *Dicionário de Frequência*, confrontando-os com os de seis obras de características bem distintas, entre as quais figura *Os Lusíadas*. No quadro, que a seguir reproduzimos, voltamos a ressaltar, agora com particular realce, as características das diferentes frequências dos verbos do Poema de Camões, quando comparadas com as do nosso *Dicionário de Frequência*. Ressalte-se que não se indica, no quadro, o número de ordem do verbo *falar* no Poema de Camões, porque ele não ocorre entre os 25 mais frequentes arrolados no *Índice Analítico do Vocabulário de "Os Lusíadas"* (2ª edição, pág. XVI). Sua frequência, porém, é indicada com base no texto do Índice, no qual vêm transcritos os 27 versos em que ele aparece (27/55000 \rightarrow 0,0490%).

VERBOS	A prosa de ficção		Os Lusíadas	
	Nº DE ORDEM	FREQ. %	Nº DE ORDEM	FREQ. %
ser	1º	1,9378	1º	1,2672
ter	2º	0,7792	3º	0,7000
estar	3º	0,6008	6º	0,4072
ir	4º	0,5052	7º	0,3763
dizer	5º	0,4032	9º	0,3090
fazer	6º	0,3690	4º	0,5090
ver	7º	0,3200	2º	0,8072
saber	8º	0,3093	19º	0,1418
haver	9º	0,2723	13º	0,1872
poder	10º	0,2717	10º	0,2236
querer	11º	0,2700	12º	0,1909
dar	12º	0,2603	5º	0,4163
ficar	13º	0,2533	22º	0,1272
vir	14º	0,2096	8º	0,3290
falar	15º	0,1579	–	0,0490

6 Classes de frequência. Relacionando-se as palavras gramaticais por ordem de frequência decrescente e agrupando-as, a seguir, em classes de 10 (da 1ª à 10ª, da 11ª à 20ª, etc.), verifica-se que os valores de frequência de cada classe vão decrescendo progressivamente. O mesmo ocorre com as palavras lexicais, mas, nestas, a progressão decresce proporcionalmente menos e, assim, num dado ponto, o *ponto de intersecção*, ocorre uma inversão: as classes das palavras lexicais assumem, a partir desse ponto, valores mais elevados do que os das classes gramaticais correspondentes. Isto, aliás, é facilmente explicável, considerando-se que o número de palavras gramaticais é relativamente pequeno e limitado, enquanto que o número das lexicais é incomparavelmente maior e praticamente ilimitado. No quadro abaixo relacionamos as classes de frequência e os totais de cada classe e, no gráfico, apresentamos o desenvolvimento das duas curvas de frequência, assinalando nelas o ponto de intersecção.

CLASSES DE FREQUÊNCIA	TOTAIS DE CADA CLASSE	
	GRAMATICAIS	LEXICAIS
1ª - 10ª	159.494	36.052
11ª - 20ª	46.663	13.386
21ª - 30ª	26.373	8.855
31ª - 40ª	15.034	7.060
41ª - 50ª	10.310	5.862
51ª - 60ª	7.876	4.787
61ª - 70ª	5.949	4.217
71ª - 80ª	4.625	3.771
81ª - 90ª	3.690	3.466
91ª - 100ª	2.982	3.230
101ª - 110ª	2.296	3.044
111ª - 120ª	1.923	2.924
121ª - 130ª	1.551	2.803



7 Os Índices: o de frequência e o alfabético

7.1 Etapas de execução. Razões de ordem prática aconselharam-nos a dividir o levantamento do vocabulário, para o estabelecimento dos Índices, em quatro etapas:

7.1.1 Na primeira etapa procedemos ao levantamento das palavras gramaticais (artigos, pronomes, preposições, etc.). Conhecendo, *a priori*, que essas palavras são em número relativamente pequeno, mas de frequência extraordinariamente elevada, pareceu-nos suficiente fixar em 200.000 o total das ocorrências vocabulares do universo a pesquisar. Procedemos, então, ao levantamento dessas palavras em 100 das 125 obras que integram o nosso universo de pesquisa. De cada uma das 100 obras selecionamos 20 páginas, recolhendo, a seguir, as palavras gramaticais que se nos depararam nas primeiras 100 palavras de cada uma das 20 páginas:

$$100 \text{ obras} \times 20 \text{ páginas} \times 100 \text{ palavras} = 200.000 \text{ ocorrências.}$$

No *Índice Alfabético* todas as palavras gramaticais foram precedidas do sinal +; depois do registro, seguem-se as siglas das obras, com o número de ocorrências em cada uma e, entre colchetes, precedido da letra F (= frequência), o total de sua frequência em função das 200.000 ocorrências; segue-se, ainda dentro dos colchetes, precedido da letra D (= distribuição), o valor percentual de sua distribuição.

No *Índice de Frequência* aqueles valores de frequência das palavras gramaticais que constam do *Índice Alfabético* foram multiplicados pelo fator 3,125 ($625.000 : 200.000 = 3,125$), a fim de tornar compatíveis todos os valores de frequência com o total de ocorrências (625.000) do universo que estabelecemos para o nosso *Dicionário de Frequência*.

7.1.2 Na segunda etapa procedemos ao levantamento das palavras lexicais (verbos, substantivos, adjetivos e advérbios em *-mente*) em 60 das 125 obras que integram o nosso universo. Nosso objetivo foi o de eliminar da pesquisa das 65 obras restantes as palavras lexicais de elevada frequência, a fim de não sobrecarregar inutilmente os trabalhos de levantamento, uma vez que, estatisticamente, a posição dessas palavras, na ordem geral de frequência, não se alteraria. Assim, de cada uma das 60 obras selecionamos 25 páginas, recolhendo as palavras lexicais que se nos depararam nas primeiras 200 palavras de cada uma das 25 páginas:

$$60 \text{ obras} \times 25 \text{ páginas} \times 200 \text{ palavras} = 300.000 \text{ ocorrências.}$$

No *Índice Alfabético* todas as palavras lexicais pesquisadas apenas nas primeiras 60 obras foram precedidas de um asterisco*; depois do registro, seguem-se as siglas das obras, com o número de ocorrências em cada uma e, entre colchetes, precedido da letra F (= frequência), o total de sua frequência em função das 300.000 ocorrências; segue-se, ainda dentro dos colchetes, precedido da letra D (= distribuição), o número de obras em que ocorre a palavra, o qual define a sua distribuição nas 60 obras pesquisadas.

No *Índice de Frequência* aqueles valores de frequência das palavras lexicais que constam do *Índice Alfabético* foram multiplicados pelo fator 2,083 ($625.000 : 300.000 = 2,083$), a fim de tornar compatíveis todos os valores de frequência com o total de ocorrências (625.000) do universo que estabelecemos para o nosso *Dicionário de Frequência*, tal como foi referido no subparágrafo anterior. Ainda no *Índice de Frequência*, com o propósito de tornar percentual o valor da distribuição, multiplicamos pela fração $10/6$ o número que indica, no *Índice Alfabético*, o total de obras em que ocorre a palavra.

7.1.3 Na terceira etapa procedemos ao levantamento das palavras lexicais em mais 40 obras, totalizando, assim, 100 obras e 500.000 ocorrências (100 obras x 25 páginas x 200 palavras = 500.000 ocorrências), não computando, evidentemente, aquelas palavras de elevada frequência que já haviam sido eliminadas nas primeiras 60 obras pesquisadas. Ainda aqui, tal como foi mencionado no subparágrafo anterior, nosso objetivo foi também o de eliminar das 25 obras restantes novas palavras de elevada frequência, uma vez que, estatisticamente, a sua posição na ordem geral de frequência não se alteraria.

No *Índice Alfabético* todas as palavras lexicais pesquisadas nas 100 primeiras obras foram precedidas de dois asteriscos**; depois do registro, seguem-se as siglas das obras, com o número de ocorrências em cada uma e, entre colchetes, precedido da letra F (= frequência), o total de sua frequência em função das 500.000 ocorrências; segue-se, ainda dentro dos colchetes, precedido da letra D (= distribuição), o número de obras em que ocorre a palavra, o qual define sua distribuição percentual.

No *Índice de Frequência* aqueles valores de frequência das palavras lexicais que constam do *Índice Alfabético* foram multiplicados pelo fator 1,25 ($625.000 : 500.000 = 1,25$), a fim de tornar compatíveis todos os valores de frequência, tal como já foi referido nos dois subparágrafos anteriores.

7.1.4 Na quarta e última etapa procedemos ao levantamento das palavras lexicais nas 25 obras restantes, totalizando, assim, 125 obras e 625.000 ocorrências (125 obras x 25 páginas x 200 palavras = 625.000 ocorrências), não computando, evidentemente, aquelas palavras de elevada frequência que já haviam sido eliminadas nas duas etapas anteriores.

No *Índice Alfabético*, não vão precedidas de qualquer sinal as palavras lexicais que foram pesquisadas nas 125 obras; depois do registro, seguem-se apenas as siglas das obras, com o número de ocorrências em cada uma.

No *Índice de Frequência*, com o propósito de tornar percentual o valor da distribuição, multiplicamos pela fração $100/125$ o número total das obras em que se documenta a palavra, todas relacionadas no *Índice Alfabético*.

7.2 Características do Índice de Frequência. Registramos neste Índice, por ordem de frequência decrescente, os vocábulos do universo pesquisado cuja frequência é igual ou superior a 10.

7.2.1 Na primeira coluna da esquerda indicamos o número de ordem do vocábulo em função de sua freqüência. Quando dois ou mais vocábulos têm a mesma freqüência, demos prioridade àqueles cujos percentuais de distribuição são mais altos. Quando, porém, dois ou mais vocábulos têm a mesma freqüência e o mesmo percentual de distribuição, ordenamo-los alfabeticamente, atribuindo a todos o mesmo número de ordem.

7.2.2 Na segunda coluna procedemos ao registro do vocábulo, o qual só vem acompanhado de sua classe gramatical quando foi necessário distingui-lo de um homógrafo: *que*¹ pron. e *que*² conj.

7.2.3 Na terceira coluna registramos o número que define sua freqüência absoluta, a saber, o número total de ocorrências do vocábulo no universo pesquisado.

7.2.4 Na quarta coluna registramos o número que define sua freqüência relativa, a saber, o percentual de ocorrências do vocábulo no universo pesquisado.

7.2.5 Na quinta e última coluna registramos o número que define o percentual de sua distribuição.

7.2.6 Ao pé de cada página, a partir da quarta, indicamos os subtotais das freqüências, absoluta e relativa, dos vocábulos até aí registrados. Nas três primeiras páginas procedemos à indicação dos subtotais em classes de 5, 10 ou 20 vocábulos, a fim de salientar a extraordinária freqüência com que esses primeiros vocábulos se documentam na Língua.

7.2.7 Para melhor esclarecimento do que foi aqui exposto no subparágrafo 7.2, reproduzem-se, a seguir, as cinco primeiras páginas do Índice de Freqüência.

**MODELO DO
ÍNDICE DE FREQUÊNCIA**

Número de Ordem	VOCÁBULO	Frequência		Distribuição %
		Absoluta	Relativa %	
1º	o ¹ (a, os, as) <i>art.</i>	41.875	6,7000	100,0
2º	de	23.734	3,7974	100,0
3º	do (da, dos, das)	17.716	2,8345	100,0
4º	e	17.487	2,7980	100,0
5º	ser ¹ <i>v.</i>	12.111	1,9378	100,0
–	1º SUBTOTAL	112,923	18,0677	–
6º	um (uma, uns, umas)	11.997	1,9195	100,0
7º	no (na, nos, nas)	11.016	1,7626	100,0
8º	que ¹ <i>pron.</i>	10.978	1,7565	100,0
9º	não	9.469	1,5150	100,0
10º	se ¹ <i>pron.</i>	8.066	1,2905	100,0
–	2º SUBTOTAL	164.449	26,3118	–
11º	que ² <i>conj.</i>	7.156	1,1450	100,0
12º	com	6.072	0,9715	100,0
13º	para	5.997	0,9595	100,0
14º	em	5.244	0,8390	100,0
15º	seu (sua, seus, suas)	4.928	0,7885	100,0
–	3º SUBTOTAL	193.846	31,0153	–
16º	ter	4.870	0,7792	100,0
17º	o ² (a, os, as, lo..., no...) <i>pron.</i>	4.869	0,7790	100,0
18º	ele (ela, eles, elas)	4.747	0,7595	100,0
19º	a ⁴ <i>prep.</i>	4.519	0,7230	100,0
20º	estar	3.754	0,6008	100,0
–	4º SUBTOTAL	216.605	34,6568	–
21º	me	3.678	0,5885	93,0
22º	como	3.306	0,5290	100,0
23º	mais	3.303	0,5285	98,0
24º	por <i>prep.</i>	3.184	0,5094	100,0
25º	ir	3.158	0,5052	98,3
–	5º SUBTOTAL	233.234	37,3174	–

/ 26° – 60° /

26°	mas	3.072	0,4915	100,0
27°	meu (minha, meus, minhas)	3.063	0,4901	97,0
28°	eu	2.953	0,4725	94,0
29°	ao	2.938	0,4701	98,0
30°	à	2.731	0,4369	98,0
–	6° SUBTOTAL	247.991	39,6785	–
31°	dizer	2.520	0,4032	100,0
32°	pelo (pela, pelos, pelas)	2.506	0,4010	100,0
33°	fazer	2.306	0,3690	100,0
34°	lhe	2.091	0,3346	89,0
35°	ver ¹ v.	2.000	0,3200	100,0
36°	outro (outra, outros, outras)	1.947	0,3115	100,0
37°	saber ¹ v.	1.933	0,3093	96,6
38°	todo (toda, todos, todas)	1.888	0,3021	99,0
39°	se ² conj.	1.778	0,2844	97,0
40°	muito adv. pron.	1.706	0,2729	97,0
–	7° SUBTOTAL	268.666	42,9865	–
41°	haver ¹ v.	1.702	0,2723	100,0
42°	poder ¹ v.	1.698	0,2717	100,0
43°	querer ¹ v.	1.687	0,2700	100,0
44°	sem	1.675	0,2680	97,0
45°	mesmo (mesma, mesmos, mesmas)	1.641	0,2626	91,0
46°	dar	1.627	0,2603	100,0
47°	ficar	1.583	0,2533	98,3
48°	quando	1.553	0,2485	96,0
49°	ou	1.434	0,2294	95,0
50°	já	1.431	0,2289	97,0
–	8° SUBTOTAL	284.697	45,5515	–
51°	homem	1.343	0,2149	100,0
52°	você	1.341	0,2146	72,0
53°	vir	1.310	0,2096	100,0
54°	esse (essa, esses, essas)	1.297	0,2075	87,0
55°	dia	1.256	0,2010	96,6
56°	vez	1.229	0,1966	100,0
57°	coisa	1.200	0,1920	100,0
58°	tudo	1.178	0,1885	93,0
59°	casa	1.164	0,1862	100,0
60°	num (numa, nuns, numas)	1.150	0,1840	87,0
–	9° SUBTOTAL	297.165	47,5464	–

/ 61° – 100° /

61°	aquele (-la,-les,-las)	1.150	0,1840	86,0
62°	nem	1.091	0,1746	90,0
63°	depois	1.047	0,1675	92,0
64°	até	1.044	0,1670	93,0
65°	ainda	1.028	0,1645	92,0
66°	falar	987	0,1579	98,3
67°	agora	981	0,1570	90,0
68°	dois (duas)	972	0,1555	91,0
69°	olhar ¹ v.	950	0,1520	95,0
70°	tempo	933	0,1493	100,0
71°	mão	927	0,1483	98,3
72°	assim	925	0,1480	90,0
73°	bem ¹ adv.	922	0,1475	94,0
74°	passar ¹ v.	906	0,1450	98,3
75°	mulher	902	0,1443	91,6
76°	olho	869	0,1390	95,0
77°	isso	863	0,1381	81,0
78°	noite	854	0,1366	100,0
79°	pensar	846	0,1354	95,0
80°	vida	839	0,1342	100,0
<hr/>				
–	10° SUBTOTAL	316.201	50,5921	–
<hr/>				
81°	lá adv.	838	0,1341	79,0
82°	chegar	829	0,1326	98,3
"	deixar	829	0,1326	98,3
84°	nada	828	0,1325	90,0
85°	onde pron. adv.	825	0,1320	83,0
86°	porque	813	0,1301	82,0
87°	quem	800	0,1280	86,0
88°	sair	785	0,1256	96,6
89°	gente	773	0,1236	95,0
90°	sentir	762	0,1219	96,6
91°	algum (alguma, alguns, algumas)	728	0,1165	88,0
92°	sobre	728	0,1165	81,0
93°	este (esta, estes, estas)	728	0,1165	74,0
94°	tanto adv. pron.	725	0,1160	81,0
95°	velho	717	0,1149	98,3
96°	então	715	0,1144	80,0
97°	parecer ¹ v.	702	0,1123	96,6
98°	nunca	656	0,1050	82,0
99°	pouco adv pron.	650	0,1040	73,0
100°	entre	644	0,1030	79,0
<hr/>				
–	11° SUBTOTAL	331.276	53,0042	–

/ 101° a 140° /

101°	ano	625	0,1000	98,3
"	hora	625	0,1000	98,3
103°	dever ¹ v.	623	0,0997	98,3
104°	achar	619	0,0991	91,6
105°	grande	617	0,0987	100,0
106°	ouvir	617	0,0987	98,3
107°	cabeça	612	0,0979	95,0
108°	bom	596	0,0954	96,6
109°	novo	592	0,0947	98,3
110°	voltar	585	0,0936	96,6
111°	pai	579	0,0926	90,0
112°	mim	569	0,0910	59,0
113°	primeiro (-ra, -ros, -ras)	563	0,0901	74,0
114°	nosso (nossa, nossos, nossas)	559	0,0894	76,0
115°	mundo	558	0,0893	95,0
116°	entrar	554	0,0886	98,3
117°	lado	552	0,0883	91,6
118°	quase	544	0,0870	73,0
119°	ali	534	0,0854	74,0
120°	aqui	515	0,0824	67,0
"	pois	515	0,0824	67,0
122°	viver ¹ v.	498	0,0797	95,0
123°	ninguém	497	0,0795	72,0
124°	andar ¹ v.	494	0,0790	90,0
125°	levar	490	0,0784	96,6
126°	apenas	488	0,0781	63,0
127°	perguntar	485	0,0776	81,6
128°	esperar	481	0,0770	86,6
129°	dentro	481	0,0770	70,0
130°	tomar	479	0,0767	88,3
131°	rua	477	0,0763	88,3
132°	logo	475	0,0760	63,0
133°	mãe	471	0,0753	85,0
134°	porta	460	0,0736	86,6
135°	antes	453	0,0725	72,0
136°	palavra	452	0,0723	90,0
137°	amigo	448	0,0717	90,0
138°	aí	441	0,0706	66,0
139°	filho	437	0,0699	85,0
140°	começar	431	0,0690	96,6
-	12° SUBTOTAL	352.367	56,3787	-

/ 141° – 180° /

141°	menos	431	0,0690	66,0
142°	naquele (-la,-les,-las)	431	0,0690	60,0
143°	morrer	429	0,0686	91,6
144°	pequeno	423	0,0677	86,6
145°	água	419	0,0670	71,6
146°	qualquer	413	0,0661	63,0
147°	fê	412	0,0659	90,0
148°	cidade	408	0,0653	81,6
149°	lembrar	406	0,0650	90,0
150°	três	406	0,0650	64,0
151°	conhecer	404	0,0646	88,3
152°	pedir	404	0,0646	81,6
153°	cada	403	0,0645	67,0
154°	nenhum (-uma, -uns, -umas)	403	0,0645	65,0
155°	gostar	400	0,0640	83,3
156°	nós	394	0,0630	56,0
157°	moço	383	0,0613	91,6
158°	corpo	381	0,0610	88,3
159°	deus	381	0,0610	73,3
160°	daquele (-la, -les, -las)	378	0,0605	64,0
161°	voz	375	0,0600	91,6
162°	sim	375	0,0600	63,0
163°	cara	371	0,0590	70,0
164°	encontrar	360	0,0576	85,0
165°	chamar	358	0,0573	88,3
166°	terra	358	0,0573	81,6
167°	abrir	356	0,0570	91,6
168°	acabar	356	0,0570	78,3
169°	contar	352	0,0563	85,0
"	pôr v.	352	0,0563	85,0
171°	nome	350	0,0560	86,6
172°	dormir	348	0,0557	83,3
173°	ar	340	0,0544	78,3
"	rir	340	0,0544	78,3
175°	talvez	338	0,0541	53,0
176°	amor	337	0,0539	80,0
177°	boca	335	0,0536	83,3
178°	longe	334	0,0535	52,0
179°	nos	331	0,0530	43,0
180°	continuar	329	0,0526	90,0
13° SUBTOTAL		367.471	58,7953	-

8 Conclusão

8.1 Nosso objetivo neste artigo foi expor, de forma um pouco resumida, os principais critérios que adotamos para a elaboração do nosso dicionário de frequência. Completando as informações até aqui apresentadas, preparamos duas relações distintas dos 250 verbos mais freqüentes do universo pesquisado.

Relação dos 250 verbos mais freqüentes do vocabulário da prosa de ficção do português contemporâneo do Brasil, por ordem decrescente de freqüência¹

1°	ser	5°	21°	sair	88°	41°	encontrar	164°
2°	ter	16°	22°	sentir	90°	42°	chamar	165°
3°	estar	20°	23°	parecer	97°	43°	abrir	167°
4°	ir	25°	24°	dever	103°	44°	acabar	168°
5°	dizer	31°	25°	achar	104°	45°	contar	169°
6°	fazer	33°	26°	ouvir	106°	"	pôr	"
7°	ver	35°	27°	voltar	110°	47°	dormir	172°
8°	saber	37°	28°	entrar	116°	48°	rir	173°
9°	haver	41°	29°	viver	122°	49°	continuar	180°
10°	poder	42°	30°	andar	124°	50°	precisar	181°
11°	querer	43°	31°	levar	125°	51°	procurar	184°
12°	dar	46°	32°	perguntar	127°	52°	tirar	186°
13°	ficar	47°	33°	esperar	128°	53°	trazer	188°
14°	vir	53°	34°	tomar	130°	54°	entender	195°
15°	falar	66°	35°	começar	140°	55°	cair	196°
16°	olhar	69°	36°	morrer	143°	56°	aparecer	202°
17°	passar	74°	37°	lembrar	149°	57°	escrever	204°
18°	pensar	79°	38°	conhecer	151°	58°	correr	205°
19°	chegar	82°	39°	pedir	152°	59°	perder	210°
"	deixar	"	40°	gostar	155°	60°	levantar	217°

¹ Registram-se, nas 3ª, 6ª e 9ª colunas, os números relativos à ordem de freqüência dos verbos no vocabulário geral da prosa de ficção do português contemporâneo do Brasil.

61°	comer	222°	94°	aproximar	357°	127°	cortar	476°
62°	parar	223°	"	seguir	"	"	resolver	476°
63°	mandar	224°	96°	explicar	359°	129°	usar	497°
64°	ler	227°	97°	mudar	361°	130°	brincar	500°
65°	responder	231°	98°	cantar	371°	131°	valer	506°
66°	bater	232°	99°	sofrer	372°	132°	surgir	521°
67°	matar	236°	100°	ganhar	379°	133°	possuir	523°
68°	gritar	244°	101°	aceitar	384°	134°	guardar	528°
69°	tornar	249°	102°	faltar	388°	135°	arranjar	531°
70°	subir	252°	103°	amar	391°	136°	desaparecer	533°
71°	sentar	256°	104°	acreditar	393°	137°	dançar	542°
72°	descer	257°	105°	tratar	400°	138°	acordar	547°
73°	compreender	264°	106°	nascer	401°	"	descobrir	"
74°	conseguir	266°	107°	caminhar	405°	140°	crescer	563°
75°	sorrir	271°	"	pagar	"	141°	preferir	569°
76°	receber	274°	109°	virar	411°	142°	reconhecer	571°
77°	chorar	275°	110°	importar	414°	143°	escutar	573°
78°	pegar	286°	111°	botar	417°	144°	notar	579°
79°	tentar	294°	112°	repetir	418°	145°	entregar	581°
80°	tocar	295°	113°	morar	419°	146°	aprender	582°
81°	perceber	301°	114°	encher	422°	147°	erguer	586°
82°	acontecer	302°	115°	desejar	423°	148°	escapar	591°
83°	mostrar	311°	116°	ajudar	430°	149°	prender	602°
84°	trabalhar	315°	117°	fechar	438°	150°	crer	609°
85°	existir	318°	118°	atravessar	440°	"	deitar	"
86°	jogar	320°	119°	partir	441°	152°	esconder	612°
87°	conversar	329°	120°	acompanhar	445°	153°	ligar	619°
88°	servir	332°	121°	comprar	452°	154°	criar	620°
89°	buscar	333°	122°	puxar	453°	155°	mover	623°
90°	beber	336°	123°	casar	463°	"	soltar	"
91°	fugir	340°	124°	meter	470°	157°	recordar	626°
92°	imaginar	341°	125°	vender	472°	158°	afastar	629°
93°	esquecer	353°	126°	atirar	475°	159°	decidir	636°

" formar	"	191° abandonar	757°	222° encostar	870°
161° oferecer	643°	192° assistir	759°	" murmurar	"
162° insistir	644°	193° jurar	762°	224° estudar	879°
163° observar	651°	194° despertar	763°	225° prometer	896°
164° saltar	655°	195° beijar	764°	226° demorar	902°
165° interessar	660°	196° mexer	771°	227° revelar	909°
166° carregar	668°	197° apagar	775°	228° agitar	915°
167° terminar	670°	" salvar	"	229° aproveitar	924°
168° sacudir	672°	199° cobrir	777°	230° considerar	926°
169° colocar	676°	" pisar	"	231° conter	927°
" segurar	"	201° acender	785°	232° apontar	930°
171° preparar	685°	" adiantar	"	233° admirar	933°
172° apertar	687°	" limpar	"	" alcançar	"
" arrastar	"	" permanecer	"	" discutir	"
174° manter	699°	" temer	"	" separar	"
175° trocar	702°	206° invadir	791°	237° confessar	940°
176° estender	705°	207° dirigir	793°	" fingir	"
" permitir	"	208° apresentar	812°	239° refletir	945°
178° espiar	709°	" examinar	"	240° avançar	946°
179° tremer	710°	210° julgar	814°	241° avisar	950°
" viajar	"	211° interromper	821°	" caber	"
181° apanhar	717°	212° cuidar	824°	243° agir	955°
" exigir	"	213° reparar	829°	" voar	"
183° vestir	724°	214° quebrar	831°	245° exclamar	960°
184° prestar	725°	215° arrancar	833°	246° telefonar	965°
185° evitar	735°	" baixar	"	247° ocupar	970°
186° bastar	738°	217° agarrar	835°	248° indagar	974°
" escolher	"	" retirar	"	249° aumentar	976°
188° restar	741°	219° agüentar	840°	250° durar	977°
189° transformar	742°	220° gastar	844°		
190° pretender	751°	221° defender	868°		

Relação dos 250 verbos mais frequentes do vocabulário da prosa de ficção do português contemporâneo do Brasil, dispostos em ordem alfabética.

abandonar	191°	aproximar	94°	começar	35°
abrir	43°	arrancar	215°	comer	61°
acabar	44°	arranjar	135°	comprar	121°
aceitar	101°	arrastar	172°	compreender	73°
acender	201°	assistir	192°	confessar	237°
achar	25°	atirar	126°	conhecer	38°
acompanhar	120°	atravessar	118°	conseguir	74°
acontecer	82°	aumentar	249°	considerar	230°
acordar	138°	avançar	240°	contar	45°
acreditar	104°	avisar	241°	conter	231°
adiantar	201°	baixar	215°	continuar	49°
admirar	233°	bastar	186°	conversar	87°
afastar	158°	bater	66°	correr	58°
agarrar	217°	beber	90°	cortar	127°
agir	243°	beijar	195°	crer	150°
agitar	228°	botar	111°	crescer	140°
agüentar	219°	brincar	130°	criar	154°
ajudar	116°	buscar	89°	cuidar	212°
alcançar	233°	caber	241°	dançar	137°
amar	103°	cair	55°	dar	12°
andar	30°	caminhar	107°	decidir	159°
apagar	197°	cantar	98°	defender	221°
apanhar	181°	carregar	166°	deitar	150°
aparecer	56°	casar	123°	deixar	19°
apertar	172°	chamar	42°	demorar	226°
apontar	232°	chegar	19°	desaparecer	136°
aprender	146°	chorar	77°	descer	72°
apresentar	208°	cobrir	199°	descobrir	138°
aproveitar	229°	colocar	169°	desejar	115°

despertar	194°	fazer	6°	mexer	196°
dever	24°	fechar	117°	morar	113°
dirigir	207°	ficar	13°	morrer	36°
discutir	233°	fingir	237°	mostrar	83°
dizer	5°	formar	159°	mover	155°
dormir	47°	fugir	91°	mudar	97°
durar	250°	ganhar	100°	murmurar	222°
encher	114°	gastar	220°	nascer	106°
encontrar	41°	gostar	40°	notar	144°
encostar	222°	gritar	68°	observar	163°
entender	54°	guardar	134°	ocupar	247°
entrar	28°	haver	9°	oferecer	161°
entregar	145°	imaginar	92°	olhar	16°
erguer	147°	importar	110°	ouvir	26°
escapar	148°	indagar	248°	pagar	107°
escolher	186°	insistir	162°	parar	62°
esconder	152°	interessar	165°	parecer	23°
escrever	57°	interromper	211°	partir	119°
escutar	143°	invadir	206°	passar	17°
esperar	33°	ir	4°	pedir	39°
espirar	178°	jogar	86°	pegar	78°
esquecer	93°	julgar	210°	pensar	18°
estar	3°	jurar	193°	perceber	81°
estender	176°	lembrar	37°	perder	59°
estudar	224°	ler	64°	perguntar	32°
evitar	185°	levantar	60°	permanecer	201°
examinar	208°	levar	31°	permitir	176°
exclamar	245°	ligar	153°	pisar	199°
exigir	181°	limpar	201°	poder	10°
existir	85°	mandar	63°	pôr	45°
explicar	96°	manter	174°	possuir	133°
falar	15°	matar	67°	precisar	50°
faltar	102°	meter	124°	preferir	141°

prender	149°	sacudir	168°	tocar	80
preparar	171°	sair	21°	tomar	34°
prestar	184°	saltar	164°	tornar	69°
pretender	190°	salvar	197°	trabalhar	84°
procurar	51°	seguir	94°	transformar	189°
prometer	225°	segurar	169°	tratar	105°
puxar	122°	sentar	71°	trazer	53°
quebrar	214°	sentir	22°	tremer	179°
querer	11°	separar	233°	trocar	175°
receber	76°	ser	1°	usar	129°
reconhecer	142°	servir	88°	valer	131°
recordar	157°	sofrer	99°	vender	125°
refletir	239°	soltar	155°	ver	7°
reparar	213°	sorrir	75°	vestir	183°
repetir	112°	subir	70°	viajar	179°
resolver	127°	surgir	132°	vir	14°
responder	65°	telefonar	246°	virar	109°
restar	188°	temer	201°	viver	29°
retirar	217°	tentar	79°	voar	243°
revelar	227°	ter	2°	voltar	27°
rir	48°	terminar	167°		
saber	8°	tirar	52°		

EM BUSCA DA PALAVRA EXATA: GRACILIANO RAMOS, PERFECCIONISTA

Adriano da Gama Kury
Univ. Santa Úrsula

É lugar-comum afirmar que Graciliano Ramos, desde a versão inicial de seus escritos até a impressão, podava-os impiedosamente. A afirmação é verdadeira, mas parcial: na busca incessante da perfeição, não apenas eliminava palavras e frases inteiras, mas também as substituía, ou mudava-lhes a ordem.

O acompanhamento que pude fazer no preparo de uma edição crítica de *Vidas Secas* para a coleção "Arquivos", da Unesco, compulsando os manuscritos autógrafos, o dactiloscrito, as provas tipográficas que pôde G.R. rever, revela-lhe o sistema de trabalho, que se pode depreender do exame atento do aparato crítico.

A análise desse contínuo aperfeiçoamento daria margem a extenso ensaio estilístico. Aqui forneço apenas uma amostragem do persistente trabalho do Autor, modelo insuperável da prosa artística da literatura brasileira moderna.

Advirta-se que G.R. riscava com decisão seu manuscrito, motivo por que é impossível, na grande maioria dos casos, ler a redação primitiva. Assim mesmo, as partes ainda legíveis dão-nos uma boa idéia do processo perfeccionista do Autor.

Utilizo as seguintes siglas:

Ms¹: redação primeira do manuscrito autógrafo, suprimida ou substituída;
Ms: redação definitiva do manuscrito; a: publicação prévia em jornais ou revistas;
A: 1ª edição, de 1938, da Livraria José Olympio Editora; B: 2ª edição, de 1947, da mesma Editora; C: 3ª edição, de 1952, da mesma Editora, última publicada com revisão do Autor.

Os números entre colchetes indicam os capítulos, não numerados nas três edições.

Os manuscritos e as provas tipográficas, revistas por G.R., encontram-se no Instituto de Estudos Brasileiros, em São Paulo.

1 – SUPRESSÕES

1.1 – *De períodos e orações*

Ms¹: "Elle, Fabiano, era aquillo mesmo, um bruto. *Só queria voltar para junto da mulher, que se aperreava, sózinha, coitada.*

O que elle desejava... Ahn! Esquecia-se." ([3], §§ 59-60)

Ms: "Elle, Fabiano, era aquillo mesmo, um bruto.

O que elle desejava... Ahn! Esquecia-se."

(A supressão deve ter sido motivada pela contradição entre o *Só queria*, do período eliminado, e o *Esquecia-se*, do seguinte.)

Ms¹: "Deu um pontapé na cachorra, que se afastou humilhada e *escondeu-se por detraz do pilão*, com sentimentos revolucionários." ([4], § 5º)

Ms: "...humilhada e com"

(O detalhe pareceu desnecessário.)

Ms¹, a: "Sentou-se, apalpou as juntas doidas. *A areia do rio era como um colchão, boa para uma queda. Mas elle* tinha sido sacolejado...."

Ms: "...doidas. Fora sacolejado"

(A areia não era assim tão macia.)

Ms¹: "Fabiano era ingrato. *Não devia ter falado assim.*

– Mal agradecido." ([4], §§ 22-23)

Ms: "Fabiano era ruim.

– Mal agradecido."

Ms¹: "Deteve-se *estremecendo*." ([4], § 26)

Ms: "Deteve-se."

Ms¹, a: "Metteu os dedos finos pelo rasgão, coçou o peito magro. *A água ia clareando*; o tropel das cabras *afastou-se*, perdeu-se na ladeira; a cachorrinha ladrou longe." ([5], § 33)

Ms: "...coçou o peito magro. O tropel das cabras perdeu-se na ladeira, a cachorrinha ladrou longe."

Ms¹: "*Afastou-se*. Um perigo entrar na bodega." ([10], § 29)

Ms: "Um perigo entrar na bodega."

(A informação seria redundante: no início do § 30 se diz que "Saiu lento".)

Ms: "palmatórias que *se mettiã pelo atalho*, interrompendo a passagem." ([11], § 4º)

A, B, C: "...que interrompiam a passagem."

(Outro detalhe redundante.)

Ms, A: "*Sem reconhecê-lo*, baixou a arma. ([11], § 5º)

B, C: "Baixou a arma."

(A oração eliminada contradizia o que se informa no período anterior.)

Ms¹: "Entrou na casa, trouxe o aiol, *onde havia um arsenal de troços miudos*, preparou um cigarro.) ([12], § 3º)

Ms: "entrou em casa, trouxe o aiol, preparou um cigarro."

(Desnecessária a oração explicativa: sabe-se que o aió estava cheio de miudezas.)

Ms, A: "Matara-o [ao animal hidrófobo] por isso. *Enã o pensara mais nelle*." ([12], § 22)

B, C: "Matara-o por isso."

(A oração eliminada contradiz a realidade: em várias ocasiões Fabiano volta a pensar na cachorra hidrófoba que tivera de matar.)

Ms¹: "Fabiano apanhou o sacco de mantimentos, *voltou as costas àquelles lugares malditos*, ordenou a marcha com uma interjeição áspera." ([13], § 11)

Ms: "... mantimentos, ordenou...."

(A oração suprimida teria soado a G.R. como um derramamento verbal inútil.)

Ms, A: "Fabiano hesitou, *coçou a barba* e resmungou". ([13], § 14)

B, C: "Fabiano hesitou, resmungou".

(Detalhe julgado desnecessário.)

Ms¹: "lá vinha *de novo a mulher com aquelles* despropositos. Sinha Victoria insistiu *batendo o pé* e dominou-o." ([13], § 16)

Ms: "lá vinham os despropositos. Sinha Victoria insistiu e dominou-o."

(Exemplo típico de contenção vocabular.)

1.2 – *Do artigo indefinido*

Ms¹: "Aquillo era uma *uma* caça bem mesquinha". ([1], § 25)

Ms¹: "como *um* judeu errante." ([2], § 17)

Ms¹: "Estava escondido no mato como *um* tatu. Duro, lerdo e pesado como *um* tatu. Mas um dia saíria da toca, seria *um* homem." ([2], § 40)

Ms, A: "Governo, *uma* coisa distante e perfeita". ([3], § 43)

Ms, A, B: "davam-lhe *uma* sensação de firmeza". ([4], § 29)

Ms, A: "fazia *um* grande calor". ([8], § 1°)

Ms¹: "Indispensavel ouvir *um* som qualquer." ([13], § 13)

Ms: "...ouvir qualquer som."

Ms, A: "percebendo *um* rumor de garranchos". ([11], § 5°)

Ms, A: "não praticara *uma* injustiça matando a cachorra." ([12], § 25)

1.3 – *Da conjunção e*

Num ensaio publicado na *Miscelânea em Homenagem a Rocha Lima*¹, procurei mostrar que G.R. usa parcimoniosamente a conjunção *e*, a fim de aproveitá-la estilisticamente. Aqui vão algumas amostras da supressão do *e*, substituído, em regra, por vírgula:

Ms¹: "A nuvem tinha crescido, *e* agora cobria o morro inteiro." ([1], § 25)

Ms¹: "Um dos meninos aproximou-se *e* perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa *e* esperou de boca aberta a repetição da pergunta." ([2], § 21)

Ms¹: "Em seguida abriram uma porta *e* deram-lhe um safanão". ([3], § 31)

Ms¹: "Deu um pontapé n a parede *e* gritou enfurecido." ([3], § 44)

Ms¹: as pessoas tossiram *e* esfregaram os olhos." ([7], § 8°)

1 "Estilística da conjunção *e* na obra de Graciliano Ramos".

Ms, A: "um ferro batera-lhe no peito, outro nas costas, e elle se arrastara tiritando como um frango molhado." ([11], § 14)

1.4 – Da conjunção *mas*

Ms¹: "Ás vezes recebia pontapés sem motivo. *Mas* os pontapés estavam previstos." ([6], § 12) \ Ms: "... sem motivo. Os"

Ms¹: "Fabiano estirou o beíço, duvidando. *Mas* sinha Victoria combateu a duvida." ([13], § 16) \ Ms: "... duvidando. Sinha"

Ms¹: "Estavam no pateo de uma fazenda, *mas* não havia ali signal de vida." ([1], § 18) \ Ms: "Estavam no pateo de uma fazenda sem vida."

(Outro exemplo notável de economia verbal e expressividade.)

1.5 – De outras palavras

Ms¹: "Fabiano *era* uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. ([2], § 37)

Ms: "Fabiano, uma coisa...."

Ms¹: "Governo *era* uma coisa distante e perfeita, não podia errar." ([3], § 43)

Ms, A: "Governo, uma coisa...."

Ms¹: "Elle, Fabiano, *era* um bruto, não contava nada." ([3], § 46)

Ms¹: "concertar o buraco da cerca." ([4], § 12)

Ms¹: "viu os pés chatos, largos, os *grandes artelhos muito separados dos outros.*" \ Ms: "...largos, os dedos separados."

Ms¹: "Trepado na ribanceira, *com* o coração aos baques". ([5], § 23)

Ms¹: "e ali fervilhava uma população *mysteriosa* de pedras vivas". ([6], § 18)

Ms¹: "Via a janella da cozinha, o cocó de sinha Victoria *agachada junto à trempé*, e isto lhe dava pensamentos maus." ([6], § 27)

Ms¹: "Ja tudo muito bem." ([7], § 11) \ Ms: "Tudo muito bem."

Ms¹: "Os moradores teriam *necessidade* de subir o morro". ([7], § 11)

Ms¹: "O som do abano *enchia a cozinha.*" ([7], § 20)

Ms: "O abano zumbia."

Ms¹: "Fabiano passava semanas capiongo, *taciturno*, phantasiando vinganças." ([7], § 21)

Ms¹: "Sinha Victoria auxiliou-o. *Depois de longos esforços*, o botão entrou na casa estreita." ([8], § 6°)

Ms: "Sinha Victoria auxiliou-o: o botão...."

Ms¹: "Fabiano precisava estirar-se, voltar o rosto. E *as pontas do collarinho furavam-lhe* o pescoço. *Certamente* as botinas e o collarinho eram indispensáveis." ([8], § 13)

Ms: "... § o collarinho furava-lhe o pescoço. As botinas e o collarinho...."

Ms¹: "Fora roubado, com certeza *fora descaradamente* roubado." ([8], § 18)

Ms¹: "O entusiasmo arrefecera *completamente.*" ([8], § 26)

Ms¹: "enrolou tudo *numa trouxa, fez della* um travesseiro." ([8], § 28)

Ms¹: "Sinha Victoria *percebia*, através das barracas, a cama de seu Thomaz da bolandeira, uma cama de verdade, *com lastro de couro cru.*" ([8], § 34)

Ms: "Sinha Victoria enxergava.... uma cama de verdade."

- Ms¹: "um bom lugar para cachorro descançar, *quieto e agradável*." ([9], § 37)
 Ms¹: "E Fabiano *mettia* as unhas *compridas* nas palmas callosas." ([11], § 10°)
 Ms: "E Fabiano cravava as unhas nas"
 Ms¹: "avançou para *esbagaçar* o inimigo." ([11], § 11)
 Ms¹: "Fabiano resmungou, achando a frase *inadequada e extravagante*." ([12], § 2°)
 Ms¹: "Espiou os quatro cantos, *desanimado*, ficou alguns minutos voltado para o norte." ([12], § 3°)
 Ms¹: "um brilho de indignação nos olhos *azues*." ([12], § 14)
 Ms¹: "*Via* os mandacarus e os alastrados *que* vestiam a campina." ([13], § 12)
 Ms, A: "a cachorra Baleia *morta*, inteiriçada junto às pedras." ([14], § 14)
 B, C: "....Baleia inteiriçada...."
 Ms¹: "Fabiano adiantou-se *quasi correndo* para alcançá-los." ([13], § 15)
 Ms¹: "Sinha Victoria *fez* uma careta enjoada e balançou a cabeça". ([13], § 20)
 Ms: "Sinha Victoria, com uma careta enjoada, balançou a cabeça."

2 – SUBSTITUIÇÕES: A SELEÇÃO DO VOCABULÁRIO

É na escolha vocabular que se revela mais nítida a busca incessante da palavra precisa ou mais expressiva, aliada a uma contensão exemplar.

E essa escolha jamais se norteia pelo rebuscamento: ao contrário, os termos menos comuns são preteridos pelos usuais, numa prova de que escrever bem não é escrever difícil.

2.1 – Contensão

São numerosas as substituições em que G.R. opta por uma forma vocabular mais econômica e expressiva. Examinem-se estas passagens:

- Ms¹: "Fabiano seguiu-a com a vista e *teve um movimento de surpresa*." ([1], § 21) \ Ms: "F. seguiu-a com a vista e *espantou-se*."
 Ms¹: "Baleia, as pernas erguidas, *fiscalizava as coisas, esperando paciente* a parte que lhe iria tocar." ([1], § 26) \ Ms: ".... as pernas erguidas, *vigiava, aguardando* a parte"
 Ms¹: "o querosene estava *misturado com água*". ([3], § 3°) \ Ms: "o querosene estava *batizado*".
 Ms¹: "*Não podia* pensar." ([3], § 58) \ Ms: "*Diffícil* pensar."
 Ms¹: "Besteira, aquilo não *significava nada*." ([4], § 14) \ Ms: ".... aquilo não *valia*."
 Ms¹: "*De forma que* ella se encolhia num canto". ([4], § 29) \ Ms: "*E* ella se encolhia...."
 Ms¹: "E o costume de encafuar-se *logo que escurecia* não estava certo." ([4], § 29) \ Ms: ".... encafuar-se *ao escurecer*...."
 Ms¹: "A raposa *havia de pagar* a galinha pedrez." ([4], § 30) \ Ms: "A raposa *pagaria* a...."
 Ms, A, B: "A admiração *que Fabiano lhe inspirava* é que ia ficando maior." ([5], § 7°) \ C: "A admiração *a Fabiano* é...."
 Ms¹: "Baleia *não gostava de* expansões violentas." ([6], § 24) \ Ms: "Baleia *detestava* expansões...."

- Ms¹: "a familia voltaria do morro." ([7], § 18) \\ Ms: "a familia regressaria."
 Ms¹: "seria falta de respeito." ([8], § 13) \\ Ms: "seria desrespeito."
 Ms¹: "Quando menos esperavam, Baleia apareceu." ([8], § 31) \\ Ms: "De repente, Baleia...."
 Ms¹: "Isto lhe parecia impossivel". ([8], § 32) \\ Ms: "Era impossivel".
 Ms, A, B: "Cheios de admiração e de medo, falavam baixo." ([8], § 32) \\ C: "Admirados e medrosos, falavam...."
 Ms¹: "O unico vivente com que se entendia bem era a mulher." ([10], § 32) \\ Ms: "O unico vivente que o comprehendia era...."
 Ms¹: "Nem lhe davam o direito de tomar uma pinga descansado." ([10], § 29) \\ Ms: "Nem podia tomar...."
 Ms¹: "Não se poderia aguentar ali muito tempo." ([12], § 5º) \\ Ms: "Não permaneceria ali...."
 Ms¹: "Esqueceu a infelicidade que vinha perto e poz-se a rir, encantado". ([12], § 5º) \\ Ms: ".... infelicidade proxima, riu-se encantado".
 Ms¹: "A faixa vermelha tinha desaparecido". ([13], § 13) \\ Ms: "A faixa vermelha desaparecera".
 Ms¹: "apenas concordando com o que elle dizia." ([13], § 33) \\ Ms: "apenas confirmando o que...."

2.2 – Precisão vocabular; expressividade

Igualmente numerosas são as substituições motivadas pelo afã de precisão ou de expressividade:

- Ms¹: "As noites fechavam a terra de chofre." ([1], § 22) \\ Ms: "As noites cobriam a terra...."
 Ms¹: "os farrapos que os vestiam." ([1], § 23) \\ Ms: "... que os cobriam."
 Ms¹: "Baleia, com as orelhas attentas". ([1], § 26) \\ Ms: "Baleia, o ouvido attento".
 Ms¹: "descobria-se, tirava o chapéu na presença dos brancos." ([2], § 8º) \\ Ms: "descobria-se, encolhia-se na presença...."
 Ms¹: "Talvez já tivesse morrido". ([2], § 32) \\ Ms: "Talvez já tivesse dado o couro às varas".
 Ms¹: "Tentou minorar o soffrimento delle saltando em roda". ([6], § 13) \\ Ms: "....minorar-lhe o padecimento...."
 Ms: "E havia tambem aquelle fogo corredor que apparecia e desaparecia no espirito delle." ([3], § 63) \\ A, B, C: "....que ia e vinha no...."
 Ms¹: "Retirou-se furioso, julgando o mundo todo ruim e insensato." ([5], § 7º) \\ Ms: "Retirou-se zangado, achando o...."
 Ms¹: "Os joazeiros estavam escuros, muito diferentes das outras arvores." ([5], § 12) \\ Ms: "....escuros, destoavam das...."
 Ms¹: "Fabiano iniciou uma historia bastante complicada". ([7], § 4º) \\ Ms: "....bastante confusa".
 Ms, A, B: "Se pudesse ver o rosto do pai". ([7], § 4º) \\ C: "Se pudesse ver-lhe o rosto".
 Ms¹: "Fabiano zangou-se com a interrupção". ([7], § 4º) \\ Ms: "Fabiano condenou a....".
 Ms¹: "Fabiano interrompeu a tagarelice". ([7], § 4º) \\ Ms: "Fabiano suspendeu a...."
 Ms¹: "as figuras se destacavam na sombra". ([7], § 9º) \\ Ms: "as figuras surgiam na ...".

Ms¹: "horribéis visões de pesadelo tinham *povoado* o sonho das pessoas." ([7], § 11) \\
Ms: "....tinham *agitado* o"

Ms¹: "na escuridão da meia-noite *apareceram* nuvens cor de sangue." ([7], § 11) \\
Ms: "....*rolaram* nuvens...."

Ms¹: "a cabeça da cheia *aparecera carregando* troncos". ([7], § 11) \\
Ms: "....*arrastando* troncos".

Ms, A: "No campo, seguindo uma rez, *esguelava-se* de mais." ([7], § 29) \\
B, C: "....*rês, ele se esgoelava*...."

(A inserção do pronome sujeito se deve a desejo de clareza.)

Ms¹: "Os meninos *traziam* calça e paletot." ([8], § 2º) \\
Ms: "Os meninos *estrevavam*...."

Ms¹: "Fabiano *encarregara* sinha Terta" ([8], § 2º) \\
Ms: "Fabiano*incumbira*"

Ms, A, B: "Tinha *dominado* a obstinação". ([8], § 6º) \\
C: "Tinha *vencido* a ..."

Ms¹: "Não conheciam altares, mas *sentiam* que aquelles objectos deviam ser preciosos." ([8], § 12) \\
Ms: ".... mas *presumiam* que...."

Ms¹: "A sensação que experimentava não differia muito da que ~~tinha~~ *sentido naquela noite*." ([8], § 13) \\
Ms: "....da que tinha *tido ao ser preso*."

Ms¹: "Afastou a lembrança *desagradável*". ([8], § 29) \\
Ms: ".... a lembrança *ruim*".

Ms¹: "Os pequenos *não se conformaram*." ([8], § 30) \\
Ms: "Os pequenos *insistiram*."

Ms¹: "manifestando *grande* contentamento." ([8], § 31) \\
Ms: "manifestando *vivo* contentamento."

Ms¹: "*Levantou* os hombros." ([8], § 32) \\
Ms: "*Encolheu* os...."

Ms¹: "Baleia *esfregava-se* nas estacas do curral". ([9], § 2º) \\
Ms: ".... *roçava-se* nas"

Ms¹: "Na luta que *sustentou*". ([9], § 13) \\
Ms: ".... que *travou*".

Ms¹: "*Investigou* o terreiro". ([9], § 18) \\
Ms: "*Examinou* o"

Ms¹: "Fabiano *pulou* a janella". ([9], § 18) \\
Ms: "F. *saltou* a janella".

Ms¹: "e os meninos *rolaram* na cama, chorando *muito*." ([9], § 20) \\
Ms: ".... chorando *alto*."

Ms¹: "*sentiu falta* da perna trazeira." ([9], § 21) \\
Ms: "*faltou-lhe* a...."

Ms¹: "Tentou *levantar-se*, endireitou a cabeça". ([9], § 23) \\
Ms: "Tentou *erguer-se*, endireitou a cabeça".

Ms¹: "o *odor forte* do chiqueiro". ([9], § 31) \\
Ms: "o *fartum* do"

Ms¹: "Mas o *sujeito* da prefeitura chegara como *talão de recibos* e atrapalhara-o" ([10], § 14) \\
Ms: "Mas o *cobrador* chegara com o *recibo* e"

Ms¹: "Interrompeu o *dialogo*". ([10], § 27) \\
Ms: "Interrompeu o *monologo*".

Ms¹: "o braço ficou irresoluto, bambo, inclinando-se para *um e outro lado*." ([11], § 5º) \\
Ms: "....para um *lado e para outro*."

Ms¹: "Fabiano seria um *homem* valente." ([11], § 6º) \\
Ms: "....um *cabra* valente."

Ms¹: "Não se afastaria, ficaria *grudado* a opéd epau." ([11], § 16) \\
Ms: "....ficaria *collado* ao...."

Ms, A: "mettia as pessoas na cadeia, dava-lhes *pancada*." ([11], § 16) \\
B, C: ".... dava-lhes *surra*."

Ms¹: "E estivera a pique de rachar o quengo *daquelle safado*." ([11], § 24) \\
Ms: ".... quengo *dum sem-vergonha*."

Ms¹: "Achou a coisa *intricada*" ([12], § 3º) \\
Ms: ".... coisa *obscura*".

- Ms¹: "o mulungu do bebedouro, sem folhas e sem flores, uma garrancharia pelada, *estava coberta* de pennas." ([12], § 6º) \ Ms: "...*enfeitava-se* de pennas."
- Ms¹: "Nunca havia *pensado* nisso." ([12], § 7º) \ Ms: "... havia *reflectido* nisso."
- Ms¹: "Virou o rosto *diante* das pedras". ([12], § 7º) \ Ms: "... *defronte* das pedras".
- Ms¹: "não *bateu* muito a bucha". ([12], § 10º) \ Ms: "não *socou* muito...."
- Ms¹: "e *appareciam-lhe* outras infelicidades." ([12], § 12) \ Ms: "e *vinham-lhe*...."
- Ms¹: "*torrando* no calor". ([12], § 12) \ Ms: "*assando* no calor".
- Ms¹: "*Agora* ninguem podia *respeita-lo*". ([12], § 12) \ Ms: "*Assim como estava*, ninguem"
- Ms¹: "Ultimamente *andava* esmorecido". ([12], § 25) \ Ms: "... *vivia* esmorecido".
- Ms¹: "Fabiano *espiava* a catinga amarella, onde as folhas *torradas* se pulverizavam." ([13], § 1º) \ Ms: "... folhas *seccas*...."
- Ms¹: "*Fabiano ia* quasi *pisando* os calcanhares dos meninos." ([13], § 12) \ Ms: "*as alpercatas de Fabiano iam* quasi *tocando* os...."
- Ms¹: "*sahiriam empanzinados*" ([13], § 23) \ Ms: "*sahiriam cheios*".
- Ms¹: "*apenas concordando com* o que elle dizia." ([13], § 33) \ Ms: "*apenas confirmando* o"
- Ms¹: "Accomodar-se-iam num *lugar* pequeno". ([13], § 34) \ Ms: "... num *sitio* pequeno".
- Ms¹: "Foram *descançar debaixo* dos garranchos *duma quixabeira*". ([13], § 22) \ Ms: "... *sob* os garranchos de uma...."

3 – Graciliano e a Gramática: a Gramática contra a espontaneidade

Desde rapaz G.R. se dedicou ao estudo da língua. Chegou até a lecionar Português. Sua correspondência, nesse particular, é reveladora.

Em carta de 8 de fevereiro de 1914 (aos 21 anos) ao amigo de infância Joaquim Pinto da Mota Lima Filho declara: "Comecei a ler uma infinidade de gramáticas" (pág. 24).

E na pág. 64: "Poderia, talvez, dar lições em algum colégio" (carta ao pai de 25 de agosto de 1915).

Não é de admirar, pois, que sua sintaxe se paute pelas gramáticas da época, que seguem a norma lusitana.

Essa preocupação torna-se obsessiva e chega a ponto de prejudicar-lhe a espontaneidade: muitas das suas construções, sobretudo na colocação dos pronomes átonos e em certas regências, afastam-se do uso brasileiro, praticado por tantos bons escritores seus contemporâneos, e soam-nos afetadas.

Do manuscrito à 3ª edição faz substituições que ajustam sua sintaxe ao modelo lusitano.

Regência.

Graciliano mostra decidida preferência pela preposição *a* (em vez de *em*), contrariando, com isso, o uso generalizado no Brasil.

No capítulo 2º, § 15, até à 2ª edição, lê-se:

"Ele, sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados *na* terra."

E no capítulo 5º, § 36:

"trazer uma faca de ponta *na* cintura."

É do capítulo 6º, § 11, esta passagem:

"O menino escondeu-se debaixo das catingueiras, *na* beira da lagoa vazia."

Na 3ª edição, porém, altera a regência: "*à* terra", "*à* cintura", "*à* beira".

Outros exemplos da ojeriza de G.R. à preposição *em*:

"os joelhos encostados *ao* estômago". ([1], § 10º)

"fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o *ao* binga, pôs-se a fumar regalado." ([2], § 6º)

"Estirou as pernas, encostou as carnes doídas *ao* muro." ([3], § 39)

"Atirou um cocorote *ao* crânio enrolado na coberta". ([9], § 13)

"Os pequenos retraíam-se, encostavam-se *às* paredes". ([8], § 10º)

"Foi pendurar-se *à* saia da mãe." ([6], § 6º)

Chegar e ir vêm sempre seguidos de *a*, nunca de *em*:

"Fabiano tinha ido *à* feira". ([3], § 1º)

"Chegaria *à* fazenda noite fechada." ([3], § 20)

"O carcereiro chegou *à* grade". ([3], § 45)

"Chegou *à* porta". ([4], § 24)

"Ergueu-se, foi *à* camarinha". ([4], § 34)

"Chegariam *a* uma terra desconhecida e civilizada". ([13], § 35)

Registre-se, porém, esta ocorrência de *chegar* seguido de *onde*, e não de *aonde*, conforme mandam os estreitos cânones gramaticais:

"o vaqueiro precisava chegar, não sabia *onde*." ([1], § 8º)

E esta correção:

Ms, A: "Chegou-se *à* casa, com medo." ([12], § 25)

Nas demais edições: "*a* casa".

É sempre canônico o uso de preposição *a* introduzir oração integrante:

"Não queria capacitar-se *de* que a malvez tivesse sido para ele." ([3], § 39)

"Fabiano deixara indignado o escritório do branco, certo *de* que fora enganado." ([8], § 14)

Fazer impessoal, de acordo com as regras da Gramática:

"*Fazia* horas que procuravam uma sombra." ([1], § 1º)

Colocação dos pronomes átonos

É no capítulo da colocação dos pronomes átonos que o ouvido brasileiro mais estranha algumas das construções de G.R. Nesse particular ele segue à risca os preceitos, tantas vezes artificiais, das gramáticas: nunca, por exemplo, nas locuções verbais, deixa o pronome átono (entre dois verbos) em próclise ao verbo principal, como é próprio da entoação brasileira. Vejam-se, a propósito, as lições de dois grandes mestres, Martins de Aguiar (*Notas de Português de Filinto e Odorico*, Rio, 1955, pág. 409) e J. Mattoso Câmara Jr. (*Curso de Língua Pátria, Gramática*, 1ª e 2ª séries ginasiais, Rio, Briguier, 1955, pág. 171).

Sirvam de exemplo estas passagens:

"*Iam-se* amodorrando". ([1], § 24)

"a trouxa de sal não *se* tinha perdido." ([3], § 51)

"Fabiano era capaz de *se* ter esquecido de curar a vaca laranja." ([4], § 11)

Trata-se da reprodução, em discurso indireto livre, de monólogo de sinha Vitória, retomado, pouco adiante, no § 13, em discurso direto, mais naturalmente:

"- É capaz de Fabiano *ter-se* esquecido da vaca laranja."

Mas o indefectível hífen lá está, lusitanizando a fala de sinha Vitória.

*

Em *Infância*, nos episódios "Leitura" e "Escola", G.R., a propósito da frase "Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém", tece comentários desfavoráveis a essa esdrúxula mesóclise, incompreensível para um menino de dez anos, e deixa-nos a impressão de detestar essa colocação, aliás um tanto avessa aos ouvidos brasileiros. Mas tem o bom-senso de praticá-la, com parcimônia, em *Vidas Secas*, quando adequada. Respinguei estes exemplos:

"Bamba, moída de trabalhos, *deitar-se-ia* em pregos." ([4], § 29)

"Ao regressar, *aprear-se-ia* num pulo". ([5], § 37)

"Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, *espantar-se-ia*." ([10], § 23)

"*Acomodar-se-iam* num sítio pequeno", ([13], § 34).

(Nem pensar em começar a frase com pronome átono!)

O vocabulário regional e familiar

É na seleção vocabular que G.R. parece libertar-se da disciplina que se impôs no campo da sintaxe.

De fato, a Gramática não pode impor limites rígidos à escolha das palavras, e o escritor tem o direito de lançar mão tanto do vocabulário regional quanto dos termos expressivos.

Há, naturalmente, regionalismos designativos da flora e fauna locais – que são impositivos – e também termos de uso familiar e popular.

Os do primeiro tipo surgem na ocasião precisa: *aió, cuia, embira, catin-gueira, turco, copiar, losna, macambira, xiquexique, mandacaru, preá, binga, quipá* – para citar apenas os que ocorrem logo nos primeiros capítulos e se repetem através do livro, aliás parcimoniosamente.

Também são relativamente poucos os termos, expressões e ditos populares usados por G.R. em *Vidas Secas*.

Registrem-se, como amostra:

azuretado, cambembe, capiongo, côvado, despotismo, fuzuê, mangar, sarapatel (=confusão)

e estes ditos e expressões:

"Talvez já tivesse *dado o couro às varas* ([2], § 32)

"Veja que *mole e quente é pé de gente*." ([3], § 26)

"*Por mor de* uma peste daquela, maltratava-se um pai de família." ([3], § 38)

"*Não dava um caldo*." ([3], § 50)

"Sinha Vitória tinha amanhecido *nos seus azeites*." ([4], § 6º)

"Não era que a raposa tinha *passado no rabo* a galinha pedrês?" ([4], § 30)

"– Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. *Quem é do chão não se trepa*." ([10], § 3º)

"– *Tenho comido toicinho com mais cabelo*". ([13], § 32)

Conclusão

Conclui-se claramente, do exposto neste breve ensaio, que Graciliano Ramos era um perfeccionista.

A leitura atenta dos seus livros e a análise do seu sistema de trabalho valem por todo um curso de Estilística.

DA UNIPessoALIZAÇÃO / IMPessoALIZAÇÃO À PEssoALIZAÇÃO VERBAL (E VICE-VERSA)

Valter Kehdi
USP

A distinção que se estabelece entre os verbos impessoais, sempre empregados na terceira pessoa do singular, sem sujeito, e os unipessoais, também usados na terceira pessoa, porém com sujeito representado por substantivo ou por oração, fundamenta-se no fato de estes últimos apresentarem sujeito explícito e, no caso de ser um substantivo plural, o verbo aparecer na terceira pessoa do plural, em virtude da concordância. Entretanto, neste artigo, não há necessidade de insistirmos nessa diferença, pois o processo que enfocaremos é igualmente aplicável a um ou a outro tipo de verbo.

Embora a passagem de verbos unipessoais/impessoais a pessoais (e vice-versa) não tenha passado despercebida aos nossos gramáticos, é de notar-se a falta de um estudo amplo e sistemático desse interessante fenômeno.

No domínio da lingüística românica, M.-Lübke deu um certo destaque a esse fato¹, atendo-se, contudo, a distinções de base semântica ou à simples enumeração de verbos.

Aqui, fixar-nos-emos nos verbos da língua portuguesa (o que não significa que algumas conclusões não sejam aplicáveis a outras línguas românicas), utilizando, como ponto de partida, um levantamento realizado no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. A proposta de uma sistematização baseia-se no exame dos verbetes arrolados, dos quais destacamos, abaixo, os mais representativos.

A deslocação do sujeito de certas orações subordinadas substantivas reduzidas de infinitivo para a esquerda do verbo da oração principal pode favorecer a pessoalização, associada a um processo de auxiliarização. É o caso de *parecer*, basicamente unipessoal:

Parece / as estrelas sorrirem (verbo + oração subjetiva)

As estrelas / parece – sorrirem

As estrelas parecem sorrir (note-se, aqui, que o caráter de auxiliar de *parecer* impede a flexão do infinitivo seguinte).

A unipessoalidade de *parecer* é patente quando a oração subjetiva é conjuncional:

Parece que as estrelas sorriem.

Nesta construção, pode dar-se, também, a antecipação do sujeito da subordinada, mas o verbo *parecer* conserva seu caráter de unipessoal:

As estrelas *parece* que sorriem.

Esse fato sugere que a pessoalização, no exemplo acima, resulta do contato com o infinitivo, ou seja, está intimamente associada à auxiliarização. Observemos, contudo, que, mesmo aqui, essa pessoalização não é obrigatória (embora mais freqüente), ainda que se dê a antecipação do sujeito: As estrelas *parece* sorrirem (frase em que *parece* não é auxiliar).

O emprego de *parecer* como verbo de ligação é derivado da elipse dos infinitivos *ser* / *estar*:

Parece / a solução *ser* boa

A solução parece *ser* boa

A solução parece boa

Apesar das reservas feitas a certas explicações por elipse, a observação acima não visa à apresentação de um quadro homogêneo; encontram-se, nos clássicos, exemplos de *parecer* seguido de *ser*:

"Se espancas os cães da vinha, *pareces ser* também ladrão" (Man. Bern., *Luz e Calor*, p.231).²

Também é unipessoal o verbo *faltar* quando vem acompanhado de uma oração subordinada substantiva reduzida de infinitivo:

Falta / pronunciarem-se *as autoridades*.

Nota-se, aqui também, a tendência à auxiliarização com a conseqüente pessoalização (e a freqüente antecipação do sujeito):

As autoridades faltam pronunciar-se.

Trata-se de construção com abonação literária entre os modernos, embora seja recomendável o uso unipessoal de *faltar*.

O caráter de auxiliar do verbo *poder* é, provavelmente, o resultado da antecipação do sujeito da subordinada reduzida de infinitivo:

Pode (=é possível) / *ela* vir hoje

Ela pode vir hoje

Essa interpretação é confirmada pela existência da construção popular: *Pode que ela venha hoje* (= *pode ser que*, com elipse de *ser*). Acrescente-se, ainda, que o verbo *poder* procede do latim vulgar **potere*, em substituição ao clássico *posse*, contração de *potis esse*, "ser capaz" (portanto, com a presença de *esse*).

Igualmente dignos de nota são os casos em que verbos pessoais se tornam impessoais em virtude da omissão do sujeito, com a possibilidade de passar a adjunto adverbial, o qual pode, eventualmente, apagar-se. O primeiro exemplo a apontar é o do verbo *dar*, nas acepções de "soar (horas)" e de "produzir".

Com referência a horas, o verbo *dar* é, inicialmente, pessoal:

O relógio deu onze horas.

Como a frase traduz uma impressão recebida, de causa sem grande importância, dá-se a omissão do sujeito, que pode pospor-se ao verbo, em função de adjunto adverbial. Obtém-se, assim, um processo de impessoalização:

Deu onze horas (*no relógio*).

Por sua vez, o objeto direto, indicativo da hora, é tomado como sujeito (dada a sinonímia de *dar* com *soar*) e verifica-se a pluralização em função da concordância:

Deram onze horas (*no relógio*).

Chega-se, dessa forma, a uma nova pessoalização, diferente da primitiva³. Cabe acrescentar que coexistem as três construções.

Na acepção de "produzir", ocorre um processo semelhante. Tem-se, inicialmente, a construção:

Essa terra dá muito inço.

Como o sujeito indica espaço de grande extensão, adquire valor locativo e passa a adjunto adverbial regido pela preposição *em*, o que torna o verbo impessoal:

Dá muito inço *nessa terra*.

Assinale-se que esta última construção também não exclui a possibilidade de uso da primitiva.

Fenômeno muito semelhante a este último deu-se com o verbo *haver*, no sentido de "existir". Cabe, contudo, salientar que, neste caso, o processo ocorreu no baixo latim e foi herdado por algumas línguas românicas, entre as quais o português.

Numa frase como *Domus habet multum vinum*, o sujeito expressa um conceito inanimado, em conseqüência do que a idéia de posse expressa pelo verbo se enfraquece, para dar lugar à de existência. Estabelece-se uma sinonímia entre essa construção e a de *Domi est multum vinum*. Em virtude desse paralelismo, o sujeito da construção primitiva passa a locativo: *Domi habet multum vinum*⁴.

Transcrevemos, abaixo, uma passagem de J.M.Câmara Jr., no *Dicionário de Lingüística e Gramática*, em que a mesma explicação é apresentada:

"(...). A impessoalidade do verbo existencial *haver* resultou de ter passado a complemento de lugar o nome que era inicialmente sujeito da oração, enquanto *habere* "ter, possuir" sofria uma evolução semântica para "existir": numa frase do tipo – *A carniça havia ossos* (...), o sujeito (*a carniça*) passou a complemento de lugar com a preposição *em* (port. mod.: *Na carniça havia ossos*.(...)" (s.v. *impessoalidade*, p.143).

A restrição a fazer a essa passagem é que Mattoso Câmara apresenta o fenômeno (pela exemplificação) como tendo ocorrido em português, quando, na verdade, se trata de construção herdada, como o mostramos acima.

O verbo *facere*, com sujeito inanimado que expressa tempo (*tempo, noite, estação*), perde, também, seu significado ativo, convertendo-se em verbo de

existência. O caráter vago do sujeito provoca a sua omissão e obtém-se a construção: *nunquam fecit tale frigus, (...)*⁵, origem das expressões impessoais *faz frio, calor*; etc., igualmente herdadas.

Com relação aos usos de *haver* / *fazer* com valor temporal, é interessante notar a passagem da construção justaposta à conjuncional. Partamos de uma exemplo com o verbo *haver*, a título de ilustração:

Não o vejo *há quatro dias*.

A expressão temporal *há quatro dias* (oração subordinada adverbial temporal justaposta) pode ser realçada de duas maneiras. Podemos deslocá-la para o início do período:

Há quatro dias não o vejo.

Outra possibilidade é torná-la oração principal (do ponto de vista sintático), caso em que a seguinte vem precedida do elemento subordinante por excelência, a partícula *que*:⁶

Há quatro dias *que* não o vejo.

As mesmas considerações são válidas para o verbo *fazer*.

Acrescente-se, ainda, que os dois verbos transmitem aos auxiliares que os acompanham a sua impessoalidade:

Deve haver homens capazes

Deve fazer quatro anos que não o vejo

Os verbos *dar* e *haver* (=existir), impessoais, exemplificam construções em que a impessoalidade resulta da mudança de função do sujeito da estrutura primitiva. Convém assinalar que a alteração de funções em estruturas derivadas é mais geral em nossa língua. Por exemplo, o verbo *custar*, seguido de objeto indireto e de infinitivo (regido ou não de *a*), é unipessoal:

Custa-me (a) crer.

No português do Brasil, provavelmente a partir do modelo *demorar* / *tardar* + *a* + infinitivo, deu-se a pessoalização:

(*eu*) *Custo* a crer,

com passagem do pronome pessoal oblíquo (objeto indireto na construção originária) a sujeito.

Outro grupo interessante é o constituído de verbos de sentimento (e fenômenos psíquicos), como *admirar*, *enfasiar*, *doer*, *alegrar*, *esquecer*, *lembrar* e outros. Aqui, são razões semânticas que determinam o uso pessoal ou unipessoal: se se interpreta que o sujeito experimenta de modo ativo o conteúdo verbal, utiliza-se a construção pessoal; se o sentimento expresso pelo verbo parece impor-se ao indivíduo como uma força estranha, emprega-se a construção unipessoal:

Admiro-me (=sinto admiração) de que ele diga isso

Admira-me (=causa-me admiração) que ele diga isso

O cruzamento das duas construções pode gerar uma frase impessoal:

Admira-me de que ele diga isso.

Constitui, também, fenômeno mais geral em português o cruzamento de construções que pode originar usos impessoais. Comentaremos, abaixo, alguns casos curiosos.

Os verbos *esquecer e lembrar*, associados por antonímia, apresentam quatro possibilidades de regência, das quais destacamos as duas seguintes:

Alguém se *esquece* de um incidente
Um incidente *esquece* a alguém (unipessoal)

O cruzamento dessas regências gera a construção impessoal *esquecer a alguém de*: "Esquecera-lhe de perguntar a morada do Fonseca" (Machado apud Luft, C.P. – *Dicionário*, s.v. *esquecer*, p. 278).

Alguém se *lembra* de algo
Algo *lembra* a alguém (unipessoal),

com o conseqüente cruzamento *lembrar a alguém de algo* (impessoal):

"... só muito abaixo é que me lembrou de ver as horas" (Machado, apud Luft, C.P. – *op. cit.*, s.v. *lembrar*, p. 351).

Ainda relativamente a esses verbos que expressam fenômenos psíquicos, notam-se, em virtude de aspectos semânticos ou associações formais, construções impessoais, que vão estender-se, por analogia, a outros verbos. Por exemplo, o verbo *pesar* pode ser empregado como unipessoal:

Não me *pesa* ter ficado.

O valor causal da preposição *de* ou a influência de regências como *remorso / mágoa / pesar de* devem ter contribuído para a posterior impessoalização:

Não me *pesa de* ter ficado.

Por analogia com esta última construção, temos *doer a alguém de*:

Dói-me de vos haver ofendido,
e pejar a alguém de.

Todos os casos discutidos neste artigo não visam a esgotar o assunto, e sim apresentar um quadro a partir do qual se pode tentar uma sistematização inicial.

Partimos de estruturas básicas (correspondentes a frases efetivamente realizadas) para estruturas derivadas.

Nos diferentes blocos de verbos apresentados destacam-se, basicamente, dois processos responsáveis pela impessoalização/unipessoalização ou pela pessoalização: a permuta de constituintes (com possíveis mudanças de função) e os cruzamentos sintáticos, o que mostra que os mecanismos explicativos da (im)pessoalização verbal são, na realidade, bastante simples. Acrescentemos, ainda, que os verbos de um determinado bloco, apesar de um ou mais traços em comum, não têm um comportamento homogêneo; por exemplo, os verbos *haver* (=existir) e *dar*

(=soar) apresentam a característica comum de apagamento do sujeito, que passa a adjunto adverbial, mas enquanto *dar* pode recuperar a pessoalização, o mesmo não ocorre com *haver* (pelo menos, em língua culta formal).

Encerrando nossas considerações, convém insistir no caráter acentuadamente dinâmico do fenômeno aqui examinado, pois as passagens de uma construção a outra não significam que a construção primitiva tenha caído em desuso; pelo contrário, trata-se de um processo por via de regra reversível, o que permite ao usuário da língua escolher uma ou outra estrutura, em função de sua força expressiva.

NOTAS

1. Cf. *Grammaire des Langues Romanes* – t. III: *Syntaxe*, §§ 99 (p.116 – 117) e 100 (p. 117-118).
2. Cf. Barreto, M. – *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, p. 212.
3. Cf. Barreto, M. – *Através do Dicionário e da Gramática*, p. 357-361. O autor assinala que essas observações são extensivas aos verbos *bater* e *soar*.
4. Cf. Bassols de Climent, M. – *Sintaxis Histórica de la Lengua Latina* (t.II), p. 82-83.
5. Cf. Ernout, A. Meillet, A. – *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, s.v. *facio* (p. 210).
6. Não é pacífica a análise dessa construção; várias explicações têm sido propostas. Para uma síntese das diversas posições, consultem-se as *Lições de Português pela Análise Sintática*, de E. Bechara (p. 139-140).

BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, Mário. *Através do Dicionário e da Gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1986.
- _____. *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.
- BASSOLS de CLIMENT, M. *Sintaxis Histórica de la Lengua Latina*. Barcelona, Escuela de Filología, 1948 (t. II,1).
- BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela Análise Sintática*. 11. ed. Rio de Janeiro, Grifo, 1978.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1977.
- ERNOUT, A. MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des mots*. 4. éd. Paris, Klincksieck, 1979.
- LUFT, Celso P. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1987.
- MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des Langues Romanes*. Paris, G. E. Stechert, 1923 (t.III).

EXPANSÃO DO SUFIXO – INHO

Vittorio Bergo
Colégio Pedro II

Ao contrário do que supuseram autores de estudos atinentes ao Latim Vulgar, os quais, ao tratarem do sufixo – *inus*, consideraram-no "velho sufixo adjetivo que pouco a pouco tende a cair em desuso", vemo-lo bem desenvolvido e expansivo nas línguas românicas, e francamente produtivo em português.

Preferindo-o a outras terminações com que os clássicos designavam a idéia de pequenez, o vulgo romano adotou-o dentre quantas exprimem semelhança ou propriedade em vocábulos como *lupinus*, *caninus* e outros que tais.

Entre os doutos eram tais adjetivos empregados com o substantivo *pullus*, fi-lhinho, ao nomearem pequenas crias de animais: *pullus caninus*, filhote de cão ou cãozinho; *pullus asininus*, asninho ou burrinho (este graças à cor avermelhada), etc. Até no tratamento de pessoas se usava tal fórmula: *pullus Antoninus*, sob a influência da idéia de filiação, ou perfilhação. Por isto, historicamente documentado este antropônimo pela designação de *Antoninos* aos reis da dinastia inaugurada em Roma pelo imperador Nerva, que, postergando o tradicional sistema de sucessão, a instituiu por mera escolha e indicação do sucessor.

Seres inanimados dotados de algo que os assemelhasse a bípedes ou quadrúpedes, receberam a desinência em razão da analogia. É o caso de *cadeira*, provida de assento, costas, pés e, em certos casos, braços. Daí *cadeirinha*.

Cumprе notar que se desvaneceu a idéia de concreção, pois o mesmo tratamento tiveram seres impalpáveis:

"– Não dói, não! Sabes que mais, peço-te pelas *alminhas* que me deixes," (T. Coelho, *Os Meus Amores*, 47);

Não fora o método, seria dispensável a citação de substantivos com o sufixo diminutivo propriamente dito; mas afinal é deles que decorre a demonstração. Vejamos, pois, este curioso caso em que, justamente por não ver o objeto, tem-no afetivamente por diminuto o observador frustrado:

"Oh! que noite negra, que invernia brava! *Nem uma estrelinha* pelo céu reluz!" (Guerra Junqueiro, *Os Simples*, 37).

O fato é que, mercê da afetividade, além do apequenamento, o sufixo unge de sentimento como a melancolia a expressão vocabular:

"Meu Deus, que grande remédio para uma hora de melancolia é um *retratinho* assim, de meninos amados, distantes, saudosos." (Rachel de Queiroz, *100 Crônicas Escolhidas*, 206).

Na verdade o sufixo – *inho* se ajusta a palavra ideativa de qualquer classe e surpreende pela versatilidade com que transmite idéias e emoções. Vejam-se estes lances, do substantivo ao advérbio:

"O filho // pediu à mãe que o deixasse ir esperar o pai. Só até a castanheira... Se não via a neve a cobrir tudo! Se não ouvira as Trindades! Tivesse *juizinho*." (Miguel Torga, *Contos da Montanha*, 19);

"...a Sr^a Gandon é realmente uma luva, mas uma luva de pelica, *delicadinha*, fábrica Jouvin." (M. de Assis, *Contos e Crônicas*, 118);

"...ele já alimenta outra idéia, que é requerer a introdução, no ano escuro, de um dia diferente, *unzinho* só, no qual a humanidade celebre os ritos da luz" (Drummond, *Boca de Luar*, 114);

"Ah, disse a moça, você ficou zangado comigo, diga, *ficouzinho*?" (Idem, *ibidem*, 54);

"Mas a Matilde *estava viradinha* do miolo." (Miguel Torga, *Contos da Montanha*, 109).

"Ind'*agorinha* mesmo chegou José campeiro que foi até o paiol." (Coelho Neto, *O Morto*, 234).

Digno particularmente de observação é este caso paradoxal em que o diminutivo aumenta:

"Eu não tenho paciência para estar esperando e quando vem a comida é um *nadinha* no fundo do prato; é preciso a gente ter boa vista para enxergar um bife." (C. Neto, *Turbilhão*, 351);

"Houve as apresentações de cerimônia, e a senhora com um *nadinha* de excessivo desembaraço sentou-se no divã perto de mim." (Raul Pompéia, *O Ateneu*, 21).

O *nada*, que nenhuma coisa valia, passou a valer alguma coisa...

Também não deixa de ser curioso notar que o aumentativo não repele o diminutivo em casos especiais:

"...tenho medo à modéstia de V. Ex^a, como ao orgulho de alguns *homenzarrinhos* da nossa terra. Eles julgam divino tudo o que lhes sai das mãos; V. Ex^a pelo contrário: tudo quanto lhe sai do coração ou do espírito o julga péssimo." (Castilho, *Cartas*, 100);

"De boca mesmo ele não soltava um isso de proposta. Só um suspiro na hora da despedida, um piscarzinho de olho, um *apertãozinho* mais forte de mão, essas coisas." (Drummond, *Boca de Luar*, 58).

*

É notório que crianças e filhotes de animais, principalmente domésticos, recebem normalmente tratamento carinhoso. Do fato resultou a linguagem hipocorística, que utiliza com grande proveito o sufixo diminutivo, de real eficácia na expressão de carinho.

Mais do que pela pequenez da criaturinha que gerou – sangue do seu sangue e projeção de sua alma, – a mãe verdadeira traz do coração aos lábios a terna palavra *filhinho*, quando a ele se dirige, tomada de emoção. O pai não procede diversamente, e a ternura se transfere ao bebê. Este, tão logo lhe vem a aptidão para balbuciar palavras, retribui a doçura do tratamento com igual tonalidade de voz: *Mãezinha! Paizinho!* Transfere-se deste modo, da criança ao adulto, a modalidade afetiva da linguagem. Vejam-se exemplos:

- "– *Mãezinha*, cadê a janta?" (R. de Queiroz, *O Quinze*, 37);
- "– Já disse a você o que é; cousas de sogra. *Mamãezinha* tem ciúmes de você" (M. de Assis, *Casmurro*, 354);
- "– Não, *paizinho*, não! quero ir com você!" (Drummond, *A Bolsa a Vida*, 217);
- "– *Papaizinho*, como passou? dizia ela batendo-lhe na face." (M. de Assis, *Contos sem Data*, 19);
- "– Minha *filhinha* está a expirar, / disse Jairo a Jesus /; e suplico-te que venhas pôr as mãos sobre ela, para que sare e viva." (*São Marcos*, V, 23);
- "Quando a filha está *doentinha* / Vela a mãe à cabeceira; / Nunca achou uma rainha / Tão delicada enfermeira." (G. Junqueiro, *Musa em Férias*, 33);
- "– *Queridinha*, disse o comendador à esposa esperemos outra carta, e tu verás a minha inocência mais pura que a de uma criança de berço." (M. de Assis, *Contos Esquecidos*, 94).

Adido ao substantivo, contribui o sufixo para minorar a expressão de ato, coisa ou pessoa:

- "Melchior escreveu ao genro que viesse; Sales respondeu que sim, mas que antes disso precisava dar uma *chegadinha* ao Rio de Janeiro, coisa de poucas semanas." (M. de Assis, *Contos sem Data*, 98);
- "Só não gostou da notícia o meu tio juiz. Maçada. Incomodarem-no por causa dum *crimezinho* tão á-toa. E tinha razão. O delito do mulato não valia uma casca de ostra." (M. Lobato, *Cidades Mortas*, 81);
- "Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração. Às vezes uma voz atalhava: – Dona, uma *esmolinha*..." R. de Queiroz, *O Quinze*, 44);
- "– Ora vê isto, senhora Helena! / diz o pai acerca dos filhos:/ vê estes *brutinhos*?! – E com entono, de *palmatória* alta, fazendo-se carrancudo: – Caluda, seus fedelhos" (T. Coelho, *Os Meus Amores*, 122);
- "O essencial é que na caixa houvesse algum /dinheiro/... Ao menos *cem mil réizinhos!* *Hã? Pois não teria sequer cem mil réis?!*" (Miguel Torga, *Contos da Montanha*, 23);

"Têm me aparecido umas *dorzinhas* do lado esquerdo..." (Adolfo Caminha, *A Normalista*, 178);

"...não diria que de vez em quando não se abandonasse a um *excessozinho*" (Eça de Queirós, *Os Maias*, I, 234);

"– Garçon, por *favorzinho*, meu amigo, traz depressa mais uma dose para eu narcotizar minhas potencialidades." (Drummond, *Boca de Luar*, 60);

"Deve-se começar pelo *latinzinho*, deve-se começar por lá... É a base; é a *basesinha!*" (Eça, *Maias*, I, 77);

"Fala tão bonito que a gente vê barrinhas de ouro saltarem da língua dele. Mas é só de *mentirinha*." (Drummond, *Moça Deitada na Grama*, 19);

"A moça insistia, dizendo que era só *um minutinho* e que ele, dono, bem podia abrir uma exceção para ela, por se tratar de caso de urgência" (Idem, *Luar*, 63);

"A senhora pode me dizer o tamanho dele? – Vi *um só momentinho*, acho que tem uns noventa milímetros de comprimento e outros tantos de rabo." (Idem, *ibidem*, 14);

"Aqui já os pequenos têm a sua *obrigaçõzinha*, os seus deveres a cumprir, as suas coisas..." (T. Coelho, *Amores*, 121);

"Margarida não sentiu, para com a irmã, nenhum desses *odiozinhos* feminis, que em tantas tempestades se desencadeiam às vezes." (Júlio Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*, 118);

"O assunto /História da Terra? é magnífico, – e depois, que diabo! uma *penitenciazinha* de vez em quando, por amor à ciência..." (M. Lobato, *Cidades Mortas*, 89);

"– Queria *um recibinho*, se *lhe não* custa, reverendo senhor abade." (C.C. Branco, *Prazins*, 67);

"Verdade é que o nosso Voltaire – sempre brincalhão e sarcástico, – ao passo que *lhe* teceu grandes louvores, fez um *reparozinho* de má língua." (M. de Assis, *Crônicas*, 22 51-2);

"É uma vidinha cansada, esta de guarda-livros." (Adolfo Caminha, *A Normalista*, 176).

*

Como desinência de qualificativo atribuído a pessoa de estima, tem – *inho* a virtude de abrandar o rigor por ele expresso, conforme o demonstram as seguintes passagens:

"– Esta pequena sabe tudo! – Quase tudo, emendou Helena; ignoro, por exemplo, como *lhes* hei de agradecer... – O quê, *tontinha?* interrompeu a tia." (M. de Assis, *Helena*, 3, 124);

"Aí vais rir, minha *cruelzinha*, destas confidências; tu que não amas, vais zombar de mim que não me alistei nas bandeiras do amor." (Idem, *Contos Recolhidos*, 236);

"Gosto de você... até nem sei por quê. Mas fico por conta vendo você tão *ignorantezinha* em poesia, que para mim é o máximo." (Drummond, *Poder Ultra-Jovem*, 14);

"Quem havia de dizer que aquela *sonsinha* da Margarida... – observou o tendeiro." (J. Dinis, *Pupilas*, 326).

*

Uma das mais apreciadas aptitudes do sufixo – *inho* consiste em suprir deficiência de grau intermédio ao normal e ao superlativo sintético. *Doentíssimo*, por exemplo, é demasiado forte para se enunciar um estado, que, não obstante anormal, pode não ter a gravidade que faz supor. Analiticamente se costuma dizer *meio adoentado*, *um tanto doente* ou locução desta guisa. Ora, o sufixo convém à síntese: *doentinho*. A sua capacidade supletiva, acrescida do tom afetivo, é comprovada na prática em construções como estas:

"Sede felizes, e não deixeis estar ali tão *acabadinha* a vossa Mariana." (C.C. Branco, *A Bruxa de Monte Córdova*, 208);

"Deixe passar mais uns meses, e vê-lo-emos *coradinho* como uma pitanga." (M. de Assis, *Contos sem Data*, 59);

"...nem mais um abraço / da amada/ ao voltar da escola, *cansadinha*, o rosto afongueado pelo calor" (Adolfo Caminha, *A Normalista*, 23);

"Vá-se sentar, e brinque *caladinho* que a Badinha quer ler." (R. de Queiroz, *O Quinze*, 101).

"– Bons dias, tia Rosa. Então como vai lá o seu velho? Fero e rijo, hein? – Muito agradecida a V. Ex^a. Está *fraquinho* ainda, e por isso..." (J. Dinis, *Pupilas*, 124);

"– Tu é que estás *magrinha*; estou te achando tão abatida, tão pálida..." (A. Caminha, *A Normalista*, 176);

"E quando dizia isto o seu rosto *miudinho* e muito pálido todo se iluminava de prazer e sorria de íntima gratidão." (T. Coelho, *Amores*, 113);

"– ...fica *nervosinho* não, eu agora estou sentindo que o que você falou é uma graça, boca de luar é legal" (Drummond, *Boca de Luar*, 54);

"Elas sabem de tudo, vêem aquilo que, cá de baixo, na confusão, uma criança só pode perceber se ficar de olhos arregalados, *quietinha*." (Idem, *A Bolsa a Vida*, 215);

"A garota sentou-se *tristinha* no patamar de entrada" (Idem, *ibidem*, 193).

*

Além de superlatividade, exprime o sufixo idéia de exaço ou plenitude, em que se apresenta completo ou perfeito o ato ou estado que se enuncia. É o que nos deparamos textos como estes:

"Olhou /Sofia/ em volta de si, mirou a alcova de solteira, *arrumadinha* com arte – dessa arte engenhosa que faz da chita seda e de um retalho velho uma fita...." (M. de Assis, *Borba*, 6, 88);

"– Você está com trinta e quatro /anos/, não? – Feitos. – Ela tem vinte e oito; estão mesmo *ajustadinhos*." (Idem, *Contos e Crônicas*, 64);

"um bentinho que um industrioso lhe vendera e mediante o meu amigo iria *direitinho* ao céu... por um tostão." (Idem, *ibidem*, 188);

"– E sabem por que é que as moças elogiaram vocês? Foi por ver que iam amigos, *chegadinhos* um ao outro." (Idem, *Esau e Jacó*, 8, 74);

"em todos estes sonhos andamos *unidinhos*" (Idem, *D. Casmurro*, 7, 39);

"Decididamente este não me escapa, *tenho-o seguro*... Vai todas as noites à nossa casa, como vês, está *caidinho*..." (Adolfo Caminha, *A Normalista*, 41);

"Sentia muito que o Zuza não se *demorasse mais* algum tempo, mas, enfim, como esperava em breve *tornar a vê-lo formadinho*, com o seu título de bacharel, 'dando sorte' na *capital* cearense, que diabo!" (Idem, *ibidem*, 187);

"As frases iam pingando no *papel*, *umas* traziam as outras, e no fim lá estava aquela *prosa medida, certinha*, que me enjoava." (Graciliano Ramos, *Angústia*, 43);

"...católico, à *menor tolice que faz lá vai ajoelhar* no confessionário, e tem que explicar *tudo direitinho* ao céu... por um tostão." (R. de Queiroz, *100 Crônicas*, 202);

"Lembrava a inocência *com que ela lhe saltava* nos joelhos, o tempo em que a tomava nos braços, *nuinha* e tenra, como um querubim-menina" (J. Américo de Almeida, *A Bagaceira*, 214);

"A mocidade vai perdida; *perdidinha!*" (Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, I, 291);

"Pôs-se Joana a olhar para eles ambos, com ar de contentamento, dizendo depois em voz alta: – Não que parece que foram mesmo *talhadinhos* um para o outro." (J. Dinis, *Pupilas*, 371);

"*Acabadinhos de sair* das garras da Junta, armaram tamanha guerra na Sainça que só faltou tocar os sinos a rebate." (Miguel Torga, *Contos da Montanha*, 34);

"Sou tão funcionário como outro qualquer, e até mais. Veja por exemplo esses que estão por aí *vivinhos* e não comparecem à repartição nem sequer para provar que não morreram." (Drummond, *A Bolsa & a Vida*, 200).

*

Como se não bastasse a intensidade que lhes transmite o sufixo, essas expressões se apresentam não raro reforçadas por partículas intensivas, que as aproximam ainda mais do superlativo:

"...o jansenista não admitia a simultaneidade das duas naturezas, ao passo que elas aí estavam *bem juntinhas*" (M. de Assis, *Cubas*, 260);

"Talvez o que aí fica saia *muito curtinho* depois de impresso." (Idem, *Diálogos e Reflexões de um Relojoeiro*, 56);

"Rubião ficou a ouvir os cavalos das ordenanças, *tão iguaizinhos*, tão distintos, apesar do estrépito dos outros animais." (Idem, *Quincas Borba*, 220);

"...agora expulsa de casa, e *tão pertinho* da sepultura já!" (Fialho de Almeida, *Pais das Uvas*, 177);

"a bem dizer, já cá tenho o meu plano que há de cair *tão certinho* como São João a 24" (Franklin Távora, *O Cabeleira*, 5);

"Não tenho eu vivido até hoje *tão solteirinha* como no dia em que nasci?" (Aluísio Azevedo, *O Homem*, 52).

Originais são locuções que se vulgarizaram como reforço de tais qualificativos:

"Quando a gente via, na esquina, três ou quatro sujeitos *encostadinhos da silva*, com fuzis nos olhos e *petrópolis* na mão, não jurava que eram três ou quatro secretas?" (M. de Assis, *Crônicas de Lélío*, 45);

"Vê-lo agora surgir, *sãozinho da silva*, foi um abrir de boca e um pasmarr à vila inteira." (M. Lobato, *Urupês*, 132);

"A sua própria velhice é uma novidade acrescentada ao *novinho em folha*, das pinturas" (R. de Queiroz, *100 Crônicas*, 95);

"Por isso mesmo *lo* Estado do Rio/ vai ser espanado, lavado, retocado, cromado e posto em funcionamento como estado *novinho em folha*." (Drommond, *Moça Deitada na Grama*, 35).

*

O sufixo – *inho* é ainda um reflector de satisfação devida a ganho, lucro ou conquista, afinal, de algo desejável ou esperado, tal qual o indicam estes lances:

"Ele é verdade que ia vender as reses envenenadas, que receberia por elas *um cobrinho*, compraria um burro, talvez dois, //mas é certo que não as ia vender em Sorocaba." (M. de Assis, *Crônicas de Lélío*, 261);

"Cada qual corre com o escudelho da família para receber uma *porcentagenzinha* de sensações." (Idem, *Ibidem*, 240);

"Devo agradecer ao céu a fortuna que me deu. *Um pratinho melhor à mesa*." (Idem, *Outras Relíquias*, 33);

"– Mas o *dinheirinho* no fim do mês não se enjeita, esse nem por ser brasileiro, fede." (Graça Aranha, *Canaã*, 220);

"Quem se guia pela rotina sempre salva o seu *lucrozinho* e vai indo para a frente, embora devagar." (M. Lobato, *Jeca Tatu*, 272);

"bom ordenado, comida com fartura, seu copo de vinho ao jantar e daí até, quem sabe? talvez seu *vestidinho* de vez em quando..." (Aluísio Azevedo, *O Homem*, 73);

"Batista anunciou Vilaça, que lhe vinha falar de uma venda de montados no Alentejo, pertencentes à sua legítima. – *Negociozinho* – disse o administrador, pousando o chapéu a um canto da mesa e dentro um rolo de papéis – que lhe mete na algibeira para cima de dois contos de réis..." (Eça, *Os Maias*, I, 314).

*

Carinho tem por origem o latim *carus*, caro, que, com o significado de querido, inclusive, passou ao português. Vê-se que lhe foi aditado o sufixo – *inho*. Nenhuma palavra, portanto, mais adequada à designação do sentimento de ternura na linguagem hipocorística. Mas além de pessoas da família e outras benqueridas, recebem este tratamento afetivo as que pela carência ou situação aflitiva são dignas de comisseração. Seguem-se exemplos:

"O pequeno chorava mais. – É fome, *coitadinho!* – disse a Sr^a Joaquina." (T. Coelho, *Amores*, 272);

"*Descalcinha* e pobre, mas sem ar mendigo, / nada mais esvelto, mais encantador!" (G. Junqueiro, *Os Simples*, 30);

"Mas também há almas, *pobrezinhas* delas! / Que à romagem d'oiro não acodem já!" (Idem, *ibidem*, 66).

"o *desgraçadinho*, limpando maquinalmente as pálpebras molhadas, recomeçava a gemer, estendendo a *mãozinha* mirrada como a pedir esmolas" (C. Neto, *O Morto*, 204);

"Angélica fugiu desta casa, à conta de a quererem casar com um brasileiro, e foi *desgraçadinha* lá por esse mundo." (C.C. Branco, *A Bruxa*, 206).

"A virtuosa pobre tinha santidade de ver o futuro, e para logo adivinharam que a *doentinha* morreria." (Idem, *ibidem*, 203);

"Pedi uma esmola a esses senhores; e, se vo-la derem, ide comer alguma coisa mais substancial, e assim dareis melhor sangue a estes *enfezadinhos*." (Idem, *ibidem*, 224).

*

Outrossim despreensão ou modéstia pode revelar o sufixo, no falar de pessoas comedidas:

"Muito bons dias. Lá de casa mandam dizer que aqui está a *encomendinha*." (T. Coelho, *Amores*, 119);

"– Daqui a uma semana o senhor vai lá em casa e conhece /Aí da Isabel/. Damos uma *reuniãozinha*, bebe-se um chope." (Drummond, *A Bolsa & a Vida*, 18);

"– Conceição, minha filha, manda fazer café e traz um *calicezinho* de licor para Vicente." (R. de Queiroz, *O Quinze*, 62);

"– Meu senhor, uma *esmolinha* por amor de Deus!" (M. de Assis, *Esau e Jacó*, 8, 235);

"Sei que é inteligente e lido; há de me dizer francamente o que pensa deste *trabalhinho*." (Idem, *Contos e Crônicas*, 73).

O pedido do pobre pode ter segunda intenção: insinuar que não é difícil dar, quando nada, pouco...

*

A apreciação dos casos em que se desdobrou o sufixo diminutivo, passando a exprimir emoções as mais variadas, mostra a dificuldade de ser ele metodicamente ordenado. Tenha-se patente que o mesmo vocábulo, tal seja a situação, pode apresentar sentidos de todo opostos, aqui propício, ali depreciativo:

"A mamã mandou à *mulherzinha* não sei quantos cruzados novos" (C.C. Branco, *A Bruxa*, 221);

"A preta apanhou um a sova que não lhes digo nada: ficou em sangue. Que a tal *mulherzinha* era das arábias!" (M. de Assis, *Contos Esquecidos*, 257).

Artimanha ou malícia reflete-se em advertências como esta:

"Já as mulheres pegavam no menino, – aconchegando-o com mil carinhos. E o José Grilo da porta: – Então vem ou não vem?! E quando depois chegaram as mulheres: – *Com jeitinho*, hem?" (T. Coelho, *Amores*, 273).

Algo de resignação vislumbra-se aqui:

"tendo perdido um anjo que Deus me deparou por mulher, vim viver, neste *cantinho*, disposto a não pedir nem dar nada aos homens." (M. de Assis, *Contos Recolhidos*, 40).

Semelhantemente transparece neste lance o sentimento de conformação:

"– Eu falei por falar. Se fosse possível, um *ordenadozinho* que desse para a roupa." (G. Ramos, *Angústia*, 50).

A ironia não deixa de manifestar-se:

"– E tu não negues, que negas a Cristo! O meu homem é um *santinho*!" (T. Coelho, *Amores*, 268 e 271).

Assaz profusa é a ocorrência de textos em que contribui vantajosamente o sufixo dito diminutivo para denotar depreciação:

"Que se inspirasse Shakespeare com Laffitte, Milton com Chateau-Margot, o chanceler Bacon que se diluísse no melhor Borgonha... e veríamos os acídulos *versinhos*, os destemperados *raciocininhos* que faziam." (A. Garrett, *Viagens*, 61);

"Um *requerimentinho* esgaldado, relativo a não sei que contas da câmara municipal, fez-lhe um discurso análogo ao ato." (M. de Assis, *Crônicas de Lélío*, 17);

"Cada *gloriazinha* oculta picava o ovo, e punha a cabeça de fora, olho aberto, sem penas, em volta da glória máxima do Rubião." (Idem, *Borba*, 6, 147);

"Palha já não resistia ao desmoronamento do capital; e, se uma ou outra vez, dizia alguma *palavrinha* frouxa, agora entregou-lhe o dinheiro com indiferença." (Idem, *ibidem*, 247);

"Conheço essa *gentinha*... oh! se conheço!" (Coelho Neto, *Turbilhão*, 283);

"– A senhora já viu? A tal *sujeitinha*... nem para agradecer o que fiz pela mãe... como se eu tivesse obrigação." (Idem, *ibidem*, 363);

"...e com aquele *caraterzinho* orgulhoso e cheio de intransigência, se não casar quanto antes, irá sofrer muito" (Aluísio Azevedo, *O Homem*, 42);

"Você pensa que minha terra, não sendo marítima, tem um *punhadinho* à-toa de ilhas? Está muito enganada." (Drummond, *Boca de Luar*, 50);

"Broto, não faz unha de mulher, que é *fominha*, faz unha de homem." (Idem, *A Bolsa & a Vida*, 132).

*

A pesquisa de material pertinente à evolução do sufixo *-inho* revela que são indefiníveis os limites da expansão que ele vem atingindo. Atesta, além disto,quão valiosa é a contribuição de que se beneficia a linguagem, especificamente no que toca à enunciação de idéias tangidas de emoção.

O rol de exemplos aí desdobrado, ainda que reduzido, tem autoridade bastante para obstar a temeridade dos que, precipites, mal agouraram a avezinha que julgaram implume e que, todavia, alçou vigorosa o seu vôo para a imensidão...

EM DEMANDA DA GÊNESE: UMA METODOLOGIA DE TRABALHO

Sônia Maria van Dijck Lima
USPB

Para Léopoldo Sédar Senghor (1989), "preservar os testemunhos da criação e do pensamento e tornar acessíveis à pesquisa internacional os manuscritos dos criadores intelectuais é um gesto de profundo civismo mediante o qual afirmamos nossa identidade e asseguramos a continuidade, a sobrevivência de nossa herança cultural. Tal herança não é um momento empoeirado, uma reminiscência erudita ou elitista, mas o espaço de um verdadeiro 'culto dos ancestrais' que fecunda e revigora o projeto das gerações que a recebem". Concepção semelhante à do escritor e estadista senegalês parece ter animado pesquisadores de vários países, renovando o interesse pelos documentos de arquivo. Cada vez mais, buscam-se dados que auxiliem a melhor compreensão das relações culturais e literárias e, principalmente, que iluminem o conhecimento da criação poética, pois muitas pesquisas propõem-se ao estudo da gênese do texto, segundo os postulados da Crítica Genética.

Não sendo propriamente uma teoria, a Crítica Genética ou Estudo da Gênese Textual traz uma orientação metodológica que exige o estabelecimento de uma nova perspectiva para investigação de manuscritos. Procura verificar, através dos documentos, os mecanismos da produção do discurso, a fim de elucidar os modos de proceder do autor e o processo que preside a escritura. Seu campo de atuação é o arquivo. Seu objetivo, o manuscrito. Seu instrumento, o prototexto, construído operacionalmente pelo pesquisador, a partir da organização, decifração, colação e transcrição dos documentos.

O principal interesse do crítico genético é tentar isolar as operações pelas quais o texto foi sendo construído. Assim, por exemplo, o estudo das rasuras de um documento constitui-se tarefa relevante nesse reencontro do texto em elaboração. O crítico genético, portanto, volta-se para o processo de produção e não para o produto alcançado, definido na forma de livro, disponível nas bibliotecas e livrarias. O estudioso da gênese textual não quer estabelecer o texto definitivo, nem persegue o texto ideal, fruto da "vontade do autor". Esse pesquisador investiga o texto em seu *vir a ser*. Detém-se, muitas vezes, na contemplação do provisório, nos movimentos alternativos de substituição, eliminação, acréscimo. O resultado desse trabalho, o texto (RE) estabelecido em sua gênese, revela fases de escritura, mostra o autor em seu fazer literário, na medida em que reconstitui os paradigmas visitados durante a aventura da criação poética.

Assim, a investigação, perscrutando os testemunhos documentais conservados nos arquivos (planos, rascunhos, originais de obras), permite o reencontro do

autor no curso de uma atividade por nós compreendida como luta contra o espaço branco da página a ser habitado por emoções, desejos, vitórias e derrotas, que se oferecerão ao leitor como elementos poéticos.

A adoção de uma tal orientação metodológica remeterá os estudos literários no Brasil a rumos até então apenas entrevistos no nosso contexto crítico-literário. Como disse Lília Ledon da Silva (1987), depois de "quase duas décadas de incessantes atividades no ITEM/CNRS em Paris, três intensivos anos de pesquisa e divulgação no Brasil com a APML (Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário), não se pode dizer que a Crítica Genética seja, hoje, uma incógnita enquanto disciplina autônoma no campo das ciências humanas e mais especificamente nos setores da Crítica Literária e da LIngüística".

A que pontos nos levarão esses estudos "estamos longe de o saber e a crítica genética levanta hoje questões que vão balizar muito tempo ainda a marcha da pesquisa", como disse Louis Hay (1986). O mesmo estudioso, após sublinhar que a investigação genética não pode ser um interesse limitado à uma só instituição nem a um só país, afirmou que "seu destino vai depender de hoje em diante da dimensão internacional de nossos trabalhos, tanto é verdade que as questões que ela levanta são questões que se dirigem a nós todos" (1986). Participemos, então, da discussão, investigando procedimentos escriturais de autores da Literatura Brasileira.

Para conduzir nossas considerações, escolhemos Hermilo Borba Filho, pernambucano de Palmares (1917-1976), cuja produção se realiza em mais de um gênero. No seu arquivo, tomamos um conjunto de documentos que informam os antecedentes de seu último romance publicado, *Agá* (1974), a saber: um caderno de notas e quatro volumes contendo o texto de *Agá*. Considerando que "um prototexto é uma certa reconstituição do que precedeu um texto, estabelecido por um crítico com a ajuda de um método específico, para constituir o objeto de uma leitura em continuidade com o dado definitivo", conforme lição de Jean Bellemin-Noël (1977), são esses cinco documentos que constituem o prototexto de *Agá*, tendo em vista as relações que mantêm entre si e com a obra publicada.

O caderno de notas possui três conjuntos de registros e só no primeiro deles os apontamentos se referem a *Agá* (ff. 1-35). Aí estão dados que informam um plano geral da obra e detalhes de partes; há referências quanto ao caráter de personagens e quanto à linguagem a ser adotada; há cópias de trechos de autores selecionados e notas de providências práticas a tomar, como correções e alterações a efetivar. A pluralidade de apontamentos levou-nos a considerar o manuscrito como *Caderno de anotações*; a denominação parece melhor abranger sua função e sua relação com *Agá* do que, por exemplo, *caderno de rascunho*, que poderia significar, quase que imediatamente, que houvesse apenas esquemas da obra e/ou esboços de trechos da narrativa.

Os quatro volumes com o texto de *Agá* estão datilografados, com rasuras feitas à mão. Esses documentos trazem colagens de recortes de jornal (o primeiro deles) e fotocópias de desenhos do artista pernambucano José Cláudio (o primeiro e o segundo documentos), como formas de composição do texto romanesco. Vale esclarecer que os desenhos foram solicitados ao artista plástico por Hermilo Borba

Filho em função de *Agá*. A colação mostrou tratar-se de quatro versões de *Agá*, elaboradas no período de maio de 1970 a outubro de 1972.

Tomando-se o *Caderno de anotações*, verifica-se que, desde muito cedo, uma das suas idéias era dar espaço a um conjunto de tipos ou personalidades, que viveriam os episódios na primeira parte da obra, e que seriam sujeitos de cada um dos capítulos, de acordo com o que lemos, por exemplo, na p.3 do Caderno de anotações¹:

[Cap. do Padre: ...]

A insistente referência à introdução de horóscopos (*Caderno*, ff. 7, 14, 31 e 33) mostra que o autor queria doze figuras. Nas ff. 2 e 3, surge uma primeira nominalização desses tipos e, em alguns casos, há pistas do caráter que assumiriam:

+ sério - sério ± sério

As personalidades ou figuras centrais de cada capítulo não foram selecionadas de uma só vez. Seus nomes surgem ao longo das anotações, em folhas distanciadas umas das outras por notas com outros significados, como as citações de autores. As doze figuras escolhidas no curso das anotações, e cujos capítulos estão desenvolvidos na 1ª versão de *Agá*, são as seguintes: embaixador, padre, dramaturgo, cronista social, proxeneta, guerrilheiro, o-morto-carregando-o-vivo, agente funerário, deputado, hermafrodita, ancião, lírico-trágico-cômico-pastoral. Esses doze capítulos são introduzidos por um texto de abertura, onde a personagem Hermilo faz a apresentação de seu caráter e anuncia o sentido pretendido da obra. A partir da 3ª versão de *AGÁ*, as doze personalidades reduzem-se a sete: embaixador, padre, guerrilheiro, agente funerário, deputado, hermafrodita, lírico-trágico-cômico-pastoral.

A segunda parte do romance é constituída por textos indicados em sua titulação como livros. No *Caderno de anotações*, vemos que, a princípio, eram cinco os livros pensados (f.14). Como textos independentes, ofereciam liberdade para que se jogasse com a titulação e conteúdos e, por isso, o autor não parece ter-se decidido facilmente acerca de seus títulos e matérias. Assim é que ele pensou num "livro das Confissões" dividido em dois. "1º" e "2º" (*Caderno*, f.14), que trataria de assunto regional ou da História (*Caderno*, f.19), enquanto o "Livro dos Mortos", de início estaria inspirado no Egito (*Caderno*, f.19) sem outras indicações. Acontece que o "Livro das Confissões" se transformou, passando a tematizar os sete pecados capitais, e o "Livro dos Mortos", buscando a História, tem seus heróis, SÓ BRASILEIROS (assim no manuscrito), citados nas ff. 24 e 28 do Caderno de anotações, o que não significa abandono do modelo recolhido na cultura egípcia. Na 1ª versão de *AGÁ*, passam a ser quatro os livros: "Livros dos Mortos", "Livro dos Conhecimentos Gerais", "Livro das Mutações", "Livro das Confissões". Desde a 3ª versão, a

¹ Nas citações do prototexto hermiliano, usamos [] para indicar rasura; *ileg.* significa *ilegível*. Por interesse em confirmar a datação dos documentos, temos mantido os acentos gráficos empregados por HBF, que são de acordo com a ortografia anterior à reforma de 1971.

segunda parte de *Agá* compõe-se dos seguintes livros: "O Livro dos Mortos", "O Livro das Mutações", "O Livro das Confissões".

Ler o Caderno de anotações e encontrar, nos apontamentos, um planejamento de *Agá* não nos deve levar à conclusão de que o projeto da obra se fez como um momento estanque em relação à construção do texto ficcional. Se é verdade que o Caderno testemunha uma fase de trabalho – o plano; é verdade também que entre esse documento e os demais há uma forte solidariedade, num jogo marcado pelos reajustes em demanda do objetivo comum a todos: a obra. Mais do que atestar a preparação do romance, o Caderno traduz um método de trabalho, no qual plano e escritura se relacionam dialeticamente, na medida que a escritura supera as orientações dos apontamentos tomados, cumprindo-os, descumprindo-os, alterando-os.

Os documentos indicam que o modo de proceder de Hermilo Borba Filho exigia leituras do texto escrito parcial e totalmente; leituras que, muitas vezes, o levavam a lançar no Caderno de anotações um discurso sobre o texto, como medida de orientação do trabalho em curso. Assim, temos no Caderno notas de ações práticas como:

- 8 - Introduzir Entrevista em EU,
Cronista Social.....
 - 12 - Datilografar
 - 13 - Corrigir datilografia
- (f.14)

Essas situações ligam-se diretamente ao autor como sujeito envolvido na carpintaria da obra. Tais anotações não se fazem de uma só vez; distribuem-se pelo Caderno, alternando-se com materiais destinados à ficção. Também o autor indicou suas relações com a escritura e impôs-se personagem da aventura da criação literária, a ponto de se projetar na ficção nesse sentido, destacamos a anotação da f.7 do caderno, onde o possessivo *minhas* é flagrante da intimidade entre o autor e discurso ficcional e da contaminação romanesca sofrida pelo documento não ficcional que é o Caderno:

- 4 - Uniformizar as minhas várias
mulheres para [ileg.] Eva

Apontamentos como:

- [6 Aliviar os palavrões]
- [7 Aliviar as cenas pornográficas]
- [8 Aliviar o mau gosto]

(Caderno, f.31)

provocam uma certa reflexão; como poderiam ser pensadas tais providências se as situações do texto não despertassem as necessidades salientadas? Dificilmente significam puras premonições; os excessos apontados precisam antes ser cometidos

para que se planeje seu "alívio". Logo, havia texto com certas demasias (segundo o senso crítico do autor) no momento da anotação no Caderno; são inúmeras na 1ª versão de AGÁ confirmando o cumprimento desses tópicos.

Não descartamos a possibilidade de que o autor tenha uma concepção da estrutura virtual de sua obra. Mas os documentos informam ao pesquisador a realização e não a virtualidade. No caso em estudo, vemos que o projeto se foi completando à medida que a obra crescia, atualizava-se. Por isso o "Esquema Geral" surge na f.19 do Caderno, ainda que não mostre integralmente a organização completa da obra, pois certas partes já estavam esquematizadas em folhas anteriores e outras seriam definidas com mais clareza adiante. O fato é que o *Caderno de anotações* funcionou como instrumento regulador do trabalho de criação, guardando o planejamento e uma orientação da escritura, além de adquirir uma nuance ficcional ("... minhas várias mulheres ..."). Mas, se o Caderno não se limita ao projeto da obra, nem tudo o que foi planejado nesse documento alcançou realização no texto ficcional. Por outro lado, *Agá*, em todas as versões e na publicação, traz elementos que não estão registrados no Caderno.

Conforme Philippe Willemart (1986), a lição do prototexto põe em cena o autor-"scriptor" e o autor-leitor. Nos documentos que consultamos, o "scriptor", a partir de um mínimo de plano, lança-se à atividade de escrever, retomando o plano para completá-lo, ajustá-lo, segundo as necessidades surgidas na escritura, e anotando ações que deve cumprir na organização de sua tarefa como "scriptor" (corrigir, introduzir horóscopo, etc). Mas envolvido na criação, o autor-"scriptor" afasta-se do planejamento, obedece a imposições da escritura, que ultrapassa as anotações iniciais: introduz elementos não previstos, abandona outros anotados preparatoriamente.

O autor-leitor, voltado para seu próprio texto, acompanha o processo de escritura e dita decisões sugeridas pela leitura: "Aliviar as cenas pornográficas", por exemplo. Por isso, o trabalho de passar a limpo o texto, depois de sucessivas leituras testemunhadas pelas inúmeras rasuras e expurgos, não se limita à tarefa de datilografar mecanicamente o texto; a nova datilografia gera uma nova versão, graças a outras alterações surgidas. O autor-"scriptor" e o autor-leitor continuam em cena.

Situação exemplar desse jogo entre plano e escritura, entre "scriptor" e leitor encontramos no prototexto hermiliano. Sem que constasse no Caderno qualquer referência, surge na 1ª versão de AGÁ uma longa exposição acerca do teatro chinês, como parte do delírio de uma personagem. Na passagem da terceira para a quarta fase de escritura, o autor LÊ a possibilidade de alteração do discurso e explora-a de forma a atualizar uma modificação temática no trecho. Vejamos:

3ª versão de AGÁ

Mao Tsé Tung me espera. Êle ficou de me explicar muita coisa que me tem intrigado neste últimos anos. Ninguém melhor do que Mao para explicar as coisas. O assunto é da mais alta importância. Trata-se de desvendar as origens do teatro chinês. (...) Diz-se que o teatro chinês nasceu da dança e do canto (...). O ator-cantor se encarregava das passagens escritas em verso e não havia distinção entre tragédia e comédia. Mas que é que você tem? Está com medo de alguma coisa? Não, não

fique aí, afastada. Venha para cá. Sim, assim, abraçada comigo. E preste atenção. Os assuntos giravam em torno da bondade filial, vícios, fraquezas nacionais, corrupção oficial, inobservância das leis. O imperador – deus ex-machina – muitas vezes surgia para solucionar um conflito. As cenas violentas eram muito freqüentes, especialmente o suicídio, considerado um costume honroso. (f. 223-225).

4ª versão de AGÁ

Mao Tsé-Tung me espera. Ele ficou de me explicar muita coisa que me tem intrigado nestes últimos anos. O assunto é da mais alta importância. Mas que é que você tem? Está com medo de alguma coisa? Não, não fique aí afastada. Venha para cá. Sim, assim, abraçada comigo. E preste atenção. Quero saber porque lá ainda existem bondade filial, vícios, fraquezas nacionais, corrupção nacional, inobservância das leis, ele, o deus ex-machina, surgindo para solucionar os conflitos. Por outro lado, as histórias de amor são raras e o fanatismo vai até ao absurdo. As cenas violentas são muito freqüentes, especialmente o suicídio, considerado um costume honroso. (f. 170).

Para Louis Hay (1986), existem dois tipos de escritura: uma que se faz partindo de um programa e outra que se revela num processo. Depois de considerar o "caráter fortemente prospectivo e controlado" da escritura programada, esse pesquisador refere-se ao testemunho de manuscritos comprobatórios da "realidade de um processo genético que ignora tanto as estratégias programadas quanto os detalhes de planificação", cumprindo-se substancialmente num trabalho constante de escritura. No entanto, sublinha que entre esses pólos da escritura – programa e processo – há "um certo número de formas intermediárias e esta constatação é interessante por si mesma uma vez que dá acesso a uma descrição tipológica dos processos de gênese".

Como tivemos ocasião de verificar, em seu atelier, o autor nem sempre vive uma fase preparatória distanciada da escritura. Ainda que, didaticamente, procuremos ler no conjunto de documentos dados relativos a um projeto de obra e aspectos que falam mais diretamente da realização da escritura, o mais acertado é compreender que, para o autor, preparação e escritura podem ocorrer de forma simultânea, sendo a variedade de procedimentos ditada pela dinâmica da atividade. Fato é que a criação romanesca não exclui de sua gênese um plano, até mesmo para ser modificado no processo. Por outro lado, se a escritura escolhe seus próprios caminhos fugindo ao planejado, o autor não declina de seu papel de "scriptor" nem de seu papel de leitor; sua presença pode, perfeitamente, ser reencontrada nos apontamentos que traduzem um controle da atividade criativa, nas modificações, correções e expurgos.

Voltando à tipologia sugerida por Louis Hay, entendemos que a escritura hemiliana se realiza combinando os dois expedientes, ou seja, é programada no processo, na permanente relação entre autor-"scriptor", autor-leitor e dinâmica da escritura.

A pesquisa genética, invadindo o silêncio dos arquivos deixa patente que a criação resulta mesmo de planejamento, dinâmica de uma atividade, trabalho, controle crítico exercido pelo próprio autor, influências culturais, relações transtex-

tuais, etc., num jogo em que se defrontam autor-"scriptor" e autor-leitor. Não se pretende, porém, diminuir o valor da obra publicada ou invalidar a leitura dos elementos agenciadores do texto feita por aqueles que elegem o livro como corpus. Para o estudioso da gênese textual, rever o autor selecionando e organizando materiais a fim de engendrar um universo, cujo único alicerce é a estrutura do discurso poético, contribui para definir a criação literária em sua dimensão histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BORBA FILHO, Hermilo. *Prototexto de Agá*. Estabelecimento do texto por Sônia Maria van Dijck Lima. Fonte: Arquivo HBF. Recife.
2. _____. *Agá*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
3. BELLEMIN-NÖEL, Jean. "Reproduire le manuscrit, présenter les brouillons, établir un avant-texte". *LITTERATURE; genèse du texte*, Paris, Larousse, n. 28, déc. 1977, p. 3-18.
4. HAY, Louis. "Nouvelles notes de critique génétique: la troisième dimension de la littérature". In *I ENCONTRO DE CRÍTICA TEXTUAL: O MANUSCRITO MODERNO E AS EDIÇÕES*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1985. *Anais*. São Paulo, 1986, p. 129-147.
5. SENGHOR, Léopold Sédar. *A palavra escrita... uma frágil herança*. Trad. Clóvis Alberto Mendes de Moraes. *O CORREIO: manuscritos modernos*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; UNESCO, ano 17, jul. 1989, p. 4.
6. SILVA, Lília Ledon da. "A prática de uma prática". *BOLETIM DA APML*, São Paulo, Associação de pesquisadores do Manuscrito Literário, n. 6, mar. 1988, p. 7-11.
7. LIMA, Sônia Maria van Dijck. *Gênese de uma poética da transtextualidade: apresentação do discurso hermiliano*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1989. Tese de doutorado. Inédito em livro.
8. WILLMART, Philippe. "O autor não morreu". *FOLHA DE S. PAULO*, São Paulo, 3 ago. 1986, p. 10-11. *FOLHETIM*.
9. _____. "Conceitos de manuscritologia". *FOLHA DE S. PAULO*, São Paulo, 5 fev. 1988, p. 2-3. *FOLHETIM*.

NOTAS E COMENTÁRIOS

MÁRIO SOARES E O 7 DE SETEMBRO

No dia 7 de setembro, data magna de nossa história política, o Embaixador José Aparecido de Oliveira promoveu uma reunião comemorativa, na sede da Embaixada em Lisboa, que se tornou memorável. Convidado de honra foi S. Excia, o Presidente da República Portuguesa, Dr. Mário Soares. A alta significação desse encontro de estadistas decorreu de se ter ele transformado num dos momentos mais expressivos desta profunda realidade que é a integral fraternidade luso-brasileira. O ministro de nossa Marinha de Guerra, Almirante Ivan da Silveira Serra, representante do Presidente da República, fez entrega ao Presidente Mário Soares de um busto de Tiradentes, da autoria do escultor Bruno Giorgi, ato que provocou da parte do Presidente Mário Soares estas palavras: "Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, é hoje para todo o Brasil uma figura mítica, um herói, um mártir e uma referência tutelar. É, pois, essencial que Portugal o assuma como um herói igualmente seu, num sincero ato de contrição e reabilitação histórica." Estas palavras, partindo de quem partiram, dão bem a medida da estatura de um homem público em consonância com as novas formas de sentir do mundo contemporâneo. Teve o Brasil então oportunidade de condecorar duas das mais eminentes figuras da intelectualidade portuguesa, ambas muito ligadas ao Brasil: uma o escritor, romancista e poeta Miguel Torga, emigrado para o Brasil aos 13 anos de idade, onde trabalhou duramente, diz David Mourão-Ferreira, e voltado à pátria aos 18, em que vive até hoje, com a graça de Deus; outra, o ensaísta e filósofo Agostinho da Silva, recentemente falecido, que ilustrou, com sua inteligência e cultura, várias universidades brasileiras.

O Embaixador Aparecido de Oliveira saudou os presentes em brilhante e patriótico discurso, que deu à solenidade o tom de cordialidade e acontecimento histórico que lhe foi marcante. Suscitou, por exemplo, um pronunciamento do Presidente Mário Soares, de cunho excepcional, não só pela acuidade de idéias, mas também pelas circunstâncias de lugar e ocasião. A íntegra das palavras dessa notável oração pode-se ler na edição de 14 a 27 de setembro do JL, de Lisboa, da qual iremos extrair os seguintes trechos, da maior relevância, particularmente num momento em que a crescente aproximação cultural entre os dois países atinge o seu ápice, com a iniciativa da constituição de uma Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, de que é paladino o Embaixador José Aparecido de Oliveira:

"Portugal e Brasil, desde o Tratado de reconhecimento da independência do Brasil por Portugal, em 29 de agosto de 1825, construíram as suas relações numa base de indestrutível fraternidade — "a mais perfeita amizade e com total esquecimento das desavenças passadas", para citar os próprios termos do Tratado. Nesse aspecto,

fomos capazes, até hoje, em todas as situações políticas e independentemente dos regimes vigentes nos dois países, de conservar uma afetividade extrema no nosso relacionamento, porventura sem paralelo no mundo, mas a que terá faltado, algumas vezes, certo conteúdo econômico e mesmo cultural.

Estamos separados de Portugal. *Separados*, com certeza, no plano jurídico – formal, no respeito das independências; mas nunca tão unidos como desde então no plano da afetividade, dos sentimentos – e isso é o que sempre mais conta numa relação, quer seja entre pessoas quer entre povos."

Palavras autênticas, sinceras, indeléveis.

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

Quinto Império, revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, é publicação patrocinada pelo Gabinete Português de Leitura, da cidade do Salvador, Bahia, já agora no seu 3º nº, 1º semestre de 1994. O presente número consta de artigos, conto, poemas, resenhas, notícias. Nele colaboram, entre outras personalidades literárias, Fernando Cristóvão, da Faculdade de Letras, de Lisboa, onde dirige o Instituto de Cultura Brasileira; Edivaldo Machado Boaventura, professor da Faculdade de Educação do Estado da Bahia e antigo Secretário de Educação do Estado; Germano Machado, da Universidade Católica e da Universidade Federal; Maria de Lourdes Netto Simões, Titular de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual da Santa Cruz, Ilhéus; Remy Pompílio F. de Sousa, da UFBA, área de Filosofia; Ruy do Carmo Póvoas, Titular de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia de Itabuna, onde é Diretor.

À nossa colega do Salvador parabéns por mais este vitorioso número e votos de contínuos êxitos em sua missão de unir a Comunidade Lusíada em torno das expressões culturais dos países de língua portuguesa.

*

Paulo José de Sousa nos apresenta um *Moderno Dicionário de Antônimos*, em fascículos, publicação da Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba, com prefácio do Prof. José Maria Barbosa Gomes. O sexto fascículo termina na palavra APEDREJAR. Exemplo de um curto verbete: "ACRE, adj. Acerbo, ácido, amargo, áspero, azedo; *antôn.*: *alcalino, doce, suave.*"

Como se vê, o *Dicionário* é também de sinônimos.

*

ANAIS DO VII ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, vol. 1, *Letras*; vol. 2, *Linguística*. Associação Nacional de Pós-Graduação de Pesquisa em Letras e Linguística, Goiânia, GO, 1993.

Trata-se das atas do Encontro realizado em Porto Alegre, no período de 17 a 20 de maio de 1992. Participaram 512 pesquisadores, e os presentes Anais (vol. 1, 469 págs., vol2, 560 págs.), vindos a lume um ano após a realização do evento, são clara demonstração da eficiência e capacidade da Comissão Diretora, sabendo-se como é extremamente difícil a obtenção de recursos para a edição de publicações do gênero.

O grande número de colaborações nos impede qualquer exemplificação; mas, a título representativo, destacaremos, na parte dedicada à Linguística, a contribuição de nosso colega de redação, Prof. Evanildo Bechara, sobre "Os tipos de significado pertencentes à Gramática e à Lexicologia".

RESENHAS CRÍTICAS

BESSELAAR, José van den. *As Palavras Têm a Sua História*. Braga, Portugal, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1994.

As Palavras Têm a Sua História, o último livro que escreveu o Prof. Doutor José van den Besselaar e ao qual dedicou os derradeiros anos de sua vida, vão ocupar lugar de distinção na série de trabalhos acerca deste gênero de estudos. E esta distinção não se refere apenas a obras escritas em língua portuguesa, já que para nenhum outro idioma se planejou livro com as características deste.

A tarefa de esmiuçar a estrutura das unidades significativas que compõem a palavra, aproxima e distingue o homem da criança na relação estabelecida pelo conhecido mestre da etimologia francesa Antoine Thomas:

L'enfant aime à jouer, mais il aime aussi à casser ses jouets pour voir ce qu'il y a dedans, L'homme fait tient beaucoup de l'enfant, et ce qu'il en garde n'est pas ce qu'il a de pire. Le plaisir de jouir ne le satisfait pas s'il ne se double du plaisir de savoir.

Não se trata de um dicionário etimológico no sentido tradicional em que têm sido escritas tais obras; não é tampouco um estudo meramente onomasiológico dos dezesseis domínios semânticos selecionados pelo Autor ou tão somente uma visão da história das palavras que não despreza seus laços com o patrimônio cultural dos povos que falam as línguas trazidas à baila. É, na realidade um livro em que tudo isto aparece harmonicamente dosado, segundo um plano conduzido por mão de mestre e disposto com tão fino tato didático e com tanta elegância no expor os fatos, que as mais complexas informações ministradas no texto não espantam o consulente nem lhe empanam o prazer da leitura.

Percorrendo as dezesseis seções em que está a obra dividida, entra o leitor – mesmo aquele pouco enfronhado em tais assuntos – em contacto com a formação e devenir de palavras que estruturam e representam a realidade extralingüística, ora no domínio das línguas clássicas antigas, ora no domínio das línguas modernas, sem temer a incursão mais distante no tempo, pelo vetusto indo-europeu.

Nesse jogo de aproximações, de dissemelhanças e de entrecruzamentos lexicais, contemplam-se importantes contactos de culturas refletidos em empréstimos vocabulares de uma comunidade lingüística a outra.

As dezesseis seções de domínios semânticos têm uma primeira parte em que o A. estuda a gênese da gramática histórica e comparada e o indo-europeu com sua diversificação lingüística. Um apêndice final fala de vogais e consoantes, de raízes indo-européias, de evolução das palavras e de modificações fonéticas necessárias ao acompanhamento da leitura do livro.

Esta obra vem encerrar com chave de ouro a longa e profícua atividade científica do Prof. Dr. José van den Besselaar no campo dos estudos lingüísticos e da

história cultural. Aprofundando as raízes do léxico do português e de muitas outras línguas, *As Palavras Têm a Sua História* estão como a convidar-nos a refletir sobre uma antiga lição de Wilhelm von Humboldt acerca da palavra isolada:

"A palavra não constitui a linguagem, mas é sua parte mais importante, isto é, vale o mesmo que a célula individual para o mundo vivo."

Para os que tivemos a sorte de conviver mais de perto com o Prof. van den Besselaar e de acompanhar passo a passo a elaboração desta obra, a leitura agora de *As Palavras Têm a Sua História* traz-nos por inteiro a figura do Amigo inesquecível: a prosa amena, a inteligência aguda e a erudição profunda.

E.B.

NOTICIÁRIO

Foi fundado, em 18 de janeiro do corrente ano de 1994, na Universidade de Leipzig, Alemanha, um CENTRO DE INVESTIGAÇÃO IBERO-AMERICANA, integrado no *Instituto de Romanística* da mesma Universidade. Compõem a sua Direção os Professores Alfonso de Toro, Gerd Wotjak e Eberhard Gärtner, que recentemente nos visitou. Seu principal objetivo é a investigação literária e lingüística nos países hispanófonos e lusófonos, em estreita ligação com os Institutos de Filosofia, História, Sociologia, Jurisprudência e Teatro.

Num momento em que a batalha pela liderança cultural de povos e etnias já se vem travando nos espaços eletronicizados, é animoso saber que a lusofonia mantém e alarga o terreno conquistado no mundo universitário europeu.

*

De 16 a 20 de maio, fez o CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES, BRASILEIROS E AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, da Faculdade da Cidade, realizar um *Seminário Superior de Língua Portuguesa*. Foi a Comissão Organizadora presidida pela Prof.^a Annita Schterb Gorodicht, Diretora da Faculdade. Abriu o Seminário o Dr. Antonio Gomes da Costa, Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras. Do Seminário participaram os seguintes conferencistas: Antônio Houaiss: "O Acordo Ortográfico"; Sílvio Elia: "Dimensões atuais da Linguística"; Horácio Rolim de Freitas: "Sistema mórfico da língua portuguesa"; José Ricardo da Silva Rosa: "Do Português ao Latim. Uma reflexão estilística"; Maria Tereza Gonçalves Pereira: "A linguagem da literatura infanto-juvenil"; Rosa Marina de Brito Meyer: "Situação atual dos estudos semânticos"; Carlos Eduardo Falcão Uchoa: "Reflexões sobre o ensino da língua materna"; Eneida do Rego Monteiro Bomfim: "Estrutura sintática do Português"; Walmírio Macedo: "Estrutura sintática do Português"; Leodegário A. de Azevedo Filho: "A crítica textual moderna"; Antônio Geraldo da Cunha: "Inovação e renovação lexical do português do Brasil". Esperamos que não tardem as Atas de tão auspicioso Seminário.

*

De 16 a 19 de maio, o Núcleo de Estudos Galegos do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, de que é Diretora a Prof.^a Maria do Amparo Tavares Maleval, fez realizar, com apoio da Junta da Galiza, as II Jornadas UFF de Cultura Galega. Assessão de abertura contou com a presença do Magnífico Reitor da UFF, Prof. Manuel Pereira Leite, do Cônsul Geral da Espanha, D. Victor Fagilde, da Diretora do Instituto de Letras, Prof.^a Maria Regina Kopschitz de Barros, da Prof.^a Maria do Amparo Tavares Maleval, Diretora do Núcleo de Estudos Galegos, além de outras autoridades. A conferência inaugural foi proferida por D. Xosé Saez Puga, da Junta da Galiza. As várias conferências e comunicações que se sucederam

contaram com a presença de conspícuos mestres universitários. O nosso Instituto de Língua Portuguesa esteve presente na palavra de três de seus diretores, professores Evanildo Bechara ("A presença do galego nos estudos da língua portuguesa"), Maximiano de Carvalho e Silva ("O interesse pelos estudos galegos no Brasil") e Sílvio Elia ("A face galega do trovadorismo português") e na presidência do Prof. Antônio Basílio Rodrigues. Também participaram os profs. Antônio Geraldo da Cunha ("O léxico medieval galego-português") e Leodegário A. de Azevedo Filho ("Uma leitura simbólica das cantigas de Pero Meogo"), nossos colaboradores de *Confluência*. A Prof.^a Maria do Amparo falou sobre "Álvaro Cunheiro e Bouza Bey, neotrovadores".

Não esqueçamos que galego e português são irmãos gêmeos, floração ibérica do mesmo tronco galego-português.

*

No dia 21 de junho, o Prof. Sílvio Elia proferiu na Academia Luso-Brasileira de Letras, de que é membro efetivo, a convite de seu Presidente, Prof. Kepler Alves Borges, uma palestra sobre "O romance de Almeida Garrett". O Prof. Sílvio Elia buscou acentuar traços característicos da prosa do notável escritor português, sabidamente renovador da linguagem literária do vernáculo, tendo tomado como exemplo a temática e o estilo das saborosas *Viagens na minha terra*.

*

O CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES, BRASILEIROS E AFRICANOS, da Faculdade da Cidade, realizou, no período de 25 a 28 de julho do corrente ano, o seu "Primeiro Curso de Poesia Portuguesa Moderna". Convidado especialmente para ministrá-lo, o Prof. Dr. Arnaldo Saraiva, da Universidade do Porto, Portugal, dedicou-se particularmente ao estudo da poesia, tendo desenvolvido o curso nas seguintes lições: *A poesia de Fernando Pessoa*, *A poesia de José Régio*, *A poesia de Herberto Helder*, *A poesia de Eugênio de Andrade*. Da última aula, *A poesia de Albano Martins*, participou também a Prof.^a Raquel Marques Villardi, da UERJ. A Prof.^a Annita Schterb Gorodicht, Diretora da Faculdade da Cidade, presidiu às sessões de abertura e encerramento.

*

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA, de que é Presidente o Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho, realizou, como vem fazendo anualmente, no período de 25 a 29 de julho último, o seu *Congresso Brasileiro de Língua e Literatura* (o XXVI). Constatou o Congresso de conferências, comunicações, mesas-redondas, projeção de filmes. Dentre os temas tratados, salientamos: *O ensino da literatura brasileira em Portugal* (Arnaldo Saraiva, *A poesia brasileira hoje* (Domício Proença Filho), *A obra literária de Miguel Torga* (mesa-redonda), *Cânone e Literatura: estado atual da questão* (Bella Jozef).

*

No cumprimento de seu programa de aprofundar e divulgar os estudos de Língua Portuguesa em nível universitário, o INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA, do *Liceu Literário Português*, trouxe ao Rio de Janeiro, para conferências e diálogos com professores brasileiros, dois eminentes mestres estrangeiros: o Prof. Dr. Eugenio Coseriu, da Universidade Tübingen, Alemanha, e o Prof. Dr. Eberhard Gärtner, da Universidade de Leipzig, também Alemanha.

O Prof. Coseriu esteve entre nós no dia 24 de agosto e fez substancial e clara exposição sobre a semântica aplicada à língua portuguesa. O Dr. Gärtner desdobrou o tema escolhido "A língua portuguesa em Angola e Moçambique", em duas excelentes palestras, proferidas nos dias 10 e 11 de outubro. Seguiu-se à última palestra mesa-redonda sobre a matéria desenvolvida pelo Prof. Gärtner e dela participaram os professores Laura Cavalcanti Padilha, Gladstone Chaves de Melo, Evanildo Bechara e Alvacyr Pedrinha, todos da Universidade Federal Fluminense. Todos esses eventos tiveram por local os auditórios e salões do Liceu Literário Português. O casal Edison Chini, com a fidalguia e cordialidade costumeiras, teve oportunidade de receber o casal Gärtner, em sua hospitaleira residência teresopolitana, para as delícias de um almoço, sob a competente *connaissance* do anfitrião.

Também esteve entre nós, a convite do Real Gabinete Português de Leitura, o Prof. Dr. Ramón Lorenzo, catedrático da Universidade de Compostela, Espanha. Nos dias 05 e 06 de setembro proferiu duas palestras: a primeira sobre "História externa do galego" e a segunda sobre "O galego e o português: semelhanças e diferenças", ambas do maior interesse e alto cunho científico.

As instituições culturais portuguesas continuam eficientemente, no domínio das Letras, o seu nobre afã de trazer ao público brasileiro o que de melhor se está fazendo, no mundo, no campo dos estudos luso-brasileiros.

No dia 26 de agosto a Academia Brasileira de Filologia, realizou no Auditório da Faculdade da Cidade, sessão comemorativa dos seus 50 anos, já que foi fundada, no Rio de Janeiro, a 26 de agosto de 1944, pelo entusiasmo de um grupo de professores do Colégio Militar do Rio de Janeiro, do Colégio Pedro II, do Instituto de Surdos e Mudos e de instituições de ensino superior (Faculdade Nacional de Filosofia, Instituto La-Fayette, PUC-RJ, Universidade Federal Fluminense).

Na ocasião, por proposta do acadêmico Evanildo Bechara, constituiu o presidente da Academia, o acadêmico Leodegário A. de Azevedo Filho, comissão para coordenar a publicação do *Dicionário Biobibliográfico da Academia Brasileira de Filologia*.

*

O CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES DO BRASIL fez realizar nos últimos dias do mês de agosto o seu II ENCONTRO. Prestou-se então significativa homenagem à Prof^a Dra. Cleonice Berardinelli, Titular aposentada da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelos seus cinquenta anos de

atividade docente e incansável, em prol do ensino e da cultura literária portuguesa. A sessão de abertura ocorreu no Palácio São Clemente, antiga sede da Embaixada de Portugal.

*

De 29 de agosto a 1º de setembro, o INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, da Universidade de São Paulo, realizou, promovido pela *Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário*, um Encontro Internacional, sob a epígrafe "Gênese e Memória". A pauta dos trabalhos foi muito rica e dela participaram numerosos professores brasileiros e estrangeiros. A Comissão Científica teve a integrá-la os seguintes professores: Cecília A. Salles (PUC/SP), Philippe Willemart (USP), Roberto de Oliveira Brandão (USP), Sônia van Dijck Lima (UFPB), Telê Porto Ancona Lopez (USP).

*

A FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA promoveu no dia 05 de setembro mesa-redonda sobre a situação atual do estudo de manuscritos e correspondências, com a presença dos professores Almuth Grésillon e Louis Hay, do Institut des Textes et Manuscrits do CNRS, e do Prof. Pierre Rivas, da Universidade Paris X.

*

No dia 12 de setembro último, comemorou o LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS o 126º aniversário de sua fundação, com uma sessão solene. Presidiu-a o Dr. Edison Chini, Presidente da Instituição. Foi orador oficial o Dr. Antonio Gomes da Costa, Presidente do Real Gabinete Português de Leitura. Em sua oração, o Dr. Gomes da Costa, partindo das notáveis obras já realizadas por essa benemérita instituição nos campos de assistência social, educativo e cultural, traçou, em largas e vincadas linhas, as perspectivas das futuras e próximas realizações do Liceu, sob a segura e eficiente direção do Dr. Edison Chini. A sessão esteve muito concorrida e terminou com um saboroso coquetel de mestre Isidro.

*

No auditório do LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS, proferiu no dia 06 de outubro, o Comandante Max Justo Guedes, Diretor do Serviço de Documentação Geral da Marinha, uma conferência sobre "A vida e a obra do Infante D. Henrique". Na oportunidade foi aberto um concurso, em que puderam inscrever-se alunos da 7ª e 8ª séries do 1º grau e de qualquer série do 2º grau, presentes à conferência. O concurso versava sobre o tema da conferência, devendo os trabalhos ter sido entregues até o dia 26 de outubro. O primeiro colocado obteve como prêmio um fim-de-semana em Porto Seguro, Bahia, extensivo ao seu responsável.

*

Entre os dias 24 e 27 de outubro, o Curso de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará promoveu a sua *Semana da Linguagem*

VIII, realização do Departamento de Letras, difigido pelo Prof. Genézio Fontenelle Pacheco. Programaram-se várias palestras, em que se fizeram ouvir personalidades das mais eminentes da cultura cearense, escritores e professores como Carlos d'Alge, José Lemos Monteiro, Tarcísio Cavalcante, Vicência Jaguaribe, Vera Santiago, José Alves Fernandes, Maria Salete, José Nascimento Braga, Ricardo de Assis Holanda, Luciano Pontes, Josenir Alcântara de Oliveira. Distinguido com honroso convite, compareceu o nosso colega Prof. Sílvio Elia, que, em duas palestras, ocupou-se com o tema "As significações morfológicas". Teve também oportunidade de contactar com os colegas e amigos da Academia Cearense de Língua Portuguesa, tendo então oportunidade de agradecer pessoalmente a outorga do elevado título de Sócio Honorário da mencionada Academia, com que acabava de ser distinguido.

O que é reconfortante e estimulante é ver como, apesar da tese oriunda de certos meios universitários de uma quebra na unidade lingüística do país, continua "a nossa português casta linguagem" de muito boa saúde, amada e cultuada em todos os recantos da terra brasileira.

*

No dia 28 de outubro completou a Academia Cearense da Língua Portuguesa 17 anos de fundação, dedicados ao cultivo e estudo aprofundado do idioma. Pelo entusiasmo de seus membros e pela proficua atuação de seus presidentes, tem a Academia, através de sua *Revista* e do seu *Boletim Informativo*, cumprido com eficiência e zelo a missão para a qual foi criada. O Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português envia à nobre instituição sinceros parabéns e lhe formula os melhores votos de duradoura existência.

*

No dia 24 de novembro o Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português recebeu preciosa doação do Prof. Jorge Mário Barreto, filho do ilustre professor e cultor do vernáculo Mário Barreto (1879-1931), um dos melhores sintaticistas da língua portuguesa, autor de livros que ficaram consagrados dentro e fora do Brasil. Faz parte da doação, além de intensa correspondência com ilustres filólogos e literatos brasileiros e portugueses, significativa coleção de cadernos em que Mário Barreto transcrevia exemplos dos mais variados fatos da linguagem que colhia nas suas leituras.

Pretende, num futuro próximo, o Instituto de Língua Portuguesa, investigar esse rico material de estudo, de modo que as lições do notável sintaticista continuem a proporcionar conhecimento mais aprofundado de nosso idioma.

À família de Mário Barreto, especialmente ao Prof. Jorge Mário Barreto, vão daqui os agradecimentos do Liceu Literário Português, e também aos Professores Haroldo Sumner Negrão, Antônio Malveira e Evanildo Bechara, que propiciaram que tão valiosa doação fosse encaminhada ao Instituto de Língua Portuguesa.

*

O INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA, do Liceu Literário Português, está organizando, com realização prevista para o mês de abril do próximo ano de 1995, um *Simpósio sobre a língua portuguesa e no Oriente*. Da reunião deverão participar professores e especialistas brasileiros, portugueses e estrangeiros, que já estão sendo contactados. Tal evento se insere no conjunto de atividades voltadas para a definitiva constituição, consolidação e ampliação da Comunidade dos países Lusófonos, inspirada iniciativa esta do Embaixador José Aparecido de Oliveira. Com mais de 200 milhões de falantes, língua de cultura e a quinta mais falada no mundo, a língua portuguesa irá ocupar, no cenário cultural do terceiro milênio, o papel de especial relevância que lhe compete no enriquecimento do patrimônio intelectual da humanidade.

*

Prof. Gladstone Chaves de Melo homenageado
pela Universidade de Coimbra.

Como já noticiamos, ao nosso colega Prof. Gladstone Chaves de Melo a Universidade de Coimbra outorgou a título de *Doutor honoris causa*. Para a cerimônia de titulação e em cumprimento ao novo Regimento da instituição, datado de mais de trezentos anos, preparou o homenageado agradecimento em latim, cujo texto publicamos a seguir, acompanhado de tradução ao português:

Scholarum rector sapientissime, egregii magistri

O faustum ne quidem somniis mihi exspectatum diem, quo nobilissimum nomen dignitatemque doctoris Conimbricensis athenaei adipiscor! Tametsi plurimi uestri, uiri doctissimi, hanc atiquam urbem ex Romanis oriundam habitatis, et hac de causa his sollemnibus adsueuistis, non nulli tamen apud uos erunt qui subtiliter aestimare possint quanti sit gnaro rerum pretii Brasiliano Conimbricensis doctoris dignitas.

Ducentis in primis annis antiquior est academia uestra quam patria mea, si patriae quidem nomen ad incultas aptatur oras quae anno millesimo quingentesimo inuentores nostros exceperunt: notum enim est uobis quod geographica Brasiliae imago quam id aetatis habemus non ante quinquaginta et ducentos annos post terram inuentam per Matritensem pactionem adumbrata est. Tria per historiae nostrae saecula et etiam recentiore aetate ii qui ingenuis artibus, iurisprudentiae, medicinae studere uoluerunt Conimbricam uenerunt: non enim prius quam Lusitaniae aula in Flumen Ianuarium transmigravit, anno millesimo octingentesimo octauo, primae in Brasilia scholae conditae sunt, exiguo tamen numero; quam ob rem haud pauci scholastici ex pristina colonia etiam primis undeciesimi saeculi decenniis Conimbricam uenire perseuerauere. Plerique poetarum qui in primordiis litterarum nostrarum floruerunt ad Mondae ripas eruditi sunt; ex quibus unus, Santa Rita Durão, in hoc ipso athenaeo Theologiam docuit. Insignis alius Brasilianus, Ioseph da Silva

Lisboa, qui uirili aetate uicecomes Cairuensis creatus est et a consiliis procuratoris regni fuit, Graecas e Hebraicas litteras hic docuit adulescens. Amplissimus denique uir, Ioseph Bonifatius de Andrada e Silva, primi Brasiliae, Lusitaniae autem quarti Petri consultor potissimus nouaeque nostrae libertatis confirmator, scholasticos Conimbricenses diutius rem metallicam docuerat. Saepe uero excelsi ingenii uiri Conimbricae uixere haud inferiores quam ubiuis gentium magistri eminentissimi, uelut in theologicis et philosophicis disciplinis Ioannes Sancti Thomae et Franciscus Suárez, in philologicis autem rebus Carolina Michaelis de Vasconcelos et Aluarus Iulius da Costa Pimpão. Sed quid plura dicam? A pueritia usque ad adultam nostram aetatem non est dubitandum quin Conimbricensis academia alma Brasiliae mater fuerit.

Haec et alia quae, ne longum faciam, praetereo, et in me et in millibus ciuium meorum fremunt, qui hunc agnoscimus athenaeum, in cuius fortunata dicione tot uiximus annos, fontem et originem Brazilianorum libertatis eorumque insitae naturae, quae ex teneris unguiculis Lusitana est. Haec omnia in hac magnifica celebritate animo agito, uerba dum frustra quaero quibus tibi, rector sapientissime, proprie uereque gratias agam pro dignitate in me collata, quae, uelut aenea columna, perpetuo iuxta longum uitae meae cursum singularis exstabit.

Magnífico Reitor – Ilustres Mestres

É para mim hoje um dia fausto, jamais sonhado. Recebo das mãos de Vossa Magnificência o nobilíssimo título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra!

Poucos aqui, afeitos que estão a estas cerimônias e habitantes que são desta velha Urbe, que ascende aos romanos, poucos aqui poderiam avaliar, na medida exata, o que representa para um brasileiro consciente o título de Doutor de Coimbra.

Desde logo, a Universidade é duzentos anos mais velha que meu país, se realmente pudéramos chamar país à inculta praia que recebeu os descobridores em 1500. Bem sabeis que só duzentos e cinquenta anos depois, com o Tratado de Madrid, se vai delinear o que geograficamente será Brasil.

Durante este tempo, e até bem mais, quem aspirasse a ter curso superior deveria fazê-lo em Coimbra. Só depois de D. João VI, a partir de 1808, é que foram surgindo escolas de terceiro grau no Brasil, ainda muito pouco numerosas para tão vasto território. Por isso, não poucos brasileiros ainda vieram estudar em Coimbra.

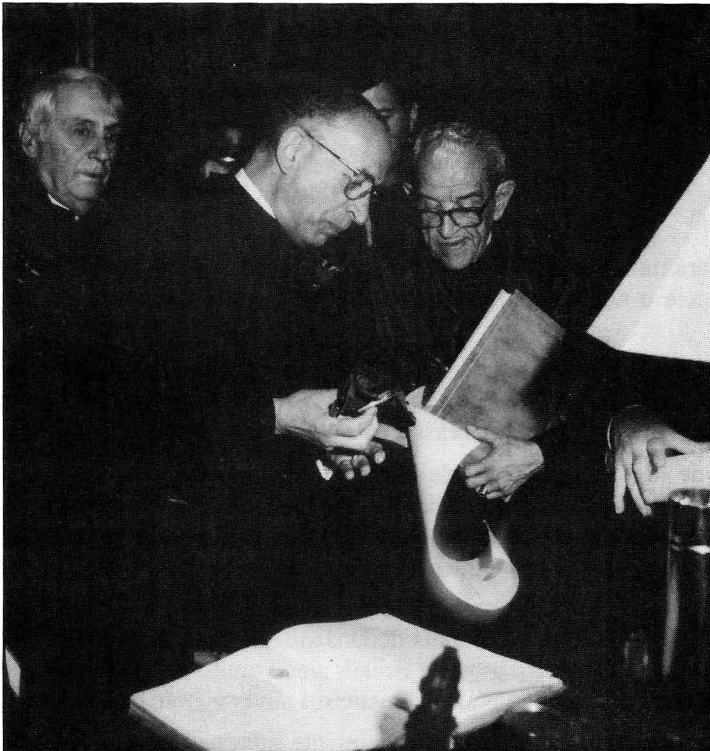
Os principais poetas da nossa incipiente literatura aqui se ilustraram, e um deles, Santa Rita Durão, chegou a ser aqui professor de Teologia. Algum tempo depois, outro brasileiro ilustre, José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu, conselheiro de D. João VI, foi aqui professor de grego e hebraico. Igualmente, um professor famoso desta Casa, José Bonifácio de Andrada e Silva, foi o principal Conselheiro de D. Pedro, Primeiro do Brasil e Quarto de Portugal e, mais, consolidador da nossa Independência.

Ao longo do tempo, por Coimbra passaram homens de alto saber, da constelação universal no ramo da Filosofia e da Teologia, como João de Santo Tomás ou Francisco Suárez, ou, agora no ramo das Letras, Carolina Michaelis de Vasconcelos ou Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

A Universidade de Coimbra foi, portanto, a verdadeira alma mater do Brasil, ao longo de sua formação e depois de emancipado e adulto.

Tudo isto e muito mais, que não explicito por não alongar-me, vibra em mim nesta hora e vibra em milhares de brasileiros conscientes de sua feliz dependência de Coimbra, fonte e razão da nossa independência política e da nossa identidade nacional, portuguesa *ab ouo*.

Considerando estas coisas, delas tendo memória neste momento soleníssimo, vejo-me sem palavras para agradecer devidamente o título que Vossa Magnificência me confere e que fica sendo o marco maior da minha vida, aliás já bem longa.



Professor Gladstone (à direita) recebe o título das mãos do Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra (ao centro).

COLABORADORES DESTA NÚMERO

ADRIANO DA GAMA KURY. Chefe da Pesquisa de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa e Professor de Filologia Românica da Universidade Santa Úrsula. Autor de livros e artigos de sua especialidade.

ANTÔNIO GERALDO DA CUNHA. Lexicógrafo e pesquisador da Fundação Casa de Rui Barbosa. Autor de vários dicionários histórico-etimológicos, vocabulários e índices vocabulares.

ANTÔNIO GOMES DA COSTA. Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e Presidente do Real Gabinete Português de Leitura.

EVANILDO BECHARA. Professor Titular nos cursos de graduação e pós-graduação dos Institutos de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal Fluminense. Professor *Emérito* pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

MARIO VILELA. Professor Catedrático da Universidade do Porto. Tem-se especializado na investigação de Lexicologia e Lexicografia, sobre cujos domínios tem escrito livros e artigos.

SÔNIA MARIA VANDIJKLIMA. Doutora em Letras e professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba.

SÍLVIO ELIA. Professor nos cursos de pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Antigo Catedrático de Latim no Colégio Pedro II e Titular de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

VALTER KEHDI. Doutor em Letras, professor da área de Filologia e Língua Portuguesa nos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade de São Paulo. Licenciado em Linguística Geral pela Université de Provence, autor de livros e artigos de sua especialidade.

VITTORIO BERGO. Professor aposentado de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, autor de vários livros e artigos de sua especialidade.